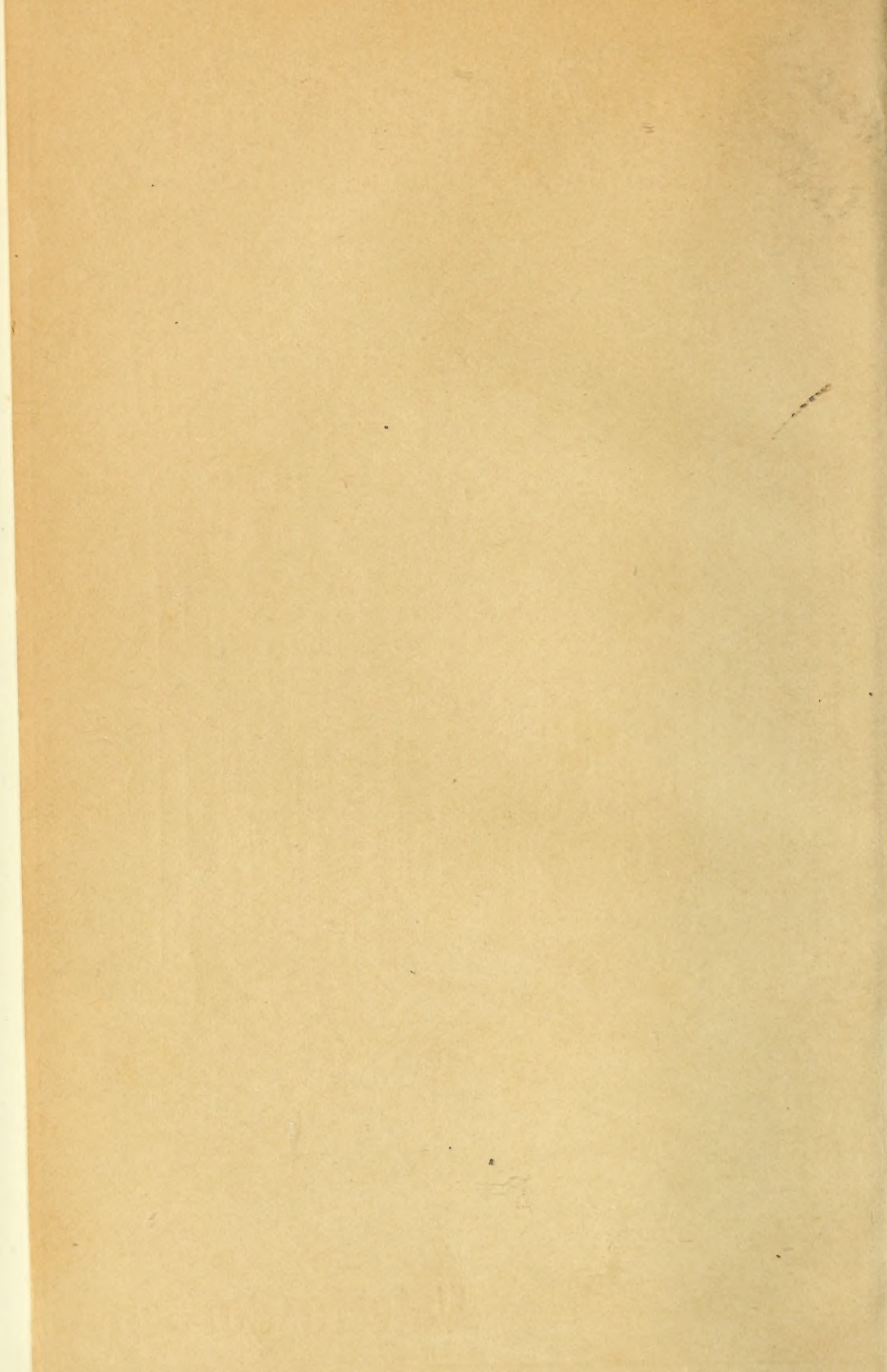
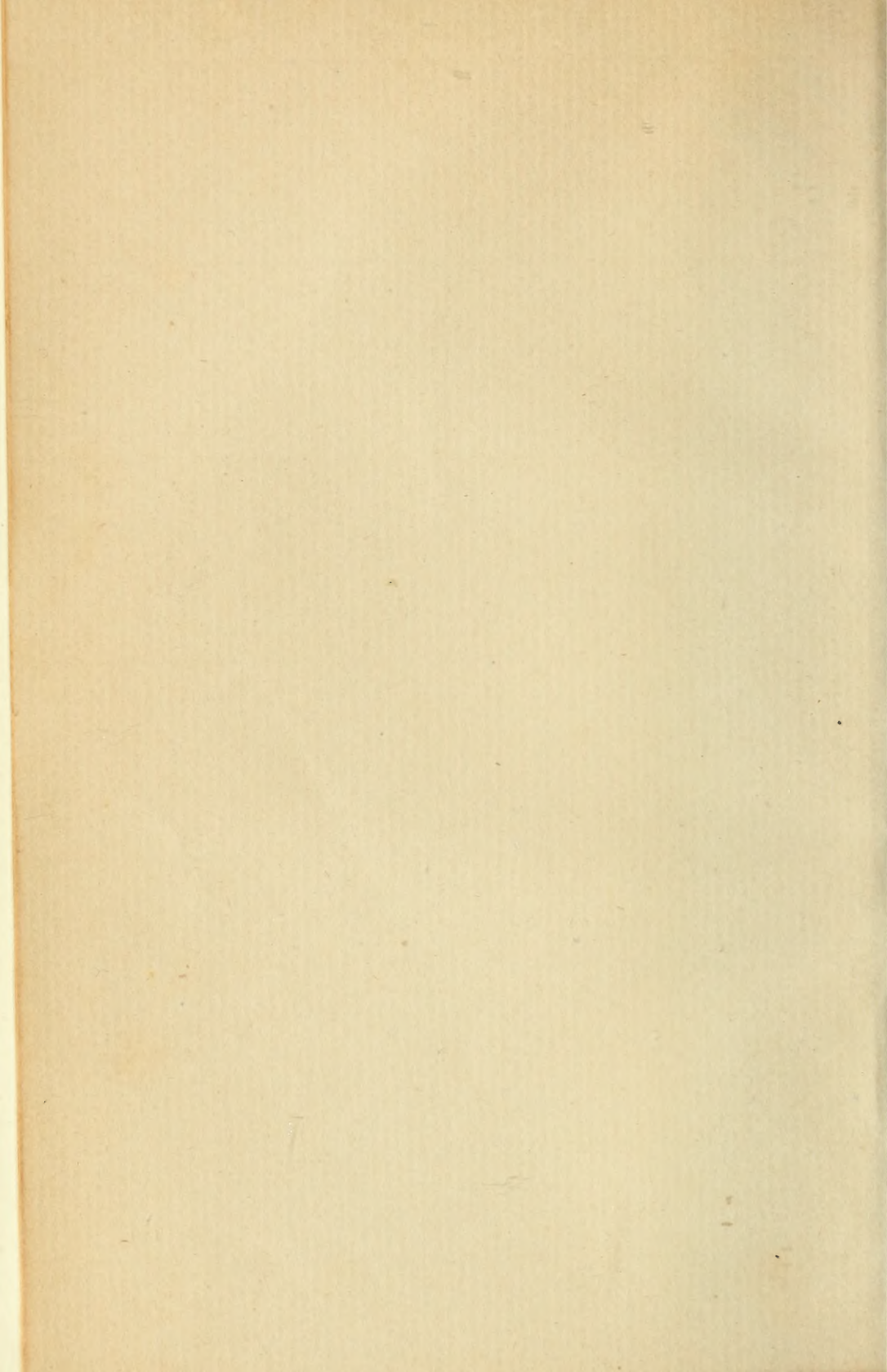
D. Nuno Alvarez Pereira
Santo Condestavel
Valerio Cordeiro

VIDA

DO

Beato Nuno Alvarez Pereira

(SANTO CONDESTAVEL)

Do mesmo auctor:

Vida do Ven. P. D. Gonçalo da Silveira, protomartyr da Africa do Sul. Roma, 1908.

A Bemaventurada Joanna d'Arc, numero commemorativo da sua beatificação. *Echos de Roma*, 1909.

Elogium Patris Dominici Palmieri. Roma, 1909.

P. Matheus Ricci, publicação commemorativa do terceiro centenario da sua morte. Roma, 1910.

Lichens de Setubal. Separata da Broteria. Braga, 1915.

A ultima Condessa de Atouguia, memorias autobiographicas, com um estudo preliminar sobre a direcção espiritual dada á Condessa pelo P. Gabriel Malagrida, 1.ª edição, 1916 (esgotada), 2.ª edição, Braga, 1917.

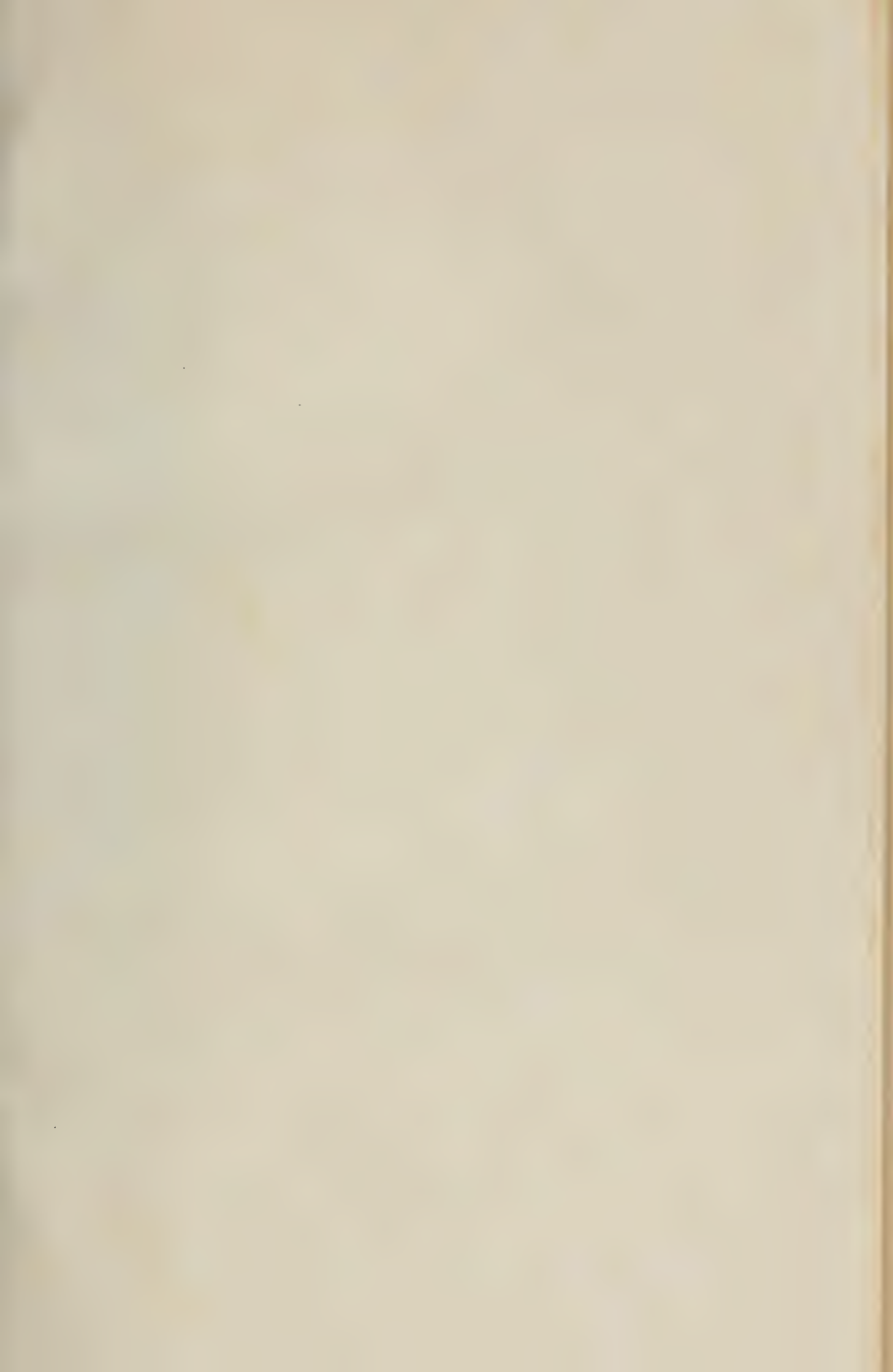
S Cecilia. Virgem e Martyr. Estudo historico, archeologico, e artistico. Porto, 1919.

S. Damaso I. Apontamentos sobre o estado actual dos estudos damasianos. Porto, 1918.

P. Francisco Suáres, (Doutor eximio). Breve resenha da da sua vida e obras. Porto, 1918.

Dr. Sidonio Paes, allocução feita na Egreja da Encarnação depois da missa do 30.º dia, mandada celebrar por uma commissão de alumnas do Liceu Central de Garrett. Lisboa, 1919

Vida Interior, pelo P. Germano Foch; traducção. Porto, 1919.

No prelo: *A Vinda de S. Paulo á Hispania.*

QUADRO DE D. NUNO ALVAREZ

Da casa Pombal

(Reproducção auctorizada pelo Ex.mo Sr. Conde de Oeiras

P.^e VALERIO A. CORDEIRO
Prof. do Liceu Central de Garrett

VIDA DO BEATO

Nuno Alvarez Pereira

(SANTO CONDESTAVEL)

LISBOA
Edição da Livraria Catholica
Rua Augusta, 220

1919

INTRODUCÇÃO

O pensamento de escrever uma vida de Nuno Alvarez, surgiu no meu espirito no mês de maio de 1909, quando assistia em Roma ás grandiosas festas da beatificação da heroina francesa Joanna d'Arc. Collaborando, nessa epoca, nos *Echos de Roma*, graciosa revista do Collegio Português, escrevia o seguinte: «Um pensamento nos preoccupava durante estas festas. Ha na nossa historia portuguesa um personagem egualmente santo que incarna o espirito nacional e o patriotismo lusitano: o *Santo Condestavel* D. Nuno Alvarez Pereira. Parece averiguado que esse varão glorioso teve culto na Ordem Carmelitana, antes do decreto de Urbano VIII. Sendo assim, facil coisa seria o reconhecimento desse culto, podendo tambem nós venerar nos altares o salvador da nossa independencia nacional.

Quantas graças não traria semelhante acontecimento ao nosso amado reino! Aqui fica a lembrança; aos corações patrioticos cabe executá-la».

Poucos dias depois soube que esse processo estava iniciado, que se tratava seriamente do reconhecimento do culto. Procurei immediatamente o Postulador da Ordem Carmelitana, o meu venerando amigo o R. P. Gabriel Wessels, que me recebeu com a maior gentileza. Fallámos com amor, com entusiasmo do nosso *Santo Condestabre.* Parecia-me que me renasciam no coração as vivas impressões colhidas durante a infancia na leitura da vida do Guerreiro-Monge. O. R. P. Wessels entendeu que me podia convidar para escrever uma vida em italiano do nosso Condestavel. Acceitei o encargo, e, com os poucos elementos de que podia dispor, tracei um compendio dessa vida, compendio que foi utilizado, com a minha plena auctorização, pelo auctor da recente biografia italiana de D. Nuno Alvarez. «Os seus apontamentos, diz o R. P. Wessels, numa carta escrita em fe-

vereiro de 1918, serão muito utilizados pelo Battaglia, que escreve agora a vida do Beato. Agradeço-lh'os de novo, porque doutra forma seria muito difficil para um italiano escrever tal vida».

Mas, se esse trabalho bastava para um publico estrangeiro, parecia-me que não devia satisfazer os leitores portugueses. Tinham direito de exigir coisa melhor do que a anterior. Pensei então em refazer o escrito; com o rigor do metodo historico destacar e pôr em claro relêvo a figura nobre do Condestavel; procurar, na medida do possivel, libertar-me de entusiasmos, por ventura mal cabidos; arrancar serenamente da figura do Condestavel a patina da lenda e apresentá-la em linguagem simples com a maior verdade possivel. Para isso, era preciso guiar-me pelas fontes, prescindindo (prescindir não é depreciar) de tudo o que se foi escrevendo depois. A narrativa seria baseada nos auctores mais fidedignos e mais antigos. O estilo seria o mais lhano possivel. Se o consegui, julgarão os leitores. O que posso assegurar é que me

não resolvi a publicar estas paginas sem ouvir a opinião do meu respeitabilissimo amigo o Sr. Cons. Doutor Antonio Candido, o qual, com affecto e dedicação, que não sei como agradecer, percorreu o manuscrito e me animou a publicá-lo. Com tão poderoso suffragio, não se admire o leitor que me atrevesse a lançar á publicidade estas despretenciosas linhas.

Como disse, é nas fontes que fui buscar os elementos da minha narrativa. A primeira dellas é certamente a *Chronica do Condestabre.* «Não soffre duvida, diz o Sr. Braamcamp Freire (1) que este livro é coevo dos acontecimentos que relata, e o mais vetusto monumento da historiographia nacional em lingua portuguesa». Fui-o seguindo rigorosamente, apoiando-me nelle em todas as afirmações que se fazem (2).

Logo em seguida, merece especial credito a *Chronica* de Fernão Lopes, que em

---

(1) Arch. Hist. Cit. por M. dos Remedios.

(2) Servi-me da edição critica feita pelo Sr. Dr. Mendes dos Remedios (Coimbra, 1911).

grande parte copía a anterior, facto que levou alguns litteratos a julgarem que Fernão Lopes seria o auctor de ambos os livros.

Em terceiro logar, a obra de Frei Simão Coelho, de que existe um perfeito exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa, com o titulo de *Compendio das Chronicas de Nossa Senhora do Carmo* (1572). Occupa-se do Condestavel nos cap. 19 a 21; mas infelizmente não dá, sobre a vida de D. Nuno no Convento do Carmo, aquella riqueza de informações que seria para desejar. Estas apparecem copiosas no tomo I da *Chronica dos Carmelitas* de Frei Joseph Pereira de Sant'Anna (1745), em que toda a Parte III trata do Condestavel (em 188 paginas in folio). A Parte IV é dedicada á fundação e descripção do Convento do Carmo. E' claro que dos dois chronistas carmelitas, merece maior consideração o mais antigo. No outro, já apparecem por vezes os ouropeis da influencia lendaria; mas o seu testemunho é precioso em tudo o que se refere ao que elle proprio viu e assistiu. Tambem o Agio-

logio Lusitano de Jorge Cardoso dá preciosas informações sobre Nuno Alvarez.

São estas as fontes que maior respeito historico merecem. Junte-se-lhes o Processo do reconhecimento do Culto, com os documentos que abonam a antiguidade desse culto, largamente utilizado no capitulo que a elle se refere.

Se a narrativa, como se disse, se baseia nestes livros, não me dispensei de folhear com o maior cuidado as outras publicações antigas e modernas que versam o assumpto. Confesso que, por exemplo, ao ler as paginas insulsas de Frei Domingos Teixeira, mais de uma vez bocejei de puro tedio, porque, como bem pode ver quem se dér ao trabalho de o percorrer, nada diz de interessante ou de novo, e o que diz fá-lo num estilo hoje insupportavel. Dos trabalhos modernos, merece menção especial o livro de Oliveira Martins: *A Vida de Nun'Alvares.* Faço minhas as palavras com que o distinctissimo escriptor Sr. Conselheiro J. Fernando de Souza julga este trabalho, na conferencia brilhante sobre

Joanna d'Arc e Nun'Alvares, feita em 6 de maio de 1916.

«*Nun'Alvares* é um livro admiravel pelo encanto da forma, pelo poder d'evocação, pela animação das narrativas, pela piedosa emoção patriotica. Vê-se que o historiador, ou antes o poeta, versou com amor o seu thema e foi empolgado pela extranha fascinação, que em corações portugueses exerce a figura prestigiosa do heroe sem par, aureolada pelo nimbo da santidade...

«Algo porém faltava a Oliveira Martins para comprehender Nun'Alvares. Avassalava-lhe o espirito a flexuosa, contradictoria e obscura philosophia allemã... Faltou-lhe a formação intellectual Christã... Por isso a santidade é para elle uma forma de allucinação. O amor de Deus a que a religião aspira, o anhelo ardente da perfeição moral, as esperanças immortaes da beatitude, transformam-se sob a sua penna, em allucinações, formas de suicidio lento, anceios de aniquilamento, aspirações ao *Nirvana*... Alumiado no fim da vida por uma luz melhor, Oliveira Martins teve decerto

a noção exacta das aspirações da alma christã. Se a morte o não roubasse, em toda a pujança do talento, ás lettras patrias, bem poderia rever o seu Nun'Alvares, e, tendo a comprehensão nitida da psychologia do santo, retocaria sem duvida as manchas que deslustram o quadro notavel, que pintou.» Até aqui o Sr. Fernando de Souza.

Muitas outras publicações modernas se referem ao nosso Heroe. Duas dellas: *O Santo Condestabre* do Sr. Ruy Chianca, e *Nun'Alvares* do Sr. Augusto Forjaz, executaram o conhecido libello de um *cardeal diabo,* com que se procurou desfigurar a memoria do nosso Heroe. Outras, como a interessante plaquette do Sr. D. Manuel José de Noronha: *Nun'Alvares,* são forçosamente incompletas. São esboços e não biografias, como exige o facto da *beatificação equipollente* do Santo Condestavel.

Foi para corresponder a esta exigencia que se escreveu o livro que segue, dirigido de um modo especial á nossa querida Ju-

ventude Portuguesa, e áquelles que desejam um estudo objectivo, breve, que lhes dê idea clara do grande personagem. E' o primeiro que, em lingua portuguesa, se publica depois do acto solemne que legalizou o culto prestado ao nosso Heroe Nacional.

Oxalá contribua para diffundir cada vez mais esse culto e para debellar a crise de caracteres que tão abatida traz a nossa Nação. Com um exemplar tão formoso deante dos olhos, animar-se-ha certamente a actual Juventude a resuscitar em si as virtudes e energias dess'outra Juventude a que pertenceu Nuno Alvarez, e, como ella, reconstruir Portugal, salvá-lo da decadencia profunda a que o vão levando os erros tremendos do nosso liberalismo, destruidor da genuina tradição portuguesa.

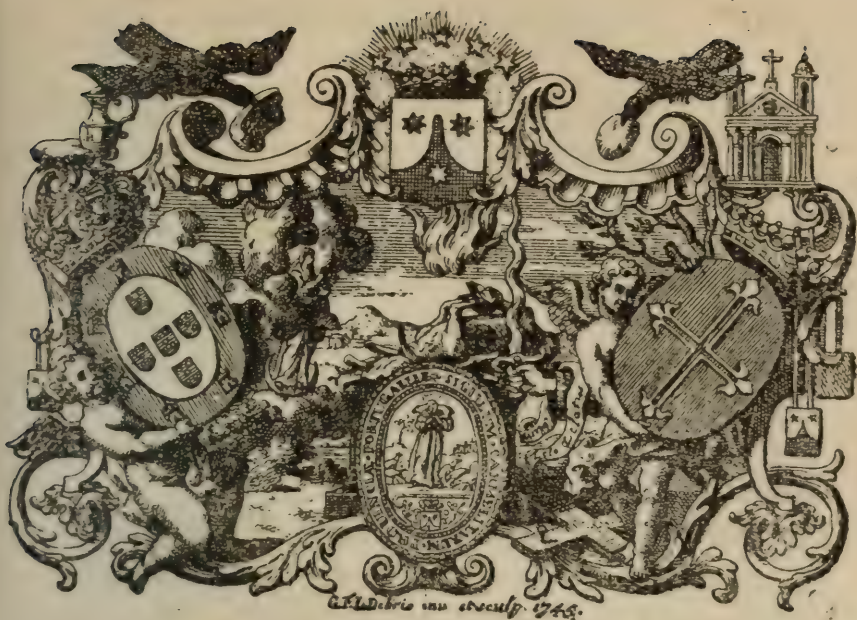
Falta-me agradecer, alem dos respeitabilissimos amigos já mencionados, ás outras pessoas amigas, que tanto me animaram a levar a cabo este trabalho, quer com os seus conselhos, quer contribuindo com materiaes para elle.

Seria ingratidão inconcebivel não pôr em primeiro logar o nome do meu sempre respeitado e querido tio Mgr. Francisco Herculano Cordeiro, pelo carinho verdadeiramente paternal com que me foi ajudando na publicação deste livro, e muito em especial no penoso trabalho da revisão das provas.

Depois, o do meu companheiro de collegio e velho amigo Francisco José de Souza Tavares, proprietario da acreditada *Livraria Catholica,* que tão amavelmente se prestou a editar esta obrazinha com o fito principal de glorificar a memoria do Santo Condestavel.

Seja-me licito ainda lembrar mais dois nomes: o da Ex.ma Senhora Condessa de Paraty e do meu carissimo amigo Mr. Edgar Prestage. A todos o meu profundo reconhecimento.

Lisboa, 1 de Janeiro de 1919.

O Auctor.

Armas de Portugal, da Ordem do Carmo e de D. Nuno Alvarez
(Reproducção da Chronica de Sant'Anna — Frontispicio)

I

O ESCUDEIRO DA RAINHA

Em fevereiro de 1373 a côrte portuguesa procurara em Santarem um refugio seguro contra os Castelhanos, cujos exercitos marchavam sobre Lisboa. El-Rei D. Fernando, de accordo com os poucos fidalgos que o rodeavam, man-

dara reconhecer o inimigo por dois jovens, inexpertos no mister das armas, irmãos, filhos do Prior do Hospital, Diogo e Nuno Alvarez. A' hora de jantar voltavam os dois exploradores. El-Rei mandou-os entrar e, ainda á mesa, quis ouvir as novas que traziam. D. Nuno Alvarez interrogado, respondeu: «que lhe parecia muita gente mal acaudellada, e que pouca gente com bom capitão, bem acaudellada, os poderia desbaratar» (1).

Sorriu a Rainha D. Leonor, e agradou-se do mancebo de 13 annos. Pediu ao Rei que lh'o désse para escudeiro. D. Fernando, que nada sabia negar a essa mulher serpentina que o trazia enleado, assentiu. Mais declarou que tomava o irmão e companheiro para seu cavalleiro. Caprichosamente a Rainha mostrou desejo de, logo alli, armar cavalleiro o seu protegido.

Nuno Alvarez estremecia de alegria. Via chegado o ideal que tantas vezes sonhara, quando lia soffregamente os livros então em moda, as Historias de Cavallaria, como as de Galaaz e da Tavola Redonda. Elle, que se conservara casto e puro, ia receber a iniciação que tanto anciara.

Buscaram-se as armas; o arnez, espada, es-

---

(1) *Chronica do Condestabre* — Cap. 2, p. 5

poras... mas nenhumas havia que servissem ao corpo franzino do donzel. Lembrou-se alguem que as do Mestre de Aviz estavam alli perto. Mandaram-se pedir. Singular destino de Deus, que aproximava assim pelo ideal da cavallaria dois homens cuja vida havia de se unir na resurreição da Patria! Contrastes eloquentes: dum lado o rei «que fizera fraca a forte gente» pela sua fraqueza, simbolizada nessa mulher perversa, verdadeiro fructo da sociedade corrupta dessa epoca Do outro, o jovem Nuno, pallido, loiro, puro como os anjos, fragil creança que nesse momento representava, inconsciente, o futuro Portugal.

Deante do desejo da Rainha suprimiram-se algumas formalidades, que se usavam em ceremonias como esta. Não houve jejuns nem vigilia de armas. A comitiva entrou na capella. A espada já era benta, como benzidas eram as outras peças do ritual. A pergunta liturgica foi feita pelo Rei.

«Qual é a tua intenção ao entrares na Ordem? Para te enriqueceres? Para descançares? Para seres honrado, sem honrares a Cavallaria? (1) Se tal é, vae-te, não és digno.»... O neofito

---

(1) Cfr. Cesar Cantu, *Hist. Univers.* t. V, l. XI, cap. IV. *La Chevalerie*, pag. 267 e seg.

respondia que não, que bem diversos eram os seus ideaes. Elle queria honrar a Deus, a Religião e a Cavallaria: jurava-o na espada do seu senhor e Rei.

A Rainha e as damas da côrte cingiram as armas ao jovem escudeiro: o arnez, a espada, as esporas. «Toma esta espada, cavalleiro. Exerce com ella o vigor da justiça e derruba o poder da injustiça. Defende com ella a Egreja de Deus e os seus fieis; dispersa os inimigos do nome christão; protege as viuvas e os orphãos. O que estiver abatido, levanta-o. O que tiveres levantado, conserva-o. O que está conforme com a ordem, fortalece-o. E' assim que, ufano e glorioso sòmente com o triumpho da virtude, chegarás ao reino celeste, onde reinarás eternamente com o Salvador do Mundo». Terminada esta exortação, a propria Rainha erguia-se, tomava a espada real nas mãos, dava com ella tres golpes nos hombros do neofito, depois uma leve bofetada na face, dizendo: «Eu te armo cavalleiro em nome de S. Jorge e de S. Miguel. Sê valente, corajoso, leal». Depois, coberto com o elmo, tomando o escudo e a lança na mão, costumava o novel cavalleiro montar a cavallo e apparecer á porta do templo, deante do povo que o acclamava. D. Nuno ainda meditava na oração do sacerdote. «Senhor, dissera elle, é para que a justiça tenha um apoio neste mundo

e o furor dos maus um freio, que permittistes áos homens, por uma disposição particular, o uso da espada» (1). E promettia, de si para si, que tal seria o emprego da que havia recebido. Deus, a Patria, que passava por uma das suas maiores crises, a justiça que elle via calcada aos pés por essa sociedade em decomposição, seriam os ideaes que a sua espada havia de defender. Terminada a ceremonia vinha abraçá-lo o pae, o Prior do Hospital D. Alvaro Gonçalvez Pereira, que lhe communicava a resolução de El-Rei, que a seu pedido lhe fizera a mercê de o tomar «para morador em sua casa», dando-lhe como aio seu tio Martim Gonçalvez do Carvalhal, escudeiro no paço e irmão da cuvilheira da Infantazinha D. Beatriz, D. Iria Gonçalvez do Carvalhal, mãe de Nuno. Foi esta senhora, dizem as Chronicas, «uma boa e mui nobre mulher e estremada em vida ácerca de Deus, depois que houve aquelles filhos, e viveu em grande castidade e abstinencia, não comendo carne nem bebendo vinho por espaço de quarenta annos, fazendo grandes esmolas e grandes jejuns, e outros muitos bens. E foi cuvilheira da Infanta D. Beatriz, filha de El-Rei D. Fernando,

(1) J. Fernando de Souza, *Joanna d'Arc e Nun'alvares,* Lisbôa, 1916, pag. 2

que depois foi Rainha de Castella, sendo para ella escolheita por sua grande bondade» (1).

Ficava pois Nuno no paço com mais tres pessoas da familia, a mãe, o tio e seu irmão Diogo. Nascera elle no castello de Sernache de Bomjardim, aos 24 de junho de 1360, e fôra legitimado por ordem de El-Rei D. Pedro, um anno depois. Fôra educado com grande cuidado pelo pae e «criado a grã viço», dizem as Chronicas. Seu gosto predilecto era a leitura de livros de cavallaria, principalmente a historia da Tavola Redonda. Adestrara-se egualmente na arte de cavalgar e no manejo das armas, nas caçadas em que entretinha os ocios da casa paterna. E bem o provou no feito que relatamos, feito que lhe alcançou tão cêdo as esporas de cavalleiro. Não fôra elle o unico explorador; outros tinham sido enviados «cavalleiros e escudeiros... que fossem descubrir terra para verem as gentes de El-Rei de Castella que passavam para Lisboa, que gentes eram e a maneira que levavam»; estes nada acharam nem puderam ver cousa alguma. Só os aventurosos filhos de D. Alvaro

---

(1) *«A mãe de Dõ Nunalvres se chamou Eirea Gonçalvez do Carvalhal, dona de muyta prudencia que depois viveu muy recolheitamente, morreu com muytas mostras de sanctidade, que foi natural Delvas.»* Frei Simão Coelho. — C. 19, pag. 77.

é que tiveram coragem para se arriscarem até ás posições extremas, até avistarem o inimigo.

Conta Fernão Lopes na Chronica de D. João I (1) que segundo o costume da epoca, o pae de Nuno, logo depois do nascimento deste filho pedira a um certo mestre Thomaz, astrologo e grande letrado, o horoscopio da creança, e que o dito mestre Thomaz lhe dissera que este filho havia de ser *vencedor de batalhas* «que seria sempre vencedor em todos os feitos d'armas em que se acertasse, e que nunca havia de ser vencido, contanto que se chegasse a Deus em todas suas obras e nenhuma cousa fizesse em seu desserviço».

Nada mais natural do que contar-se isto á creança para a estimular á virtude, já que a esta estava alliado o successo da sua carreira. Lia o jovem nos livros de cavallaria que a pureza era a virtude que torna invenciveis os heroes da Tavola Redonda, e procurava que a sua alma e corpo se conservassem immaculados. Via como Deus os ajudava, quando lhe tinham sido fieis, e assentava comsigo imitar essa fidelidade. Assim se foi formando o seu animo viril, que tantas attenções atraiu na côrte. A propria Rainha D. Leonor, apesar da sua maldade, não podia deixar de estimar o seu angelico escudeiro,

---

(1) Cap. XXXIV.

tão puro e integro, não obstante o ambiente corrupto em que vivia. Tem a innocencia este condão de se fazer respeitar ainda dos que andam alheados da virtude.

Sobre a familia e ascendentes de D. Nuno muito se poderia escrever. Contentemo-nos com as palavras de Fernão Lopes que celebra a linhagem de Nuno, nomeando o seu avô D. Gonçalo Pereira, bom e grande fidalgo, de quem, antes de ser arcebispo de Braga, nasceu o pae de D. Nuno. Como dissemos, D. Alvaro Gonçalvez Pereira foi Prior da Ordem Militar dos Hospitalarios e grande bemfeitor dessa milicia religiosa. Esteve em Rhodes, para prestar homenagem ao grão-mestre. Construiu o castello de Amieira, de Bomjardim e de Flor de Rosa, perto do Crato; aqui mandou edificar uma egreja, onde jazem os seus restos mortaes. Foi privado de tres reis de Portugal: D. Affonso, D. Pedro e D. Fernando. Teve trinta e dois filhos, sendo D. Nuno o undecimo.

II

NA CÔRTE DE D. FERNANDO

Era El-Rei D. Fernando, no dizer de Fernão Lopes «grande creador de fidalgos e muito companheiro com elles; e era tão mavioso de todos os que com elle viviam que não chorava menos por um seu escudeiro, quando morria, como se fosse seu filho... Era cavalgante e torneador, grande justador e lançador atovolado. Era muito braceiro, não achava homem que o mais fosse, cortava muito com uma espada e remessava bem o cavallo... Era ainda El-Rei D. Fernando muito caçador e monteiro, em guisa que nenhum tempo azado para elle deixara que o não usasse.»

Daqui se póde conjecturar a vida de Nuno Alvarez nos tres annos que passou na côrte. Ahi se foi completando a sua educação de fidalgo, educação de que se póde fazer idea pelos gostos e occupações do Rei. Como em casa do pae, fôra mais ou menos iniciado nestes exercicios, facil lhe foi no paço alcançar certa nomead

como bom cavalgante, torneador, justador e lançador. Tudo isto tornava cada vez mais sympatico na côrte o jovem escudeiro. A Rainha, alegrava-se pela escolha feliz e empregava o seu pagem de preferencia aos mais, nos serviços proprios. Elle acompanhava a soberana nos passeios e festas, elle servia-a á mesa, elle communicava aos próceres da côrte as ordens da esposa de D. Fernando.

Nuno Alvarez, como dissemos, era afeiçoado á leitura dos livros desde os seus primeiros annos. Nos serões da côrte teve elle ensejo de conhecer os trovadores que, já desde o reinado de D. Dinis, iam lançando as bases da poesia nacional, como se póde vêr nos monumentos preciosos que nos foram transmittidos no Cancioneiro d'El-Rei D. Dinis. Além disto, encontrava na livraria incipiente do paço muitos dos seus auctores favoritos: as novellas de cavallaria que tanto apreciava. O Amadis, de Vasco de Lobeira; o romance do Rei Arthur; o de Santo Graal, a quem Fernão Lopes chama de Santo Brial, e que não é outra coisa senão corrupção das palavras Sangue Real, por se tratar nelle do famoso calice onde se conservava o Sangue de Christo, calice escondido num recanto da Hespanha e que só podia ser conhecido de quem fôsse puro, virtuoso e valente; todos estes livros eram o pasto favorito do seu espirito. Na

atmosfera nobre e pura dessas leituras encontrava o jovem escudeiro a triaga para se guardar da corrupção que via na côrte.

A soltura dos costumes era grande. Os fidalgos e sobretudo as fidalgas que rodeavam os Reis, encontravam na vida molle, efeminada, licenciosa dos amos incentivos para as suas desordens. Apesar das suas fallas maviosas e das caridades que fazia a Rainha com as suas damas, o Chronista não duvidou dar-lhe o epiteto vergonhoso de «lavradoura de Venus», dizendo que o manto de caridade servia unicamente para cobertura dos seus deshonestos feitos.

As caçadas eram o divertimento predilecto de El-Rei. «Trazia quarenta e cinco falcoeiros de bésta, afora outros de pé e moços de caça e dizia que não havia de folgar até que povoasse em Santarem uma rua em que houvesse cem falcoeiros». Quando El-Rei ia á caça, continua Fernão Lopes, todas as maneiras d'aves e cães que se cuidar podem para tal desenfadamento, todas iam em sua companhia, em guisa que nenhuma ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fôsse grou e betarda, até o pardal e pequena follosa, que antes que suas ligeiras pennas a pudessem pôr em salvo primeiro era presa do seu contrario... Para raposas, coelhos e lebres e outras semelhantes

selvagens montezes, levava El-Rei tantos cães de seguir suas pègadas e cheiro que nenhuma arte nem multidão de covas lhes prestar podia que logo não fossem tomadas. E porém nunca El-Rei ia vez alguma á caça que sempre nella não houvesse grande sabor e desenfadamento» (1).

O escudeiro acompanhava o Rei, escondido na multidão dos fidalgos e servidores do paço. Para elle era este divertimento occasião de tonificar o espirito e lavá-lo das impurezas que se respiravam na côrte.

O povo leal português clamava contra os desmandos da côrte, contra a cobardia do Rei, que, apesar da invasão do inimigo, continuava numa apatia desesperadora. Corria de bocca em bocca o rifão severamente satirico, que tão duramente castigava o procedimento do monarca: «Eis vol-o vae, eis vol-o vem, de Lisboa para Santarem». Escarnecia da politica tão cheia de incertezas e da falta de tacto e genio guerreiro dum Rei, que ateava as guerras para depois entregar o paiz á devastação do inimigo. Nuno Alvarez estremecia de raiva ao ouvir as noticias que vinham de Lisboa. Emquanto D. Fernando «estava de assecego» em Santarem, o exercito do rei de Castella acampava deante da capital. Hen-

---

(1) Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*—C. I.

rique II com suas hostes assolava os arredores da cidade, queimava os navios ancorados no Tejo, destruia os arsenaes. O assedio era em breve reforçado por uma armada castelhana que bloqueava o estuario e impedia a communicação por mar. Outro exercito invadia o Minho semeando a devastação por onde passava. Acudiam os guerreiros ao Rei, para que fôsse ao encontro do inimigo. D. Fernando não saía da sua politica de hesitações.

A mediação do Pontifice Romano veio pôr termo a este triste estado de coisas. Gregorio XI, que ao tempo occupava a cadeira de Pedro, enviara o Cardeal de Bolonha, Guido de Montier, para vêr se conseguia restabelecer a paz entre os dois principes christãos. A missão do Legado Pontificio foi penosa, mas por fim coroada de exito. Os dois reis ratificavam em pessoa, deante do Legado, em Vallada, o tratado que fôra assignado em Santarem pelos enviados dos soberanos aos 19 de março de 1373. Eram humilhantes as condições para Portugal, mas não tanto quanto merecia o procedimento inqualificavel de D. Fernando.

E o Rei, em vez de tratar da defesa do reino, em vez de recompensar o heroismo dos defensores de Lisboa, mal voltara para ella, movido pelos conselhos de Leonor Telles, mandava levantar forcas para exercer vindicta brutal contra Fer-

não Vasquez, alfaiate que, em nome do povo, ousara contrariar o casamento do Rei com a adultera. Outros populares caíam sob a vingança da Rainha: a uns confiscavam-se os bens; a outros decepavam-se os pés e mãos, pelo crime de, dois annos antes, terem querido evitar o malfadado casamento.

Nuno Alvarez assistia com o coração confrangido a tanta e tão revoltante injustiça. Se o respeito devido á auctoridade regia a gratidão pela dama que o armara cavalleiro e o obrigavam a guardar silencio, não deixava de desapprovar intimamente taes monstruosidades. Parecia-lhe assistir á morte da Patria. Quão diversa dos seus ideaes era a sociedade onde vivia!... Quanto adeantara no conhecimento dos homens, quanta experiencia adquirira nestes tres annos! Como desejaria elle, o cavalleiro da justiça, o patriota dedicado, remediar a podridão que via em torno de si!... Ao menos evitaria ser contaminado por essa podridão. Quanto peores eram os fidalgos com quem convivia, quanto mais corrupta a atmosfera que respirava, mais puro elle deveria conservar-se para a missão a que se sentia chamado, missão ainda envolvida nas nevoas do futuro e que mal podia adivinhar. «Quanto peor o mundo lhe apparecesse, melhor tinha de ser elle para o emendar», diz um seu biografo contemporaneo.

Tinha então dezasseis annos o escudeiro. Estava quasi homem feito. O habito de reflectir profundamente dera ao seu rosto uma certa gravidade que parecia augmentar-lhe a edade. A pureza da sua vida, a castidade immaculada que todos nelle reconheciam, faziam com que o tratassem com um respeito superior aos seus annos e condição. O pae sorria de alegria ao contemplar este filho, seu valido especial, pelos dotes que nelle observava e pela lembrança do horoscopio. Pensou em dar-lhe estado. Buscou-lhe uma noiva egual á posição que occupava; fallou com El-Rei e a Rainha. Fallou com a mãe. Entabolou negociações com a futura esposa; depois resolveu communicar o negocio ao filho que tão alheado andava de semelhantes pensamentos. Era um successo que ia transtornar os seus planos. Havia nelle uma só vantagem: afastá-lo dessa côrte licenciosa e corrupta de que já se sentia enojado.

III

VIDA DE FAMILIA

«Nuno, embora sejas moço, parece-me que é bem e serviço de Deus e tua honra que hajas de casar. E porque entre Douro e Minho ha uma mui nobre dama jovem e de grande bondade, minha vontade é, se a Deus prouver, de casares com ella. E quero saber de ti o que te parece; e non lhe disse mais...»

Longe, muito longe de taes projectos, estava o pensamento de Nuno. Era coisa, diz a Chronica do Condestabre, de que elle trazia a vontade muito afastada. Os seus cuidados eram cavalgar e montear e ler livros de cavallaria «especialmente a estoria de Galaaz, em que se continha a soma da Tavola Redonda.» E como nella via que o heroe do romance, pela sua virgindade, alcançara obrar grandes coisas, tambem elle cuidava em ser casto, em conservar illibada a sua pureza e confiar a Deus a sua resolução. Contudo, como era grande o respeito que tinha ao pae e maior ainda o amor que lhe

consagrava, não quís contrariar abertamente os planos paternos. Deu-lhe, pois, uma resposta evasiva, que foi assim: «Senhor, vós me fallaes em casamento, coisa de que não estava avisado; porisso vos peço por mercê que me deis lugar para nisto cuidar; e então vos poderei responder o que me parecer.»

Alegrou-se o velho com resposta tão sisuda e communicou-a á mãe de Nuno, para que tambem ella usasse a sua influencia junto do filho, a fim de o levar a abraçar o partido proposto. Quando a mãe foi ter com o jovem, este respondeu-lhe com mais liberdade «que sua vontade era de em nenhuma guisa casar». Baldadas foram as insistencias e rogos. D. Alvaro, sabedor disto, encarregou um primo e um dos seus genros, ambos Alvaros, que fallassem com o mancebo. E elles tanto porfiaram que alfim Nuno cedia ao desejo paterno.

A noiva, D. Leonor de Alvim, por sua parte respondera que acceitava o casamento que lhe propunham, se tal fosse a vontade de El-rei. D. Fernando enviou logo um mensageiro á quinta de Pedrassa, em Cabeceiras de Basto, provincia de Entre Douro e Minho, chamando a fidalga, viuva de Vasco Gonçalves Barroso, á corte, que ao tempo se encontrava em Villa Nova da Rainha. Vinha a nobre dama, filha de João Pires Alvim e D. Branca Pires Coelho, com grande

sequito de creadagem e era acolhida com honra pelos Reis.

As mesmo tempo chegavam de Roma as dispensas que se haviam pedido, visto os noivos serem ainda ligados por parentesco. Por ordem de El-rei, vinha egualmente D. Nuno com seu pae. E no dia 15 de agosto de 1376 «o casamento foi feito. E Nuno Alvarez recebido com a dona por palavras de presente, segundo a Egreja de Roma manda: e não se fez outra festa como era razão de fazer: porque ella era viuva», E aqui nota o Chronista, que, embora a noiva fosse apellidada dona, de facto era donzella, como já antes do casamento se assegurara a D. Nuno.

Brazão de D. Nuno Alvarez Pereira

Os noivos partiram para Bomjardim, onde passaram a lua de mel. Folgaram ahi alguns dias, dando occasião ao pae de fazer alarde da sua grandeza e liberalidade. Todos os festejavam como pessoas merecedoras das maiores simpatias. A modestia e modos prazenteiros da esposa de Nuno captavam o coração de todos e, dum modo especial, o do sogro. Foi, pois, dolorosa a despedida dos neo-esposos, quando elles se resolveram a partir para o solar minhoto de D. Leonor de Alvim.

Chegados a Pedrassa, trataram os noivos de

organizar a casa com o fausto que pedia o novo estado. D. Nuno «despendia o seu tempo em tomar honestamente o prazer com sua mulher». Fazia-lhe companhia, ajudava-a a administrar as ricas propriedades. E ella «lhe dava bons conselhos das maneiras que havia de ter em aquella terra onde havia de viver». Como mais conhecedora dos costumes dos fidalgos do Minho, D. Leonor ia-os communicando ao bisonho marido. Este tinha ás suas ordens quatorze escudeiros e vinte a trinta homens de pé, segundo o uso da terra pedia. Eram todos «bons e bem homens, cá elle nunca doutros se contentou em seus dias», diz o Chronista. Com elles se occupava no seu divertimento predilecto, monteando e caçando nas suas extensas tapadas. Procurava adaptar-se á vida dos fidalgos minhotos e gallegos do tempo, evitando, porém, tudo o que não fosse conforme a lei de Deus. Observava, como fiel temente de Deus, todas as prescripções da Egreja «ouvindo suas missas e vivendo bem com sua mulher». Era uma vida perfeitamente patriarcal, genuinamente christã, como se usava então nas nossas provincias. Faltam-nos mais particulares sobre esta epoca. Mas podemos facilmente conjecturar os pormenores desse viver tranquillo de D. Nuno e D. Leonor, alegrado pelo nascimento de tres filhos. Dois, varões, morreram precocemente. A filhinha, Beatriz, foi a

unica a sobreviver á mãe. Nella se concentravam os affectos dos senhores do solar de Pedrassa.

Breve alcançava a estima e amizade dos vizinhos, que não cessavam de admirar as prendas e trato bondoso de D. Nuno. Vinham visitá-lo frequentemente, ouviam da sua bocca a relação das coisas que se passavam na côrte, discutiam juntos os signaes da grande crise por que ia passar a Patria e juntos formavam projectos para a combater. Firmavam-se aqui algumas dessas dedicações e amizades que haviam de acompanhar o guerreiro nas suas futuras proezas. Nos longos serões da casa solarenga, as conversas versavam dum modo particular sobre a guerra. Todos queriam ouvir da bocca de Nuno o modo como vinham aprestados para o combate os exercitos do Rei de Castella, dos feitos dos seus soldados e do modo como haviam sido recebidos na invasão. Por sua parte, narravam as depredações que o inimigo fizera na sua irrupção pelo Minho dentro, queixando-se do abandono em que os deixara El-rei. Durante a conversa, os creados da casa serviam aos convidados vinho, doces e outras iguarias, como então era de uso, preparadas cuidadosamente sob a direcção da laboriosa e modesta castellã. Ella, com suas damas, entretinha-se na costura, lavores, bordados, coisas em que eram habeis as donas dos tempos idos.

Nisto chegam mensageiros de Amieira, onde vivia o pae, trazendo novas tristes do estado da sua saude. D. Nuno partiu immediatamente para assistir aos ultimos momentos daquelle a quem muito amava. Elle, com oito irmãos e outras tantas irmãs, assistiram á morte verdadeiramente christã do auctor dos seus dias, precedida de todas as reparações que exigia o estado em que estava. Os funeraes foram uma verdadeira apoteose do nobre e tão amado fidalgo. Innumeros fidalgos e grandes da terra, muita clerezia, assim de frades como de clerigos, parentes, amigos e creados, formavam o cortejo funebre que acompanhava o feretro, de Amieira para a Egreja da Flor da Rosa, onde o defunto mandara preparar o seu jazigo, «dentro da ygreja de Santa Maria, que elle no lugar fez, em hum fermoso e bem obrado muymento»; egreja notavel pela sua arquitectura e ainda mais pelas romarias, que a ella vinham, attraidas pelas graças e indulgencias de que fôra enriquecida.

El-rei consolava a familia enlutada, nomeando para o cargo do pae o irmão mais velho de D. Nuno, Pedro Alvarez, preterindo os direitos que tinha o commendador de Poiares, Alvaro Gonçalvez Camello. D. Nuno voltava para junto da esposa e retomava o teor pacifico da vida que narramos.

Estava preoccupado com as noticias que lhe

haviam dado os fidalgos que tinham vindo da côrte para assistir ao funeral. Narravam estes como, depois da morte de Henrique de Castella, seu successor, João I, entrara em negociações com o soberano português. Como a figura sinistra de João Fernandes Andeiro, fidalgo gallego, adquirira influencia notavel na côrte. Como as más linguas commentavam as relações desse fidalgo com a Rainha. Este homem, movido pela Rainha, tentava desfazer a clausula que se estipulara na recente revisão do tratado de Vallada, clausula em que se assentara o casamento da princesa real, herdeira do trono, com o filho do Rei Castelhano. Como elle fora enviado secretamente á Inglaterra para negociar com o duque de Lancastre uma alliança contra Castella. Rumores dessas negociações haviam chegado á côrte de Castella; parecia que em breve recomeçaria a guerra; os preparativos, que João I fazia, davam-no a entender claramente.

Passados alguns dias, confirmavam-se as noticias. O Mestre de Santiago, Fernando Ançores, invadira a provincia do Alemtejo. A esquadra portuguesa que, sob o commando do irmão da Rainha, o conde Affonso Tello, fôra bloquear Cadix e Sevilha, tinha sido derrotada em Saltes. Seis mil homens e setenta mil dobras, que valiam os navios, era a perda desse formidavel

desastre. Outros rumores sinistros carregavam o aspecto da situação.

D. Nuno, «tanto que vio o recado de elrey», saiu immediatamente com uma escolta de vinte e cinco lanças e trinta homens de pé. Viera correndo a Santarem e daí voara a Portalegre, onde estava como fronteiro seu irmão Pedro Alvarez. Terminava para Nuno a vida buçolica de Pedrassa, para dar logar á vida de armas.

IV

O SOLDADO

D. Fernando Ançores, Mestre de Santiago, commandava as hostes castelhanas que invadiam Portugal. Começara elle as suas correrias pela região entre o Tejo e o Guadiana, penetrando até Pavia e Coruche, donde levara muita gente presa e grande copia de gado.

El-rei ordenava ao marechal Gonçalo Vaz de Azevedo que fosse entender-se com o Mestre do Hospital e combinasse o melhor modo de repellir o inimigo. Sabendo que este se encontrava em Badajoz, resolveram os portugueses, reunidos em Villa Viçosa, ir caminho de Elvas para o atacar de surpresa. Dividiram os seus homens, que subiam até mil lanças «de senhores e boōs fidalgos e cavalleiros e escudeiros». Havia além disso uns quatro a cinco mil bèsteiros e peões. Na vanguarda, ia Nuno Alvarez. Gonçalo Vaz dirigia a retaguarda. Assim marcharam até ás immediações de Villa Boim.

D'aqui, D. Nuno saiu a explorar o campo,

pelo sobreiral, que fica entre Villa Viçosa e Elvas. Nas ladeiras de Villa Boim caminhavam os bèsteiros e peões. O sol, brilhando nas suas lanças, dava-lhes um aspecto de exercito bem organizado. Esquecera-se, porém, D. Nuno de que estas forças eram as do seu proprio exercito, enviadas á frente da vanguarda. Tomou-as, porisso, como exercito inimigo. Sem mais, com o coração alvoroçado, cavalgou para onde estava o commando, e, apenas chegado, clamou:

— Senhores, boas novas!

— Que novas são, Nuno Alvarez? perguntavam os da vanguarda.

— Digo-vos, senhores, que vós tendes aqui o Mestre de Santiago de Castella que vós ides buscar, o qual vem prestes para nos poer a batalha. E assim nos escusa o trabalho de o ir buscar.

Alegraram-se os valentes portugueses que o acompanhavam na vanguarda; não assim, porém, Gonçalo Vaz, que se receou do exito duma peleja naquelle momento. Contudo, uns e outros se encaminharam para o annunciado inimigo, descobrindo-se então a verdade. Continuaram a sua marcha até Elvas, sitiada pelo infante D. João, que viera em socorro do Mestre de Santiago. Reuniram-se os caudilhos lusitanos em conselho para deliberar o que se deveria fazer com o reforço recebido agora pelo inimigo.

A resolução desgostou profundamente a Nuno Alvarez; os varios fronteiros haviam decidido abandonar a peleja e recolher-se a suas terras. Mais uma vez se malograva o desejo do valoroso mancebo. O exercito português dissolvia-se. D. Nuno voltava com seu irmão para Portalegre.

Parecia-lhe, contudo, que esse procedimento era vergonhoso. Meditou comsigo um modo de o reparar. Sabendo que os filhos do Mestre de Santiago estavam no exercito que assediava Elvas, mandou reptar D. João de Ançores, primogenito do Mestre, para um combate de dez contra dez. Escolhesse elle, entre os seus, dez cavalleiros, e elle levaria outros tantos portugueses. Pelejariam, e o vencido cederia o terreno aos vencedores.

Espada do Condestavel D. Nuno Alvarez

D. João acceitou o repto. Entre os companheiros de D. Nuno estavam: Martim Eannes, commendador de Pedroso; Gonçalo Eannes de Abreu, senhor de Castello de Vide; Vasco Fernandes, Affonso Pires e Vasco Nunes do Outeiro. Pediram salvo-conducto para

Castella, e já estavam prestes a partir, quando a intervenção inesperada do Prior do Hospital, por mandado d'El-rei, vinha tambem desfazer esse plano de desforço.

«Irmão, lhe disse elle antes da partida, vejo que vossa intenção é boa, mas com razão vos posso dizer agora: «*Al cuida o baio e al cuida quem no sella.*» E contava-lhe como El-rei, sabedor do caso, enviara ordem para que tal desafio não fosse adeante. E mais ordenara que ambos fossem immediatamente á sua presença. Iriam juntos, quanto antes.

Nuno não acreditava. Julgava tratar-se dum ardil do irmão para o afastar do perigo. Mas, quando este lhe mostrou a carta do monarca, curvou-se deante da ordem regia. Iria advogar a sua causa ante Sua Mercê. Mostrar-lhe-hia a vergonha de fugir ao combate, depois de um repto tão solemne. Convencê-lo-hia, e voltaria depressa. Que se apressasse, pois, a viagem a Lisboa, onde estava a côrte.

Mal chegou á presença d'El-rei, perguntou-lhe este «como: estava a obra começada com João Ançores.

— Senhor, retorquiu o mancebo, com o rosto inundado dum rubor modesto, Vossa Mercê sabe-o tão bem ou melhor do que eu.

— Dize-me, Nuno Alvarez, de verdade fazieis vós isto que começastes?

— Pela nossa Santa Fé, de verdade e com boa e desejada vontade.

— Mas qual era a razão porque se movia a semelhante empresa?

— Senhor, a Vossa Mercê saiba que por eu ser como sou, vosso creado, e polas muitas mercês que meu padre e meu linhagem, e mesmo eu hei de vós recebidas, e entendo de receber, mais ao deante: em grande desejo de vos servir em tal cousa, que vossa mercê se houvesse de mim por bem servido. E conspirando (considerando) como o Mestre D. Fernando Ançores vos ha feitos alguns desserviços em vossa terra, em esta guerra, que a vossa mercê ha com El-rei de Castella, e como eu não sou em tal estado nem de tanta gente, nem de tal maneira, que lh'o, por agora, de presente, pudesse contrariar, e vendo como João de Ançores é bom cavalleiro e rijo, e é seu filho, o qual muito ama, cuidei de requestar, como de feito fiz, para me matar com elle, dez por dez, como a vossa mercê, já bem sabe. E esto por duas cousas: a primeira porque se a Deus prouvesse de eu d'elle levar a melhor, por fazer nojo e desprazer a seu padre; e emmenda de nojo, que vos elle em vossa terra fez, pois que por agora a mais não posso abranger. E a segunda, porque posto que eu hi falecesse seria com minha honra: e entendo que faleceria bem, pois é por vosso serviço. E porem

Senhor vos peço por mercê que todavia vos praza de ello, e que haja de vós logar e licença para esto cumprir (1)».

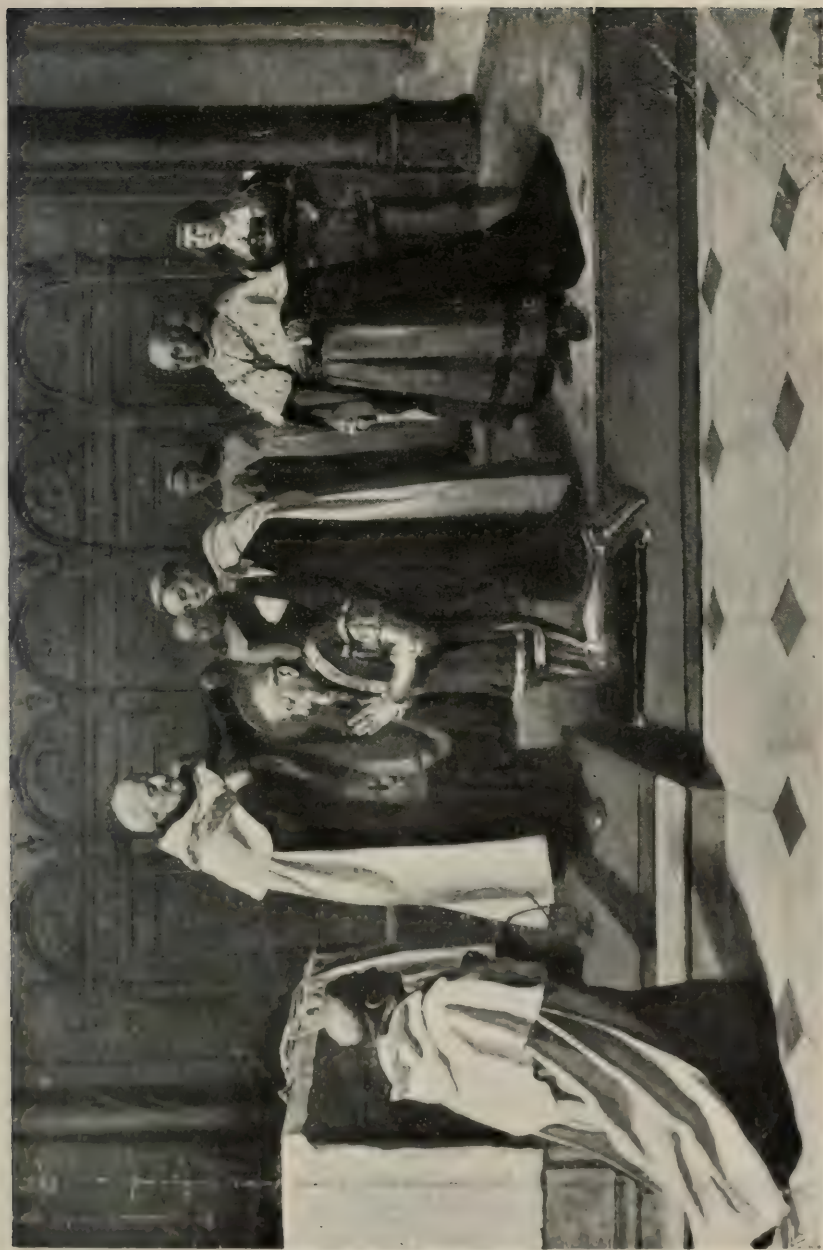
Ouviu o monarca, com prazer tal justificação. Nella se retratava perfeitamente a alma cavalheirosa do escudeiro do paço. Nella se via a dedicação e fidelidade e patriotismo do fidalgo português, a quem elle em boa hora criara. Respondeu-lhe pois assim:

«— Nuno Alvarez, eu vejo e entendo bem que vossa intenção foi e é muito boa, e que vos eu agradeço muito e tenho em serviço; e bem sou certo que de tal e tão bom creado, que eu em vós fiz, não podia sair senão tal cousa, e outras melhores; e esta fiuza houve eu sempre em vós e hei; porque eu para mais vos tenho, e para muito maior cousa. Mas quero que saibaes que a mim não me praz de vós serdes em tal cousa, de que se vos poderia seguir perigo, e não mui grande honra, o que eu não queria; que vós e taes como vós, tempo e logar havereis, prazendo a Deus, para ante mim, em uma batalha ou outros grandes feitos, provardes vossa bondade, em que eu sei que vós não falecereis, com ajuda de Deus. E quando esto fôr, eu terei mais razão e

(1) *Chronica do Condestabre*, cap. XI. Citamos á lettra este dialogo encantador, modernizando uma ou outra palavra na ortografia, a fim de a tornar inteligivel.

azo de vos fazer mercês e vos accrescentar, como é meu desejo. E porem de pordes mãos em tal requesta não me praz, como vos dito hei; até vos mando e defendo que não ponhaes em tal feito mão, nem cureis mais delle.»

Calou-se D. Nuno. Ainda assim o seu espirito não ficara satisfeito; parecia-lhe cobardia não apparecer no campo da honra, para onde citara os contendedores. Procurou, portanto, valer-se de influencias e empenhos para dobrar o animo d'El-rei. Recorreu até aos capitães da frota ingleza, ancorada no Tejo, e em especial do Conde de Cambridge. El-rei, porém, não cedeu, «escusando-se delles na melhor maneira que pôde porque eram estrangeiros», diz o Chronista.

Nuno Alvarez, com o coração quebrantado, obedeceu. O Rei, para o tirar de qualquer nova velleidade, ordenou que D. Pedro Alvarez ficasse em Lisboa por fronteiro e, com elle, seus irmãos.

VESTIÇÃO DE D. NUNO

POR GONELLA

(Reproducção auctorizada pelo R. P. Gabriel Wessels, O. C.)

V

ESTREIA NA GUERRA

Pouco depois de arribar a esquadra inglesa, com o contingente que vinha ajudar-nos contra o Rei de Castella, entrava pelo Tejo a esquadra victoriosa castelhana, para bloquear Lisboa. Fronteiro-mór da cidade era Gonçalo Mendes, homem de poucos espiritos, que não soube organizar a defesa da capital. Nada fazia para se livrar das frequentes incursões dos castelhanos que vinham, em bateis, devastar e roubar nos arrabaldes. «Gonçalo Mendes, diz Fernão Lopes (1), não tornava a ello com algum remedio, nem deixava sahir as gentes da cidade, dizendo que de guardar o logar deviam ter cuidado, e doutra coisa não».

«El-Rei, continua o mesmo auctor, houve della grande melancolia, e disse que lhe parecia que Gonçalo Mendes era nisto tal como o servo que diz no Evangelho: a quem o senhor

---

(1) *Chronica de D. Fernando* — Cap. CXXXVI.

deu um marco d'oiro, com que trabalhasse por seu serviço e proveito, e elle esconde-o sob a terra, sem fazer com elle nenhum prole, pela qual razão foi julgado do senhor por servo mau e preguiçoso. E Gonçalo Mendes, disse El-Rei, por tal deve ser julgado. Queria guardar a cidade onde estava seguro dos inimigos e deixar destruir o termo e logares de redor della!»

Foi em substituição deste fronteiro que chamou ao Prior do Hospital e seus irmãos: Rodrigo Alvarez (o olhinhos), Nuno Alvarez, Diogo Alvarez, Fernão Pereira e Alvaro Pereira. Acompanhavam-nos outros e bons fidalgos.

Em breve se viu o acertado da escolha. Logo depois de o Prior ter tomado posse do seu cargo, correu noticia de que os castelhanos haviam feito uma incursão no termo de Cintra, onde roubaram mantimentos e gado. Immediatamente deu ordem para que se organizasse uma expedição, e foi com ella esperar os inimigos. Estes, habituados a devastar impunemente o paiz, não esperavam resistencia. Grande, pois, foi o seu espanto, quando de repente se viram cercados pelos portugueses. Como vinham descuidados e mal apercebidos, foram facilmente derrotados, ficando muitos mortos e prisioneiros. Quando o Prior entrou em Lisboa com os cativos e os despojos que lhes tomara, houve «grão prazer»

na cidade. Os lisboetas readquiriram confiança nos seus chefes.

Não contente com esta victoria, quis D. Nuno armar outra cilada ao inimigo, que certamente viria desforrar-se do desastre soffrido. Um dia, em que o Prior estava ausente, D. Nuno combina com seu cunhado, Pedro Affonso do Casal, uma espera aos castelhanos que vinham ás uvas dos vinhedos dos arrabaldes. Reuniram uns 23 homens de cavallo e até 30 bèsteiros, e foram-se postar junto da ponte de Alcantara, para além do mosteiro de Santos, perto do Restello. Encobertos pelos muros e arvores, esperavam o inimigo. Entretanto, D. Nuno ia animando os seus e instruindo-os do modo como se deveriam haver na refrega. Nisto divisaram um batel com uns 20 homens das naus inimigas. Vinham ás uvas. Esperaram que os homens desembarcassem; deram-lhes tempo de subir até um barranco, acima da qual estava a vinha, e cercaram-nos; os cavalleiros, pelo lado da praia, os bèsteiros, da parte contraria. Nuno Alvarez desmonta do cavallo e vae atacar os invasores. Tão rijo foi o ataque, que os castelhanos, amedrontados, deram ás de Villa Diogo, com quanta velocidade podiam. Mas de balde. Os portugueses foram-lhes no encalce, prenderam muitos, feriram alguns. Só escaparam os que se lançaram ao Tejo em demanda do barco, a nado.

Das naus via-se a refrega. Excitados pela derrota dos seus, despacham immediatamente bateis com homens de armas, bèsteiros e peões, uns 250 combatentes. Nuno Alvarez alegrava-se. Via chegada a occasião de mostrar o seu valor e de prestar ao Rei um serviço de alguma monta. «Amigos e irmãos, dizia elle aos seus, bem sabeis a tenção para que sahimos, que não cumpre vos dizer mais, e ora me parece que tendes prestes o que viestes buscar, do que deveis ser muito ledos, cá da minha parte eu o sou assaz. E rogo-vos que, pois á mão veem os que desejamos e porque aqui viemos, que vos praza de serdes lembrados de vossas honras e de aporfiar em pelejar; que por causa que avenha nunca tornedes as costas. E para esto, com ajuda de Deus, eu serei o primeiro que em elles toparei; vós seguide-me e fazede como eu fizer, e certo sede que os castelhanos não vos soffrerão, se em vós sentirem esforço de bem fazer, mas logo volverão as costas, porque não teem esperança de outro accorro e assim nos ajudaremos delles, para alcançardes grã fama e muita honra que vos sempre durará.» (1)

Estas e outras palavras que Nuno, cheio de entusiasmo e fé na victoria, dizia aos seus, não tiveram o effeito desejado. Arreceavam-se os

(1) *Chronica do Condestabre* — Cap. XII.

portugueses de travar lucta com tal desegualdade de numero. Os inimigos eram cinco vezes superiores. De mais, Nuno Alvarez ainda não alcançara o prestigio que mais tarde teve. A prudencia impunha-se. Melhor era evitar temeridades. E assim, longe de se adeantarem, os seus iam recuando. Os adversarios desembarcavam sem resistencia e vinham em magotes compactos contra o troço dos lusitanos.

D. Nuno olhou em roda de si e viu com pena que ia rareando o seu esquadrão. Em breve, encontrava-se quasi só, tal é a força do mau exemplo. E contudo, não arredou pé, antes, esporeando o cavallo, lançou-se qual massa de ferro contra o grosso do inimigo. Com audacia que aterrava os proprios castelhanos, D. Nuno brandia a sua lança contra as mós de homens; quebrada esta, arrancava da espada e ia decepando cabeças á direita e esquerda. O cavallo, desesperado pelos golpes que recebia, espinoteava furiosamente, ferindo os circunstantes. Era um leão desesperado defendendo-se contra uma alcateia de lobos furiosos. Nisto, o cavallo ferido baqueia e arrasta comsigo o destemido luctador, prendendo-se á cilha uma das pernas de D. Nuno. Os castelhanos precipitam-se sobre o infeliz cavalleiro e ferem-no desapiedadamente com lançadas. Felizmente, as solhas da armadura resistiam aos golpes, de modo que nenhuma

atravessára a couraça. Mais uns minutos, e Nuno teria pago com a vida a sua estranha temeridade.

Ao ver o estado em que se achava D. Nuno, os seus, cheios de vergonha, já se não puderam conter. Correram em seu auxilio, indo á frente um clerigo, por nome Vasco Eannes do Couto, que era homem valente e esforçado. Saltou para junto de D. Nuno; cortou a cilha e, liberando assim o jovem guerreiro, puseram-se ambos na defensiva. Os outros acudiram tambem dando de rijo contra os inimigos. Nisto, chegaram dois irmãos de D. Nuno: Diogo Alvarez e Fernão Pereira, com mais alguns reforços. A lucta que se seguiu foi tremenda. De parte a parte jogava-se a vida com bravura sem egual. Em breve, porém, a victoria se inclinava do lado dos portugueses. O inimigo debandava em direcção da praia buscando os barcos. Aí travou-se nova peleja. Muitos dos castelhanos caíram feridos ao Tejo. Os que se salvaram, apenas puderam levar á frota a noticia do desastre.

E o que é mais para admirar, nenhum dos portugueses morreu nesta refrega, embora muitos ficassem feridos. A mortandade foi nos cavallos; nove haviam ficado no campo, sendo o primeiro, como dissemos, o de D. Nuno. Este voltava com o corpo pisado dos golpes recebidos, mas sem uma ferida sequer.

Os da cidade, que haviam presenciado de longe a lucta, acolheram com grandes applausos os luctadores. A refrega acabara com as depredações do inimigo nos campos circumvizinhos de Lisboa; já se não atreviam a desembarcar. A gente do povo ia contando, de bocca em bocca, os feitos de D. Nuno, que pouco a pouco começava a ser o idolo da cidade. Via-se que havia nelle um caracter, um homem em quem poderia confiar a nação na crise gravissima que em breve iria atravessar, crise que todos presentiam, como aproximando-se a passos agigantados.

VI

PAZ INESPERADA

O successo, que levamos narrado, deu-se em agosto de 1382. Dias depois, chegava a Lisboa a noticia de que El-rei, acompanhado dos chefes da expedição inglesa, fôra, com os dois exercitos, de Evora, para Elvas, a fim de offerecer batalha ao Rei de Castella. Este acampara em Badajoz.

Nuno Alvarez, apenas ouviu a nova, determinou comsigo ir ter com o Rei e pedir-lhe a graça de tomar parte na batalha. Communicou o desejo ao seu irmão, fronteiro de Lisboa; mas este respondia-lhe, apresentando as ordens recebidas do monarca, que se deixasse ficar em Lisboa, para defender a cidade, contra qualquer surpresa naval dos castelhanos.

Ficou triste e anojado, diz a Chronica, com semelhante resposta, insistiu com o irmão; «por mercê lhe deixasse ser com El-rei na batalha,». Este, porém, mostrava-se irreductivel. Então Nuno afastou-se. Havia de ir, a todo o custo.

El-rei não poderia condemnar o seu procedimento. Em Lisboa não era necessaria a sua presença. Quatro ou cinco homens de menos não afrouxavam a defesa da cidade.

Retirou-se, pois, para a sua pousada, e começou a «concertar a sua ida» muito em segredo. Não, porém, tanto que o Prior não adivinhasse os designios do irmão. Mandou este que se guardassem bem as portas da cidade, que ninguem saisse para fóra, sem licença sua. Nuno deixou passar aquelle dia apparentemente inactivo. A' meia noite, elle e mais cinco escudeiros, apresentam-se deante das portas de S. Vicente; forçam os guardas e, a todo o galope, dirigem-se a Elvas. Aqui, El-rei, conhecedor do caracter de Nuno, ouve complacentemente a sua explicação e acolhe-o nas fileiras.

Entretanto, de parte a parte, continuavam os preparativos da imminente batalha. D. Fernando, seguindo as usanças inglesas, nomeava condestavel do exercito a D. Alvaro Pires de Castro, e marechal a Gonçalo Vasquez de Azevedo. Era a primeira vez que semelhantes cargos se introduziam em Portugal. Dantes, ambos estes officios eram exercidos pelo alferes-mór do exercito.

A vanguarda portuguesa estava confiada ao commando do Conde de Cambridge, que vinha acompanhado do contingente que trouxera com-

sigo da Inglaterra. El-rei em pessoa commandava a retaguarda. O inglês arvorava o pendão de Castella, como pretendente que era desse reino. Entre este e a bandeira portuguêsa fluctuava o estandarte dos cruzados, por especial concessão do Papa Urbano VI, a quem seguiam tanto os portugueses como os seus alliados. Castella reconhecera a soberania do antipapa de Avinhão.

Nas margens do Caia dispôs D. Fernando o seu exercito em formação de batalha. Mas, por motivos que os chronistas não mencionam, o soberano de Castella não acceitou o combate. Enviou secretamente mensageiros offerecendo a paz; provavelmente a presença dos ingleses incutira medo aos seus combatentes. Foram bastante vantajosas para Portugal as condições desta paz. Uma dellas era que o castelhano forneceria navios para repatriar os auxiliares ingleses; o Rei e o povo haviam experimentado o pesado desta carga. Outra condição era o casamento da unica filha de El-rei, a infanta D. Beatriz, com o filho recem-nado do monarca hespanhol. Era a quarta vez que a pobre creancinha de nove annos mudava de marido!

Concluido este acto, o unico importante da sua vida, D. Fernando, sentindo aggravarem-se os seus achaques, retirou-se de Elvas, deixando á Rainha o encargo de dirigir os esponsaes no-

vamente contratados. Nisto morreu a Rainha de Castella, e então fez-se a ultima mudança de noivo da pobre infantazinha. Agora, era o proprio Rei de Castella, viuvo, D. João I. Este acolhia a noiva do seu segundo filho, como meio de unir Portugal aos seus dominios.

Com a paz com Castella vinha tambem uma mudança no Pontifice reconhecido pelo Rei português. Quando se tratou desta questão, apparece pela primeira vez a figura do Dr. João das Regras, de que tanto teremos de fallar no decurso desta historia. Protestava elle contra o reconhecimento do papa de Avinhão, porque *de direito* o não era.

El-rei e a côrte tinham ido de Rio Maior para Santarem. Daqui partiu a Rainha D. Leonor com sua filhinha para Elvas, a fim de fazer entrega a D. João de Castella, da sua noiva. As festas foram luzidas. Descrevem-nas com grandes pormenores os nossos chronistas. Durante o banquete, deu-se uma scena que nos vae apresentar de novo o nosso biografado num desses arrancos pundonorosos, que revelam uma alma verdadeiramente briosa.

Demos a palavra ao auctor da *Chronica do Condestabre*. Assim os factos aparecem melhor, na singeleza heroica com que foram decorrendo.

Feita a festa das bodas, «um dia veio El-rei

de Castella a Elvas (veio de Badajoz, onde estava alojado). E foi-lhe feita salla mui solemne, em a qual comeram todos-los grandes que hi eram de Portugal e grande parte dos de Castella. E entre os fidalgos portugueses, que foron ordenados comer na salla, fôra Nuno Alvarez e Fernão Pereira, seu irmão. E na salla eram muitas mesas: e as tres mesas principaes, a saber: a de El-rei que era muito alevantada, como cumpria á mesa de rei, e uma da parte direita e outra da sestra (esquerda) da mesa de El-rei. E em uma destas duas mesas eram assignados para comerem nella, com outros fidalgos, Nuno Alvarez e Fernão Pereira, seu irmão. E quando veio ao assentar, elles, como missura, não se trigaram (appressaram) ao assentar. E a mesa em que elles eram assignados para comer, foi muito azinha cheia de portugueses e

Espada de D. João I

mais de castelhãos; e delles não fizeram conta, pero (embora) fossem bem conhecidos, e estivessem bem guarnidos. E elles quando esto viram, e viram o tronco da mesa todo cheio, que

não tinham onde se assentar, Nuno Alvarez disse contra seu irmão, já quanto sanhudo: «Nós não temos prol nem honra de aqui mais estar; e porem he bem que nos vamos para as pousadas. Mas antes que nos vamos, eu quero fazer que estes, que nos pouco preçaram e de nós escarneceram, que fiquem escarnidos.» E chegou-se logo á mesa, a um cabo della, e em presença de El-rei (de Castella) e de sua vista, alçou a mesa e com a perna tirou o pé da mesa e a mesa caiu em chão. E os que a ella siiam (sentavam) ficaram todos espantados. E elles (D. Nuno e o irmão) se partiram logo com grande assesecêgo bem como se não fizessem nenhuma cousa. E El-rei que esto viu bem, preguntou que homens eram aquelles. E foi-lhe dito que eram alli ordenados áquella mesa, e como não fizeram delles conta nem tento, onde se assentar. El-rei respondeu: que elles o fizeram bem, e que quem alli tal cousa cometia em tal lugar, sentindo a honra que lhe era feita, que pera mais seria seu coração. E en esto não fallou El-rei mais, porque eram portugueses, caso foram castelhanos pudera ser que tornara doutra guisa.»

Até aqui a *Chronica* (Cap. XIV). Daqui voltou D. Nuno para a sua quinta de Entre Douro e Minho retomar a vida de familia. A rainha fôra para Almada, onde estava D. Fernando,

muito prostrado pela doença que o ia levar depressa ao tumulo. Acompanhava-o o Mestre de Aviz, ainda ha pouco ameaçado na sua vida pela serpentina mulher.

O rei de Castella tambem retirava para a sua côrte com a pobre infanta, sua esposa, vinte annos mais nova que elle, casamento que devia ser tão funesto para o futuro do reino de Portugal, pelas condições estipuladas no contracto. Ella, a infanta Beatriz, como dissemos, era a unica filha e portanto herdeira da trono português que ia vagar em breve.

VII

O FIM DE UMA DINASTIA

Aos 22 de outubro de 1383 debatia-se no leito da morte, minado pela tísica, El-Rei D. Fernando. Quando o sacerdote, que lhe administrou os ultimos sacramentos, lhe perguntou se cria na Egreja, respondeu: «Tudo isto creio, como bom christão, e creio mais que Deus me deu estes reinos para os manter em direito e justiça; e eu, pelos meus peccados, o fiz de tal guisa que Lhe darei delles mui mau conto.» (1)

Era uma quinta feira; á noite cessava de existir.

O enterro fôra simples; a Rainha não quisera assistir, receando talvez as murmurações do povo. Pouco depois tomava ella cargo do governo como Regedora do reino, em nome da sua filha D. Beatriz, Rainha de Castella, e unica

---

(1) Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando* — Cap. CLXXII.

herdeira de D. Fernando. Como tal, mandou erguer pendão pela filha. Quando, porém, os arautos iam clamar: «Arraial, arraial, por D. Beatriz, Rainha de Portugal», o povo e os fidalgos verdadeiramente patriotas, sentiam que o reino estava vendido, repugnavam em responder á proclamação, como se deveria fazer. Em Lisboa, D. Alvaro Peres de Castro (narra Fernão Lopes) deu um tossido e disse: «Arraial, arraial, cujo fôr o reino, levál-o-ha.» Em Santarem houve um verdadeiro motim. O povo correu o arauto gritando: «Em má hora seria essa, mas arraial pelo Infante D. João, que é de direito herdeiro deste reino, mas não pela Rainha de Castella. E como em má hora sujeitos havemos de ser a castelhanos. Nunca Deus o queira.» Em Elvas, Gil Fernandes, patriota inflamado, respondeu protestando: «Arraial, arral por... Portugal.» Todas estas vozes, e outras semelhantes, indicavam que o povo vira, com a intuição que dá o amor da patria, o fim da independencia portuguesa, caso o Rei de Castella conseguisse fazer acclamar e reconhecer sua esposa, como Rainha de Portugal. Esta idea revoltava-o: a reacção contra o usurpador começava a manifestar-se.

D. Nuno Alvarez estava na sua quinta de Pedrassa quando morreu D. Fernando. Aí recebeu recado da Rainha D. Leonor, convidando-o

para as exequias solemnes do trigesimo dia da morte, do *trintayro,* como então se dizia. Veio o fidalgo, acompanhado de trinta homens armados. Presentia o odio da Rainha e queria resguardar-se de qualquer aleivosia. Na côrte encontrou grande numero de fidalgos, vindos de toda a parte do reino. A' bocca pequena murmurava-se contra o Andeiro, que tambem viera de Ourem, assistir ao trintayro e... reatar as suas relações escandalosas no paço.

Contava-se entre os fidalgos de como El-Rei D. Fernando tinha já escrito o alvará que condemnava á morte o infame Conde de Ourem, e como influencias estranhas lhe haviam feito rasgar a sentença, para cujo executor havia sido escolhido o Mestre de Aviz. Contava-se outrosim como o irmão da Rainha, D. João Affonso Tello, tambem urdira a morte do adultero; como postára creados que o matassem á entrada de Lisboa, meses antes; escapara, porém, o Andeiro, por haver tomado outro caminho, diverso daquelle por onde era esperado. Todos reconheciam que a principal causa da desgraça do paiz era elle. Fôra quem negociára o ultimo tratado, em virtude do qual o Rei de Castella se dispunha a vir tomar conta do reino português. Manchava o tálamo regio. Preparava-se para exercer o logar de primeiro ministro da Rainha, sua amante, e fazer de Portugal seu

feudo absoluto. E elle não era português, mas sim um gallego aventureiro, sem dignidade, sem consciencia...

Nuno Alvarez ouvia estas coisas; ruminava-as comsigo; consultava os amigos, os parentes; discutia-as com o Mestre de Aviz. Quem havia de salvar o reino? Quem seria o homem que se deveria oppôr ao monarcha de Castella?... O infante D. Dinis tomara armas contra a Patria; o infante D. João estava encarcerado pelo cauteloso Rei castelhano. Outra descendencia masculina não a havia, a não ser o Mestre de Aviz, filho e irmão natural de reis portugueses...

Um dia o Mestre manda-o chamar. Communica-lhe que resolvera, por fim, executar a sentença que El-Rei D. Fernando proferira. Mataria o Andeiro, livraria Portugal dum inimigo e vingaria a honra do irmão. Esperasse o aviso para aquella noite e viesse ajudá-lo com seu tio Ruy Pereira, que estava na conspiração. Mas quando chegou a hora decisiva, o recado que veiu foi bem contrario. O Mestre resolvera não effectuar o plano combinado.

Por outra parte, a Rainha tentara desaposentar os homens de armas que acompanhavam D. Nuno, tentativa que abortara, porque estes opuzeram resistencia e repelliram os esbirros regios. Desanimado, triste, enojado dos homens

e da sociedade, D. Nuno retirou-se de Lisboa, caminho de Santarem. Seu irmão, Prior do Crato, marchara já para essa villa. Iria fallar-lhe sobre o seu plano de libertar o reino do jugo estrangeiro. Os dois encontraram-se em Pontevel. Estavam discorrendo sobre o assumpto, quando chegou um emissario da Rainha. Offerecia ao Prior todas as honras, chamava-o para Lisboa. D. Nuno indignava-se, vendo o irmão inclinado a acceitar as mercês. Que resistisse á tentação, e se unisse ao Mestre de Avis para tratar de salvar Portugal. O Prior, homem positivo, resolveu não seguir nenhum dos partidos. Nem seria contra a Rainha, nem acceitaria os favores que ella offerecia; partiria para as suas terras e aí esperaria os successos. Seguiram ambos para Santarem.

Deu-se nesta occasião o celebre encontro de Nuno Alvarez com o alfageme de Santarem, episodio que serviu de assumpto para o conhecido drama de Garrett, intitulado *O Alfageme de Santarem*. Diga-se aqui de passagem, que o nosso grande romantico falseou o caracter de D. Nuno Alvarez nessa peça, apresentando o quasi como um requestador vulgar de meninas, coisa bem alheia á austeridade do nosso biografado. Ouçamos a narração do episodio, qual a apresenta o auctor anonimo da Chronica do Condestabre.

Um dia, indo D. Nuno passear pelas ribanceiras do Tejo, na direcção de Santa Iria, viu deante da porta de um alfageme uma espada muito bem temperada. Perguntou ao artista, se poderia correger a sua, tão bem como aquella. Respondeu este que sim, e, muito melhor. Entregou-lh'a pois D. Nuno, e quando no dia seguinte, vendo-a tão bem trabalhada, quis pagar ao homem, este lhe fallou assim: «Senhor, eu por agora não quero de vós nenhuma paga, mas ireis muito embora e tornareis aqui Conde de Ourem, e então me pagareis». Ora o Conde de Ourem, como sabem os leitores, era o Andeiro, ainda vivo em Lisboa. Não quis, por isso, tomar a serio o dito do alfageme e insistiu em pagar, ao que este retrucou: «Senhor, eu vos digo a verdade e assim será cedo, prazendo a Deus». E assim foi, continua o chronista, porque D. Nuno veiu daí a pouco tempo a Santarem nomeado para o dito condado, e pagou ao alfageme salvando-lhe os bens e restituindo-o á liberdade. Tambem falseou o caracter deste homem o citado dramaturgo, apresentando-o como um bom e leal português, quando o documento que seguimos mostra que elle era affecto ao partido dos castelhanos «era mui chegado e liado com os castellãos em quanto em Santarem estiveram», motivo porque era chamado *scismatico* «como naquelle tempo chamavam aos maus

portugueses», diz a Chronica. Donde se segue que, embora a licença poetica seja admittida em composições mais ou menos fundadas em factos historicos, não chega ella a permittir a falsificação do caracter das personagens, apresentando D. Nuno como um vulgar namorador, e tornando bom patriota quem era um mau português.

Neste meio tempo chegavam noticias graves de Lisboa. O Andeiro fôra assassinado pelo Mestre de Aviz, mortos outros castelhanos; a Rainha fugira da cidade: começava a revolução. D. Nuno foi ter com o irmão, e pediu-lhe que ao menos então abraçasse o partido do Mestre. Baldados esforços. O Prior do Crato recusava-se e ia esperar os acontecimentos no seu solar. Outro irmão, Diogo Alvarez, que, ao principio concordara com D. Nuno, abandonava-o no caminho. De modo que de Pontevel a Lisboa não teve este nenhuma outra pessoa da familia que o acompanhasse.

VIII

A REVOLUÇÃO

Com a morte do Andeiro pode-se dizer que se iniciava a revolução em Lisboa. Não nos pertence apreciar essa morte e muito menos justificá-la. E' um ponto já demasiado versado pelos historiadores. Ao nosso fim basta registar o facto de o Mestre de Aviz ter mais tarde obtido do Papa um Breve que o absolvia desse crime, se é que elle merece tal denominação. E' certo que o principal urdidor da trama, que visava a morte do Andeiro, era um homem de grande influencia em Lisboa, Alvaro Paes, chanceller que fôra de El-rei D. Pedro. Elle influiu no Mestre para a levar a cabo, conseguiu convencer D. Nuno da necessidade dessa execução.

E' sabido que, logo depois do facto, o pagem do Mestre correu do paço real, gritando: «que matavam o Mestre». O povo acudiu em chusma desordenada, armado de foices, paus, ferros, tudo o que uma improvisação podia apresentar como arma offensiva, pedindo em altas vozes vin-

gança pela morte do Mestre. E, quando o viram por fim são e salvo, esse povo que viera clamando: «Acorramos ao Mestre, ca é filho d'El-rei D. Pedro», esse povo, onde palpitava o sentimento da defesa da independencia da Patria, exultava de alegria. As mulheres diziam: «Oh! Senhor, como vos queriam matar por treição, bento seja Deus que vos guardou desse trédor. Vinde-vos dae ao demo esses paços, não sejaes lá mais».

Todos reconheciam no Mestre o chefe do movimento nacional. Este ainda hesitou. Ora fez correr que ia partir para a Inglaterra; ora consentiu num plano de casamento politico com D. Leonor, imaginado por Alvaro Paes, porém frustrado. Por fim, depois de enviar um escudeiro que obtivesse do infante D. João, preso em Castella, licença de defender a patria, acceitou o cargo de Regedor e Defensor do reino, que lhe foi offerecido solemnemente numa reunião popular, effectuada no mosteiro de S. Domingos, em Lisboa. Com este facto quebravam-se as relações com a rainha D. Leonor, já bandeada para o partido castelhano, e com o Rei dessa nação.

D. Nuno Alvarez, recemchegado de Santarem, assistia, cheio de confiança, a todos estes graves acontecimentos. Seu coração não duvidava do exito, apezar da mingua dos defensores da causa nacional. Elle foi logo incluido no

numero do conselho nomeado pelo Defensor do reino. Tinha por collegas os principaes homens que intervieram na lucta de que nos vamos occupar. Instituiu-se então a famosa casa dos vinte e quatro, representantes dos mestéres. A cruz de Aviz foi intercalada entre os castellos do brasão português.

Elmo de D. João I (Do livro *Batalha de Aljubarrota*, por C. Ximenes de Sandwal, pag. 26)

Os sequazes da rainha, que a haviam acompanhado a Alemquer, na sua fuga depois da morte do amante, breve iriam com ella para Santarem. Definiam-se as situações; acabavam, de parte a parte, as hesitações. Ou se era pelo Mestre, ou então incluido entre os inimigos da Patria.

Impellida pelo Prior do Crato e outros irmãos, que estavam em Portalegre, veiu nessa occasião a Lisboa a mãe de Nuno. Trazia a missão de convencer o filho que abandonasse o partido do Mestre; trazia recado do rei de Castella «que todavia deixasse o mestre e se fosse para El-rey de Castella, que lhe mandava prometter o condado de Viana e outras terras e rendas do que elle fosse assaz contente» (1).

(1) *Chronica do Condest.* — Cap. XIX.

Fazia-lhe ver como era assaz precaria a situação do Mestre. Assim, não iria adeante. Não valia a pena expor ao insuccesso uma carreira que podia e havia de ser tão lucrativa, caso se bandeasse para os castelhanos. D. Nuno respondeu-lhe: «Que Deus não quizesse que por dadivas e largas promessas elle fosse contra a terra que o criara, mas que antes despenderia seus dias e espargeria seu sangue por emparo della». E tão persuasivas foram as razões que disse á sua mãe, que esta em breve lhe dizia: «Pois assi era, que servisse o Mestre verdadeiramente, pois que com elle ficara, e se não partisse delle em nenhuma guisa, e que ella faria logo vir para elle seu filho Fernão Pereira, seu irmão». E de feito assim o fez, conclue a Cronica. Dias depois, Fernão vinha juntar-se a Nuno.

Acontecia com a mãe de D. Nuno, o que rezam as chronicas dum escudeiro, que acompanhara a embaixada que fôra a Alemquer tentar congraçar a rainha com o Mestre. Os da côrte queriam persuadir ao dito escudeiro que deixasse o partido popular e se viesse para elles, pois a causa do Mestre não podia ir para deante. Resposta do escudeiro: «Quando cá estou parece-me que é assim como vós dizeis, e depois que sou lá, semelha-me que todos não valeis nada, e que, quando me falaes, tudo é vento».

Logo depois da sua acclamação, como Defensor do reino, o Mestre de Aviz tratou de organizar a resistencia contra o inimigo, que se aprestava a invadir Portugal. D. Leonor lançara-se nos braços do rei castelhano. Primeiramente, nomeou o conselho que lhe devia ajudar no governo do estado. Entravam nelle Alvaro Paes, o verdadeiro chefe do movimento popular em Lisboa; o Dr. João das Regras, jurisconsulto eminente, que havia de ser um dos maiores sustentaculos da corôa; D. Nuno Alvarez, que foi immediatamente reconhecido como chefe militar da revolução.

Do Porto chegavam noticias de que a cidade aderira ao partido do Mestre; mas em Lisboa faltava tomar o castello, que ainda era pela rainha. Tinha o Martim Affonso Valente; nem queria render-se, por já ter prestado menagem a D. Beatriz. D. Nuno mandou atacá-lo, e, como protecção das forças que investiam, ordenou que fossem á frente as mulheres e os filhos dos defensores, que dentro estavam. Estes recusaramse a combater, para «não terem aso de matar as mulheres e os filhos». D. Nuno foi em pessoa fallar com Martim Affonso. Mostrou-lhe como a causa nacional exigia a entrega do castello ao Mestre; do contrario, «todo o mundo lh'o teria a mal e merecia de o apedrejarem todas as gentes do reino por ello».

Pediu então o alcaide que lhe dessem quarenta horas para obter licença da rainha. Se esta não enviasse soccorro, entregaria o castello, sem combater, ao Mestre. O emissario de Martim Affonso veio com o recado de que o soccorro esperado não podia vir, e o castello rendeu-se. Mais: o alcaide abraçou o partido da indepencia nacional.

Tão grande influencia teve esta occupação, levada a cabo por D. Nuno, que em breve chegavam noticias de que Estremoz, Portalegre, Penella e Beja haviam abraçado a mesma causa. Evora e Almada seguiam-lhes o exemplo. Em Lisboa faltavam os mantimentos. D. Nuno foi encarregado de fazer uma correria a Cintra para os trazer. Estando já aí, alta noite chega noticia de que os castelhanos, commandados pelo Mestre de Santiago, vinham sobre elle. Alguns, dos que o seguiam, fugiram para Lisboa, de modo que só ficaram umas sessenta lanças. Estes insistiam em que se retirasse quanto antes para Lisboa. D. Nuno recusa; espera até o meio dia o inimigo, e depois segue para Lisboa «passo e muy de vagar». No caminho encontrou um grupo de guerreiros, commandados por seu tio Ruy Pereira, enviado pelo Mestre de Aviz, em seu auxilio. Os castelhanos, vendo que D. Nuno já retirara para Lisboa, vieram procurá-lo até aos arrabaldes, e acamparam no Lumiar. Nuno Al-

varez, apenas o soube, foi offerecer-lhes batalha, saindo pela porta de Santo Antão, aos Olivaes, com trezentas lanças e alguns homens de pé. Pedro Sarmento, que era um dos caudilhos inimigos, apenas viu a ordem das forças de Nuno, resolveu aconselhar aos seus que se não arriscassem a uma derrota. Retiraram-se, pois, sem acceitar batalha. «E o campo e honra, diz a *Chronica* (1), ficou por Nuno Alvarez, e em esto o mestre saiu da cidade e mandou recolher para a cidade Nuno Alvarez e os que com elle estavam».

Entrementes, chegavam novas de que o Rei de Castella invadira Portugal. Urgia ultimar a defesa da patria. D. Nuno Alvarez era nomeado fronteiro mór do Alemtejo. Ao mesmo tempo, preparava-se uma esquadra. A experiencia mostrara como era necessario defender Lisboa por mar. Pouco antes, algumas naus castelhanas haviam arribado ao Tejo, cheias de mantimentos, que os portugueses puderam conquistar, mas viam que não possuiam forças para poder aparar um golpe mais forte.

Todas estas resoluções haviam sido tomadas em conselho. E, já que fallamos dos conselhos, vem a proposito narrar brevemente o que nelles teve que soffrer o nosso biografado. Alguns ho-

---

(1) Cap. XXIV.

mens que nelle entravam, vendo a influencia que D. Nuno exercia no animo do Mestre, deixaram-se levar de inveja, a tal ponto «que juraram que sempre fossem contra os conselhos que Nuno Alvarez désse, e que nunca se a elles tivessem, por razoados que fossem, e de feito assi o faziam». D. Nuno soube o segredo. Um dia estando em plena reunião, todos, segundo o combinado, votaram contra o parecer emitido por D. Nuno, contradizendo-o rijamente. Nuno Alvarez solta uma estridente gargalhada, dizendo que sabia bem porque o faziam. O Mestre quis saber a razão do riso franco do jovem guerreiro, e, quando este explicou tudo, ficou maravilhado da paciencia do heroe, e os conselheiros, escarmentados da sua feia acção. Em outra occasião, estava presente o condestavel do reino D. Alvaro Pires de Castro; o velho conde censurou toda a acção do Mestre, taxando-a de inutil para o bem da causa, aconselhando quasi uma entrega ao castelhano. D. Nuno, furioso, atalhou immediatamente tamanho desaforo, desfazendo as razões apresentadas com estas palavras: «Digo-vos senhor conde, que pois vós com meu senhor ficastes, e verdadeira vontade haveis de o servir, tal conselho e palavras, quaes lhe vós dizeis, não é bom conselho, nem elle não vos deve crer, antes deve de ir com seu feito em deante e não só contra El-rei de Castella,

que é um poderoso rei, mas contra todo-los reis do mundo, ca tem coraçon e razon de o fazer... E todo-los bons portugueses teem razon de o seguirem até a morte, e Deus que a esto o encaminhou e lhe dá os começos que lhe dá, o trazerá em sua guarda e trazerá seus feitos ao fim que elle deseja, e quem vontade houver de bem e lealmente servir, bem terá tempo em que o sirva». Já se vê, a resposta do conde foi sanhuda, como diz a chronica. D. Nuno retrucou-lhe: «Não hei empacho, nem de quanto disse me peza, senão por ser pouco». Interveiu o filho de D. Alvaro, e D. Nuno, longe de retirar o que dissera, mais o carregou. Então o Mestre impôs silencio e o conselho foi dado por terminado (1).

(1) *Chronica do Condestabre* — Cap. XXV.

IX

FRONTEIRO-MOR DO ALEMTEJO

O primeiro acto de Nuno Alvarez, depois de nomeado fronteiro-mór do Alemtejo, foi a tomada de Almada. Aproveitando a divisão que reinava entre os moradores desta villa, onde os *grandes* eram pela Rainha e pelo Rei de Castella e os *miudos* pelo Mestre, D. Nuno um dia apresenta-se de improviso, com quarenta lanças, á porta do castello; falla á gente, espantada com o successo, de tal sorte «que a todos prouve obedecerem ao Mestre com boas vontades e lhe deram a villa». Veiu o Mestre, de Lisboa, recebeu a menagem, e logo se foi com D. Nuno para a capital.

D. Nuno tratou immediatamente de se aprestar para a campanha do Alemtejo. Reuniu os seus soldados, aos quaes fez que se pagasse o soldo sem delongas, coisa que deu logar a um incidente com D. Pedro de Castro, e partiu de novo para Almada. Estando nesta villa lhe veiu noticia da proxima chegada de algumas naus de

Castella, e de como o Mestre se preparava para dar sobre ellas. Tambem elle quis tomar parte no feito, e, como não achasse navio que pudesse entrar na liça, embarcou em Cacilhas num bote, com seis escudeiros, e foi ter á nau commandada por Pedro Eannes Lobato. Nella assistiu á tomada da esquadra inimiga. Divididos os despojos, o Mestre veio a Coina, perto de Almada, onde acampára Nuno. Combinaram aí os dois o plano geral da campanha que ia começar. Aos soldados fez o Mestre uma falla cheia de carinho e egualmente pediu a Nuno que tratasse bem «essa boa gente que lhe encommendava». Depois, os dois amigos despediram-se.

Nuno Alvarez sente agora, pela primeira vez e em cheio, a responsabilidade do seu cargo. Elle só devia defender o sul de Portugal, sem exercito formado, sem dinheiro, sem meios de organização. Mas os caracteres fortes conhecem-se nas occasiões, nas grandes difficuldades. Com as duzentas lanças que trouxera de Lisboa, Nuno vae alegre; porque levava no coração purissimo a fé que gera os heroes. «Tinha apenas vinte e quatro annos. Era mediano de estatura e delgado de formas. Branco, de rosto comprido, nariz longo e afilado, tinha expressa na fisionomia, como faculdade dominante, a decisão. A bocca era pequena, o mento breve, o

labio superior curto. Debaixo dos sobrecilios, fortemente arqueados, luziam fundos os olhos, pequenos. Os cabellos e as barbas ruivos. Via-se-lhe no rosto um misto de energia grave e bondade candida, com uma vaga expressão poetica de ambições innominadas que se revelavam nas rugas precoces da testa e no apanhado da pelle sobre as fontes.» (1)

Activo, alegre, despreoccupado, não obstante as invejas dos seus émulos, nunca perdia a calma propria dos grandes genios — a tranquillidade activa — como se sóe dizer. Para os soldados era um pae amoroso, quasi um irmão; considerava-os mais como amigos do que como subditos. Toda a sua auctoridade nascia do seu caracter franco, leal, corajoso, da pureza e honestidade austera da sua vida. A estas qualidades humanas juntava-se o elemento sobrenatural que lhes dava maior brilho. A sua fé, a sua profunda piedade, o respeito com que observava os preceitos da Religião, faziam delle um santo vestido de guerreiro... e essa santidade communicava-se aos soldados, morigerava-os, fortificava-os.

Todos os dias ouvia duas missas, uma com os soldados em ordem militar, debaixo de forma. As blasfemias eram severissimamente pu-

(1) Oliv. Martins — Cap. IV, pag. 140.

nidas no exercito. O exemplo do chefe, o rigor da disciplina, exercicios constantes, manobras com falsas vozes de álerta, iam aguerrindo os seus homens. Não ha duvida. O heroismo do soldado só póde nascer de um coração puro, duma vida immaculada, ordenada. Quem teme só e unicamente a Deus, não receia os perigos, por maiores que sejam.

O estandarte, que ia á frente das suas hostes, era um simbolo da alma do heroe christão. E porque hũ soom os moores periigos, alli convem mais devota rrenembrança daquelle Senhor cujo ajudoiro homem espera, mandou Nuno Alvarez fazer huũa bandeira, a quall avia o campo branco, e huũa gramde cruz vermelha per meo, e no quarto primeiro da çerca da asta avia pintada a imagem do nosso Salvador Jhesu Christo cruçificado, e sua Madre, e sam Joham açerca delle; e no outro seguinte da ponta da bandeira estava a imagem da preciosa Virgem com o seu beemto Filho no collo; e nos dous quartos do fumdo, no primeiro jumto com a asta, sam Jorge armado em joelhos, com as maãos juntas orando pera çima; e no outro Samtiago desta mesma guisa, tendo cada hũ seu bacinete amte assi, por tal que ao temder da bandeira, nos logares homde comprisse, veemdo a figura do Salvador e da sua preciosa Madre, mais devotamente

açemdesse o seu coraçom pera os chamar em ajuda. E erã postos nos cantos da bandeira, quatro escudos pequenos das armas de seu linhagem, que he huũa cruz branca em campo vermelho aberta pella meatade (1).

Assim conseguira Nuno, condensar, objectivar, na bandeira os santos da sua devoção, os motivos da sua esperança na victória.

De Coina foi a Setubal, para ver se podia reduzir a villa que era adversa ao partido do Mestre. Não o quiseram receber, os da villa. Acampou nos arrabaldes, mas temendo alguma surpresa do exercito castelhano, que já se encontrava com o Rei em Santarem, mandou que de noite guardas e escuitas estivessem de álerta. Uma falsa noticia de que Pedro Sarmiento vinha com trezentas lanças sobre elle, obrigou-o a pôr-se em marcha ao encontro do inimigo. Em Monte-mór soube do engano. Dirigiu-se, então, a Evora, onde queria organizar o seu exercito de combate. Escreveu daqui a todos os comarcãos, que viessem defender o país contra o invasor. Apenas trinta lanças mais vieram juntar-se ás duzentas que levava; de bèsteiros e homens de pé reuniu uns mil. Daí seguiu

(1) Fernão Lopes — *Chronica de D. João* — C. LXXXVIII, pag. 147, — edição do Sr. A. Braamcamp — Lisboa, 1915. Cfr. Fr. Dom. de Teixeira, L. 2, n.º 2.º

para Estremoz, onde se lhe juntaram mais alguns (muito menos do que esperava), vindos de Elvas e Beja.

Reunidos todos os seus, quis expôr-lhe francamente a missão que se lhes confiava. Tratava-se de dar combate aos partidarios do Rei de Castella, aquartelados no Crato, com o irmão, Prior do Hospital, bandeado para o inimigo. Além de Pedro Alvarez, estavam no Crato o Mestre de Alcantara e o que se chamava pretensiosamente Mestre de Aviz, Martim Eannes de Barundo e Pedro Gonçalves de Sevilha, e outros. Era sua vontade ir buscá-los, para os vencer, com o auxilio de Deus.

Não tinha ainda Nuno o prestigio que, ao depois, alcançou. As suas palavras foram ouvidas com frieza. Que a coisa era pesada; que lhes désse espaço para cuidarem nella e então responderiam. Essa resposta veiu no dia seguinte. Entendiam que não deviam pelejar. A gente contraria era muita; com o inimigo estavam seus irmãos, de Nuno; os portugueses eram poucos; portanto não queriam ir a tal obra.

Estava D. Nuno junto dum ribeirozinho, quando lhe trouxeram a desanimadora mensagem. Ergueu-se e fallou assim aos soldados: «Amigos! eu non sei que vos em esto diga mais do que vos já disse: pero ainda vos quero responder ao que dizeis que os castellãos são

muitos e grandes senhores; tanto vos virá maior honra e louvor de os vencerdes. E da duvida que segundo parece tendes por hi virem meus irmãos, non a deveis ter, cá vos digo e prometo de verdade, que posto que hi viesse meu padre, eu seria contra elle, por serviço do Mestre, meu senhor, e por defender a terra que me criou. E para vós verdes que é assi, se a vós praza de em esta obra serdes companheiros, eu vos prometto bem que com ajuda de Deus eu seja o primeiro que a comece, e assi poderdes vêr a vontade que eu em este feito tenho contra meus irmãos. E quanto na parte de nós sermos poucos e elles muitos: nem por esto deviades duvidar serdes em tam boa obra: que já muitas vezes aconteceu os poucos vencerem os muitos, porque o vencimento em Deus é todo e non nos homens. Mais pois que assi é vossa tenção qual me dissestes, rogo-vos que os que comigo quizerem ir a esta obra, que se passem d'alem deste regato, e os que non quizerem ir que fiquem desta parte» (1).

Coisa extraordinaria! Todos passaram o ribeiro; todos queriam ir. O entusiasmo de Nuno communicara-se a todos. Houve contudo de noite quem hesitasse, quem tentasse desertar; mas algumas palavras de Nuno bastaram para

---

(1) *Chronica do Cond.* — Cap. XXVII.

reduzir esses medrosos: um tal Gil Fernandes e Martim Roiz d'Elvas.

Quando, no dia seguinte, as trombetas tocaram o signal da marcha ninguem faltara. No caminho, a poucos passos da villa, appareceu um mensageiro inimigo que vinha da parte dos irmãos, fallar a D. Nuno. Era Ruy Gonçalves que vinha da parte do Prior offerecer mercês e honrarias, caso elle se quisesse passar para o Rei de Castella. Que o fizesse, eram tão poucos! seriam certamente vencidos. Mais uma vez D. Nuno repelliu, indignado, a infame proposta. Que não, mil vezes não. Se apercebessem para a lucta, em breve seria sobre elles. Fôsse depressa levar o recado á Fronteira, onde estavam os castelhanos.

X

ATOLEIROS

Apenas despachado o mensageiro, Nuno Alvarez manda mover as suas hostes ao encontro do inimigo. Por sua parte os castelhanos tambem saem da Fronteira em direcção de Estremoz. Ia-se travar a primeira batalha da guerra da independencia, batalha de importancia decisiva para o prestigio do novel general português. D. Nuno escolheu para o combate um «logar bem convinhavel», chamado Atoleiros, meia legua pouco mais ou menos além de Fronteira, na direcção de Estremoz, dentro do triangulo formado pelas actuaes povoações de Veiros, Monforte e Fronteira. Era o dia 6 de abril de 1384, quarta feira de trevas.

Ia D. Nuno introduzir, pela primeira vez em Portugal, o combate da infantaria, como unidade capaz de luctar sòsinha contra a cavallaria. Aprendera, ou ao menos inspirara-se do que ouvira fallar dos ingleses. Dispõe a sua gente em quadrado, mandando desmontar os cavallei-

ros. Depois dirige aos soldados uma allocução: «Amigos, disse, lembrae-vos nos vossos corações de quatro coisas: A primeira que se encommendassem a Deus e a Virgem Maria, sua madre. A segunda que estavam ahi para servirem seu senhor e alcançarem honra grande que a Deus prazeria de lhes dar. A terceira que vinham ahi defender suas casas e a terra que possuiam e se tirar da sujeição em que o rei de Castella os queria pôr. E a quarta que tivessem sempre em seus entendimentos de soffrer todo trabalho, e de aporfiar em pelejar não uma hora mas um dia todo e mais se cumprisse.» E desmontando da mula, levanta a viseira; ajoelha deante da bandeira e reza. Com elle rezam os companheiros. E' solemne este momento de recolhimento silencioso, interrompido apenas pelos sons estridentes das trombetas inimigas que se approximavam. Depois, corajosos como leões, respondem: «Portugal, S. Jorge», ao grito de guerra «Castilla, Santiago», e, firmes no seu posto, esperam a carga da cavallaria inimiga. Logo no primeiro encontro, esbarrando na paliçada das lanças em riste dos soldados de Nuno Alvarez, dezenas de cavalleiros castelhanos rolam no solo, arrastados pelos animaes feridos. Entretanto voam as settas e virotões e os tiros dos bèsteiros fazem numerosas victimas no inimigo. Nasce a confusão nas hostes castelhanas.

Nuno aproveita-a para ordenar uma carga cerrada nessa massa em debandada. Augmenta a confusão; o inimigo retrocede acossado pelos dardos e lanças portuguesas. Os cavalleiros já não podem refrear os corceis espantados; fogem, e deixam a descoberto a peonagem, que é então

Frontaria da Egreja e Convento do Carmo, antes do terramoto de 1755
(Da *Chronica de Sant'Anna*—P. I. C. 1—pag. 283)

investida pela cavallaria lusitana e completamente desbaratada. Nuno, não contente de ser senhor do campo, determina perseguir o inimigo até á fronteira portuguesa e reduzir á obediencia do Mestre os castellos circumvizinhos.

Entre os mortos encontram-se os já nomea-

dos Mestre de Alcantara e Pero Gonçalves de Sevilha. Martim Eannes Barbudo, que se pavoneava com o titulo de Mestre de Aviz, fugira até Monforte. Foi provocá-lo, mas o Barbudo não quis acceitar batalha. Como o castello era forte e a gente muita, Nuno deixou-o, depois de algumas escaramuças, e foi em peregrinação ao Santuario de Maria Santissima, sito em Assumar.

Ia descalço, a pé. Quando chegou ao templo, achou-o profanado pelos castelhanos, todo sujo por causa dos animaes que tinham sido abrigados na casa de Deus. Antes de tudo, mandou que o alimpassem «e elle foi o primeiro que ajudou a tirar o esterco fora». Bello exemplo de humildade com que Nuno Alvarez procurava agradecer a protecção recebida do Ceu, nesta primeira victoria, que, por ser a primeira, havia de ter tanta influencia no andamento da campanha e no animo da soldadesca.

Antes de voltar para Evora, tomou Arronches e Alegrete.

Entretanto o rei de Castella movia os seus arraiaes e vinha assediar Lisboa. Irritado com a noticia do desastre de Atoleiros, queria castigar os revoltosos, queria aniquilar esse punhado de jovens que se atreviam a oppor-se ao que imaginara seu passeio triumphal no reino. Mas tambem aqui o insuccesso o havia de perseguir.

Assentou a sua morada em Santos; daqui hostilizava a cidade. Uma primeira esquadra castelhana, que viera trazer mantimentos, fôra vencida e desmantelada pelos portugueses em Oeiras. Vieram então successivamente duas divisões de naus para reforçar o bloqueio.

Nuno Alvarez recebeu ordem do Mestre para que fosse ao Porto, a fim de tomar parte na armada portuguesa que se estava aprestando para ir em soccorro da cidade sitiada. Mas, quando chegou a Coimbra, soube que essa armada já partira. «Com corrupta tenção se partiram logo com a frota e non o quiseron attender» (1). Com effeito, essas naus haviam conseguido forçar o bloqueio e levar aos sitiados mantimentos e munições, varando depois os navios nas ribanceiras do Tejo. O bloqueio foi restabelecido pelos castelhanos.

D. Nuno regressa a Torres Novas e daí marcha sobre Abrantes. No caminho assalta um comboio de viveres castelhano e toma-o. Em seguida, apodera-se por surpresa da villa de Monsaraz. Curioso foi o estratagema empregado. Sabendo que a gente do castello estava falta de mantimentos, fez soltar uma manada de bois junto das portas da villa. Vieram os de dentro buscar os bois. Então caiu sobre elles de impro-

---

(1) *Chronica do Cond.* — Cap. XXX.

viso a gente de D. Nuno; entrou pela porta aberta e tomou a cidade.

Foi nessa época que lhe apareceu um judeu da parte do rei de Castella. Trazia mil dobras (cêrca de 1400 escudos) como presente. D. Nuno, conhecendo as intenções baixas do traficante, mandou-o retirar da sua presença, dizendo-lhe que só recebia paga do seu rei.

Um certo Castanheda mandou-o desafiar. Foi immediatamente ao seu encontro a Badajoz, e infligiu-lhe uma derrota completa. Duas vezes veiu contra elle Pedro Sarmiento, marechal do exercito castelhano, com doze mil homens. Nuno mal podia oppor-lhe uns mil. Mas ambas as vezes, quando os exercitos se approximavam, o castelhano se furtava á batalha; retirava-se sem combater, tal era o medo que lhe inspirava o nome de Nuno Alvarez, desde que o havia conhecido no desastre de Atoleiros.

Entretanto continuava o cêrco de Lisboa. Nuno quer ir animar os sitiados. Dirige-se, pois, a Almada, e em pouco tempo consegue reduzir esta villa, mais Palmella. Depois mette-se num batel e sòzinho, á noite, atravessando o Tejo por entre as naus castelhanas, aporta a Lisboa. Pode-se calcular a alegria que sentiriam os lisboetas ao verem o seu general idolatrado. Abraçaram-se affectuosamente o Mestre de Aviz e D. Nuno. Conversaram largamente sobre os

successos do Alemtejo. Contou-lhes D. Nuno as privações por que passara, e como, apesar disto, o seu exercito nunca desfallecera. Em Cano não acharam outro alimento senão alguns figos; em Oliveira, perto de Evora, apenas tivera para comida de todo o dia um pão «encetado e um pequeno rabon e um pouco de vinho que um peom levava». Outra vez tinha estado perto de Evora dois dias, quasi sem alimentos, assediado por Pedro Sarmiento que o mandara desafiar com uma carta insolente. Tivera que retirar, nesse assédio; precisava de vingar tal desaire; em Almada mandara ao dito Sarmiento um cerdo morto, como regalo. Narrou os perigos que passara na conspiração que contra elle urdira em Coimbra a mulher do Conde de Ceia, D. Henrique Manuel, e como elle a poupara da ira dos seus escudeiros e soldados.

Em agosto, a peste apparecera no arraial castelhano. Centenas de soldados e cavalleiros caíam prostrados pela cruel doença. Transferiu-se o quartel general para Almada, que se rendera, depois de dura peleja. Dias depois, adoecia a propria rainha. Mandou o rei de Castella fazer propostas de paz ao Mestre, mas este as repelliu. Depois, vendo os estragos causados nas suas tropas, decidiu-se a levantar o cêrco e partir para Santarem. Caminho de Santarem, adoeceu o rei. Resolveu então regressar com o seu exer-

cito para Castella, e com effeito, em meiados de outubro, transpunha a fronteira. Bem quisera D. Nuno ir atacar o inimigo na sua retirada, mas o Mestre o não consentiu. Precisava de consolidar a defesa da Nação; precisava de robustecer a sua propria situação, para se preparar melhor para as campanhas futuras. Nem sempre as circumstancias poderiam ser tão favoraveis, como haviam sido até então. D. Nuno obedeceu, embora contrariado nos seus impetos bellicosos.

XI

REI NOVO

Não é possivel, num livro como este, historiar largamente a guerra da independencia. Temos de nos limitar aos principaes acontecimentos em que tomou parte o nosso biografado, e mesmo nestes impõe-se-nos a concisão. Diremos, pois, neste capitulo algo do que se passou antes da famosa reunião das côrtes de Coimbra; deter-nos-hemos no resultado das ditas côrtes, para depois traçar os successos que precederam a batalha de Aljubarrota.

Levantado o cêrco, os de Lisboa respiraram. Tambem elles haviam soffrido os horrores da fome; tambem elles haviam sentido bem o pêso do assédio. Nuno Alvarez, depois de combinar com o Mestre o plano da guerra, voltou para Palmella, seguindo depois para Setubal, que se declarou pelo Mestre. Daí foi tomar Portel, que Fernão Gonçalves de Sousa tinha pelo Rei de Castella. Entrou na villa por surpresa, abrindo-lhe a porta alguns bons portugueses. Mas o

alcaide com os seus refugiou-se no castello. D. Nuno conseguiu convencê-lo a que se rendesse, promettendo, sob juramento, deixar ir, a elle e aos seus, são e salvos, com tudo o que lhes pertencia, para Castella. Assim se fez, e o alcaide, que era homem bem humorado, saíu da villa cantando as coplas, já celebres na nossa litteratura:

«— Pois Marina balhou
Tome o que gañou
Milhor era Portel
e Villa Ruiva.....
que non çafra e segura
tome o que gañou —»

E isto dizia, continuam as Chronicas, por elle perder Portel e Villa Ruiva, que eram seus e lhe davam em Castella çafra e segura. Daí Nuno foi a Evora, onde lhe vinha recado para que fôsse depressa a Elvas. A villa estava em perigo de ser entregue aos castelhanos. No caminho parou em Villa Viçosa, a fim de castigar Vasco Porcalho que se havia bandeado para o partido inimigo. Foi na lucta travada deante desta villa que morreu Fernão Pereira, irmão de Nuno. Sentiu este a morte do mancebo pelas circumstancias que a acompanharam. Fôra castigo de Deus; esse jovem, apesar da fé jurada, ficara com uma cota e a espada de Garcia Fernandez, um dos que haviam saído de Portel

com o alcaide. Essa idea magoava-o mais que a propria morte. Daí foi a Torres Vedras. O cêrco desta villa, encetado pelo Mestre, apesar do auxilio de Nuno, não surtiu effeito, por isso renunciou a tomar as villas por assédio. Ou as tomava directamente ou as deixava, esperando que os acontecimentos lh'as rendessem. Ambos os amigos seguiram daí para Coimbra, onde se deviam reunir as côrtes para confirmar a nomeação do Mestre para Defensor do Reino. Era este o motivo apparente; mas no fundo o que se desejava era liquidar a questão da successão, elegendo o Mestre para Rei. Já os procuradores das villas traziam esse poder, embora ninguem lh'o houvesse lembrado ou pedido. Era a vontade nacional exprimindo-se espontaneamente.

Acompanhavam-no os moradores dos arrabaldes de Torres Vedras. Receando represalias dos occupantes da villa, punham-se a salvo. Um velho cego, não podendo ir, bradava em altas vozes «que o non leixassem alli, antre aquella gente má». Nuno Alvarez ouviu-o e, movido de compaixão, mandou-o colocar nas ancas da mula em que ia, e assim o levou quatro leguas, até que o cego se deu por contente de o deixar, exclamando: «Oh que humano e caridoso senhor!» Ao chegar a Montemór, o povo veiu recebê-lo com grandes cantares e sabores, dizendo: «em boa

hora venha o nosso Rei». Era a consagração feita pela bocca dos moços pequenos, diz a Chronica; era o mandado de Deus que fallava pela bocca daquelles moços, como por bocca dos profetas.

Vae agora apparecer em scena um dos mais talentosos juristas de Portugal, amigo dedicado do Mestre, pessoa eminente, de erudição vastissima, eloquencia profunda, encarregado de travar a lucta parlamentar que havia de trazer, como resultado, a collocação da corôa sobre a cabeça do filho bastardo de D. Pedro, João Affonso das Regras ou de Aregas, como o chama Fr. Luis de Sousa (1); formara-se em leis na celeberrima universidade de Bolonha, onde ouvira as lições do canonista Bartholo. Era um homem intelligente, astuto, perseverante. Tinha, em summa, os dotes que fazem um politico fino. Confiou-lhe o Mestre a defesa juridica da sua causa, e, na verdade, não poderia ter encontrado advogado mais fiel e habil. As nossas historias e chronicas trazem por extenso os discursos em que o Dr. João das Regras pulverizou os argumentos em que se baseavam os pretendentes á corôa portuguesa: a Rainha de Castella, filha de D. Fernando, e os dois filhos naturaes de D. Pedro e D. Ignês de Castro, os

---

(1) *Historia de S. Domingos.* — Vol. II, cap. XVII.

infantes D. Dinis e D. João. A sua eloquencia conseguiu reduzir os fidalgos que se oppunham á acclamação do Mestre de Aviz. Nuno Alvarez assistia a essas côrtes e apoiava o jurista. Quando a causa triunfou, elle proprio dirigiu as ceremonias da coroação de El-Rei D. João I de Portugal.

Era o novo monarca filho d'El-Rei D. Pedro e de Teresa Lourenço. Aos treze annos fôra feito Mestre de Aviz. Do retrato que se conserva no Museu Imperial de Vienna de Austria, vê-se que era um homem robusto, ossudo, de rosto angular, quasi quadrado, sem barba, olhos pretos e pequenos, labios finos. Politico sagaz, sabia aproveitar todas as occasiões e acontecimentos para favorecer a sua causa. Profundo conhecedor dos homens, tinha o dom de escolher com acêrto os companheiros e auxiliares da sua causa, aproveitá-los com grande prudencia, evitando ao mesmo tempo estar-lhes sujeito. «E' preciso reconhecer, diz Sandoval, que se mostrou digno dos favores da sorte, tanto politica como militarmente, pois os obteve, auxiliado de talento, habilidade, valor e energia, quer no apertado assédio de Lisboa, quer nas côrtes de Coimbra, quer nas outras operações da guerra.» (1)

---

(1) *Batalla de Aljubarrota.* — Cap. V, pag. 292.

Contava apenas 27 annos, quando foi aclamado Rei. Do seu matrimonio com D. Filipa de Lencastre, inglesa, teve oito filhos, progenie illustre que fez grande o nosso Portugal. Basta recordar o Infante de Sagres, o Infante Santo, D. Duarte, D. Pedro, etc., quasi todos sepultados na capella do fundador do Mosteiro da Batalha.

Tinha menos um anno o rei de Castella, seu adversario, tambem chamado João I. Homem de caracter manso e consciencia recta e costumes sãos, taes qualidades não compensavam a falta de tino politico e uma tal qual pretensão a discutir tudo e decidir ainda contra o parecer dos seus leaes e velhos conselheiros. Jovem, creado numa atmosfera de riqueza e adulações, deixava-se levar pelos entusiasmos imprudentes dos fidalgos moços que o lisonjeavam. Tinha saúde fraca, o que tambem contribuia muito para a indecisão e falta de firmeza que mostrava nas batalhas de que nos vamos occupando.

Apenas eleito rei, D. João I nomeava para os cargos de confiança, os seus melhores amigos. D. Nuno Alvarez foi escolhido para Condestavel do Reino. Entregava-se-lhe desta arte o commando supremo do exercito português. Pouco antes fôra nomeado conde de Ourem, titulo que D. Nuno acceitou com a condição expressa de que não seria creado nenhum outro conde du-

rante a vida do Mestre. Verificava-se assim a profecia do Alfageme de Santarem.

Terminadas as côrtes, D. Nuno seguiu para o Norte. No Porto tentou debalde aparelhar uma armada para ir combater as naus castelhanas que outra vez vinham bloquear o Tejo. Aqui veiu ter com elle a mulher e a filha, que puderam escapar de Guimarães, onde estavam retidas pelos que tinham essa cidade pelo rei de Castella. Pouco depois empreendia uma romaria a Santiago. De caminho foi tomado o castello de Neiva; em seguida Darque e Vianna; Villa Nova de Cerveira, Caminha, Monção, tambem vinham render-se ao Mestre. Este, por sua parte, acometteu a conquista de Guimarães, mandando recado a D. Nuno que fosse tomar Braga. Partiu logo o Condestavel; deu sôbre a cidade de Braga, que depressa se rendeu, e correu a tomar Ponte de Lima, como El-Rei lhe ordenara. Depois, juntaram-se ambos em Braga e daí marcharam sobre Guimarães, que foi egualmente rendida.

XII

ALJUBARROTA (PRELUDIOS)

Em Braga recebeu El-Rei D. João I noticia de que os castelhanos se preparavam para invadir outra vez o reino. Haviam-se concentrado em Ciudad Rodrigo, e entrariam pelo Alemtejo. Partiu immediatamente com Nuno Alvarez para Coimbra, donde seguiu para Santarem. Em Mugem souberam do engano. O castelhano escolhera o valle do Mondego para penetrar em Portugal. Enviou, pois, El-Rei o seu Condestavel ao Alemtejo para alliciar soldados e formar um exercito, indo elle a Abrantes. O Condestavel tratou logo de ajuntar gente, percorrendo a região entre Evora e Extremoz, e conseguiu levantar uns quinhentos homens de armas e bèsteiros, e dois mil peões. Nisso chegava recado de El-Rei que se fosse immediatamente a Abrantes. O inimigo estava perto de Coimbra; atravessara a fronteira sem resistencia; Almeida, Trancoso e Celorico haviam sido tomadas sem lucta.

Apenas chegado o Condestavel, reuniu-se o conselho de guerra. Ia-se deliberar sôbre o modo como se devia proceder num momento tão angustioso para os destinos da Patria. Os conselheiros divergiam: «El-rei desejaua muyto haver a batalha; e o Condestabre era com elle, o qual desejava muyto dar a batalha mais que nenhũã outra coisa, en tendo esto por serviço del-rei. E os outros do conselho eram muyto contra esto.» (1).

Os debates foram violentos e longos. A maioria inclinava-se a que se não deveria dar batalha; a differença de numero era enorme; aos trinta mil castelhanos podiam os portugueses, ao summo, oppor uns dez mil; luctar assim, seria temeridade, o melhor era invadir a Hespanha pela Andaluzia e obrigar deste modo, indirectamente, o inimigo a voltar para o seu país. Nuno, porêm, pensava mui diversamente. Protestou com energia contra taes planos. Elle promettera aos lisboetas que não deixaria approximarem-se os castelhanos da cidade, sem passarem pelo seu cadaver: havia de cumprir a palavra. Já que o haviam feito Condestavel, pertencia-lhe deliberar sobre assumptos de guerra, e elle julgava que se devia dar batalha. E, como os do conselho ainda hesitassem, D. Nuno saiu e re-

---

(1) *Chron. do Cond.* — Cap. LI,

colheu aos seus alojamentos. No dia seguinte, pela manhã, partiu para Thomar para ir contra o rei de Castella. Ao mensageiro, que o vinha chamar outra vez ao conselho, respondeu: «Dizei a el-rei meu senhor que eu não sou homem de muitos conselhos, e pois uma vez por elle foi determinado, como elle bem sabe, de não deixar passar el-rei de Castella todavia lhe poer batalha, que eu desta tenção não me entendo de mudar nem tornarei um pé atraz, mas dizei-lhe que peço por mercê que me deixe ir meu caminho, cá eu com estes poucos e bons homens portugueses que commigo vão, lh'a entendo de ir poer; se sua mercê for de ir lá, mande-m'o dizer, e aguardá-lo-hei em Thomar.» (1)

A pá da Padeira de Aljubarrota

Resposta tão decisiva não deixou de escandalizar os graves conselheiros; quiseram «mizerar o Condestabre» com El-rei: que era muito em se partir, que era desprezamento que fazia a el-rei, etc. Das quaes coisas, diz a Chronica, El-rei não curava, porque conhe-

(1) Fernão Lopes — O. c., vol. IV, cap. XXXI.

cia melhor o Condestavel e que tudo o que fazia era por seu serviço. E, com effeito, no dia seguinte, D. João I inclinava para a decisão do seu amigo, tambem elle abraçaria a opinião do Condestabre. Mandou, pois, apparelhar o seu exercito e marchou ao encontro do Condestavel para Thomar.

Entretanto, o exercito invasor, passando por Coimbra, approximava-se de Leiria, dirigindo-se sôbre Lisboa. No percurso havia destruido tudo. Casas, povoações, egrejas, campos, tinham sido talados, arrasados na marcha triunfal. Particular odio mostrara em Trancoso, onde mandara arrasar até a propria Egreja de S. Marcos, para se vingar da derrota que recentemente soffrera um exercito hespanhol. Embriagado com o triunfo, o rei de Castella respondia orgulhosamente aos mensageiros que mandára D. Nuno, intimando-o a deixar o reino: «nem reconhecia o Mestre como rei, nem a Nuno por condestavel».

Um prisioneiro castelhano dera informações do exercito: era numeroso, vinha bem apercebido, cheio de esperança. D. Nuno proíbiu-lhe que o dissesse aos portugueses, antes o obrigou a dizer o contrario; que eram muitos, sim, mas descorçoados, desorganizados, mal dirigidos. Poucos homens aguerridos bastariam para os vencer.

Eram animadoras as noticias, mais porme-

norizadas, do desastre infligido aos castelhanos em Trancoso, desastre a que atrás nos referimos. O caso passara-se assim:

Quatrocentas lanças, commandadas por João Rodrigues Catanheda haviam invadido o reino português, e, arrasando os arredores de Pinhel e Almeida, acercavam-se de Viseu. As dissensões, que reinavam entre alguns fidalgos portugueses, facilitavam a tarefa do inimigo, pois impediam a formação dum nucleo de resistencia. Questões de falso pundonor, questões de penacho, como hoje se diria, entre dois fidalgos, D. Gonçalo Vasques Coutinho, alcaide-mór de Trancoso, e Martim Vasques da Cunha, de Linhares. Felizmente o alcaide de Ferreira, por nome João Fernandes Pacheco, interveiu, conseguiu congraçar os dois fidalgos. Immediatamente se organizou um exercito que, cortando a retirada aos castelhanos, lhes tomasse os despojos que levavam e infligisse uma derrota completa. Mandaram, como era de estilo, um escudeiro que levasse o cartel de desafio ao Catanheda, e esperaram o inimigo a meia legua de Trancoso, com umas trezentas lanças, ás quaes, porêm, não correspondia numero sufficiente de peonagem e bèsteiros. Os castelhanos eram mais de dois mil. Junto da ermida de S. Marcos deu-se o encontro. Abriram a batalha os ginetes de Catanheda, que derrotaram os cam-

ponezes portugueses, pondo-os em fuga. Mas os fidalgos lusitanos, ajudados de alguns bèsteiros, contiveram a investida da cavallaria inimiga, recebendo-a de pé quedo, á maneira do sistema usado por Nuno Alvarez em Atoleiros. Foi tenaz, obstinada, a lucta. Nella morreram quasi todos os cavalleiros castelhanos, de encontro á barricada de lanças, onde iam caír feridos os animaes, arrastando na queda os montadores. A peleja durou desde manhã até á noite. Por fim, os portugueses tinham vencido. Apoderaram-se de todas as bagagens, libertaram os prisioneiros, e puseram em fuga os invasores. Teve esta batalha, diz Schoeffer (1), resultados funestos para os castelhanos; diminuiu o seu poder, destruindo uma boa porção da sua fidalguia, abalando a sua confiança, e exaltando a coragem dos portugueses, cuja orgulhosa audacia arrostou daí em deante todos os perigos. Foi um digno preludio da batalha decisiva de Aljubarrota.

Haviamos deixado D. Nuno em Thomar, onde se lhe fôra juntar El-rei.

Ambos os amigos, decididos a dar batalha ao invasor, detendo-o na sua marcha sobre Lisboa, vieram com os seus exercitos, aos quaes se haviam juntado os triunfadores de Trancoso, a Ourem; daí seguiram para Porto de Moz, e

(1) *Hist. de Port.*, pag. 366, trad. port.

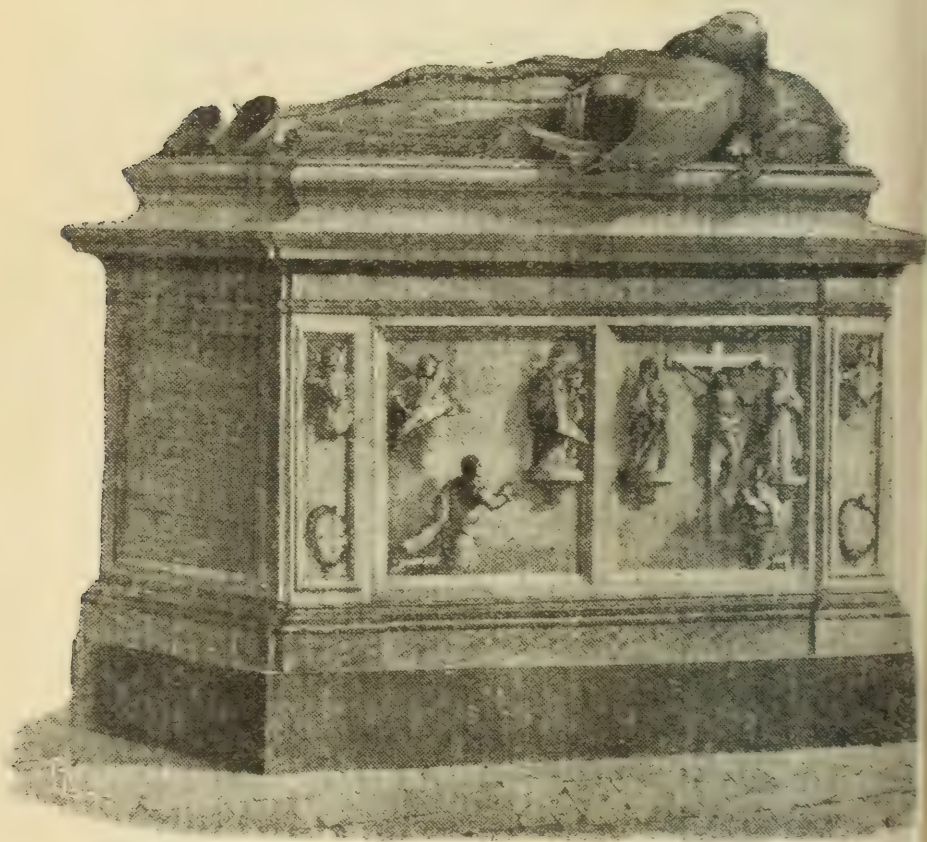
daí a Aljubarrota, onde se feriu a batalha de que vamos tratar.

No caminho, em Atouguia das Cabras, aconteceu entrar no acampamento uma corça, que, apesar de perseguida e acossada por muita gente, conseguiu escapar até á tenda real, onde foi morta. Bom prenuncio, diziam os optimistas, (e o eram quasi todos), para a peleja em que iam entrar.

D. João I e o Condestavel ordenaram os seus exercitos, e tomaram posições extremamente favoraveis para um combate. Mas, sobretudo, e é o que mais importa para este nosso trabalho, procuraram preparar-se para a lucta, com aquelles confortos religiosos que alentam o coração humano e o dispõem para o heroismo.

Ao cair da noite de 13 de agosto de 1385, os dois exercitos estavam já dispostos em ordem de batalha, a duas leguas de Leiria. No dia seguinte decidir-se-hia a sorte do reino português, a sorte da sua independencia, a confirmacão da nova dinastia.

Demos a palavra ao nosso Fernão Lopes. Estamos no dia 14 de agosto, uma segunda feira, vespera da Assumpção de Nossa Senhora, dia de jejum. «Bem cedo, de madrugada, diz o chronista, mandou o Conde dar ás trombetas, e de noite, antes que amanhecesse, começou a ouvir suas missas e naquella tenda onde estava,

davam o Santo Sacramento a quantos commungar queriam os clerigos que para isto eram prestes.» Iam receber na Sagrada Eucaristia, no Pão dos fortes, a coragem de leões, que haviam de mostrar em breve, iam pedir a Deus, «em cujas mãos estão as victorias», que a désse a elles, á sua Patria periclitante; iam, mais uma vez, clamar: «Senhor, salvae o vosso Portugal.»

Fac-simile em madeira do tumulo de D. Nuno Alvarez que se conserva ainda nas ruinas do Carmo

XIII

ALJUBARROTA (A BATALHA)

«Dom João, pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que por honra da Virgem Maria nossa defensora e destes reinos, considerando as muitas estremadas graças, que de seu bento Filho a rôgo della sempre recebemos, assim em guarda de nosso corpo, como exalçamento dos ditos Reinos em as guerras e mesteres em que somos postos, especialmente na batalha e campo que houvemos com os Castellãos, dando-nos delles victoria maravilhosa, mais por sua misericordia, que pelos nossos merecimentos, propuzemos, em remembrança dos beneficios por ella recebidos de edificar e mandar fazer esta casa de oração, em a qual á honra e louvor da dita Senhora se faça serviço a Deus...»

Assim começa a carta de doação do Mosteiro da Batalha á esclarecida Ordem de S. Do-

mingos (1). O Chronista da Ordem descreve, na sua linguagem e estilo maravilhoso, o nosso grande monumento nacional, certamente um dos mais bellos templos do mundo e a melhor joia da arquitectura portuguesa. E' um poema em pedra, onde a alma portuguesa cristallizou as suas aspirações e sentimentos, a sua Fé e religiosidade, no tempo em que foi fundado. A fachada riquissima, com o estupendo portico, constitue uma Biblia marmorea.

A' direita de quem entra está a capella dos fundadores onde jazem os restos mortaes de D. João I, de D. Filipa e seus filhos. As tres naves arrojadas, as columnas esguias, a sobriedade da ornamentação, a claridade mistica do interior são dum effeito surpreendente. Santa Maria da Victoria é um monumento votivo e commemorativo da Batalha de Aljubarrota, levantado nas immediações do campo onde ella se feriu.

A dois kilometros, na estrada que conduz a Lisboa, está uma graciosa capella, dedicada a S. Jorge e mandada edificar pelo Santo Condestavel no sitio preciso, onde esteve a sua ala na memoravel batalha.

O logar, escolhido por D. Nuno para o exer-

---

(1) Fr. Luis de Sousa, *Hist. de S. Dom.*, b. VI, c. XII.

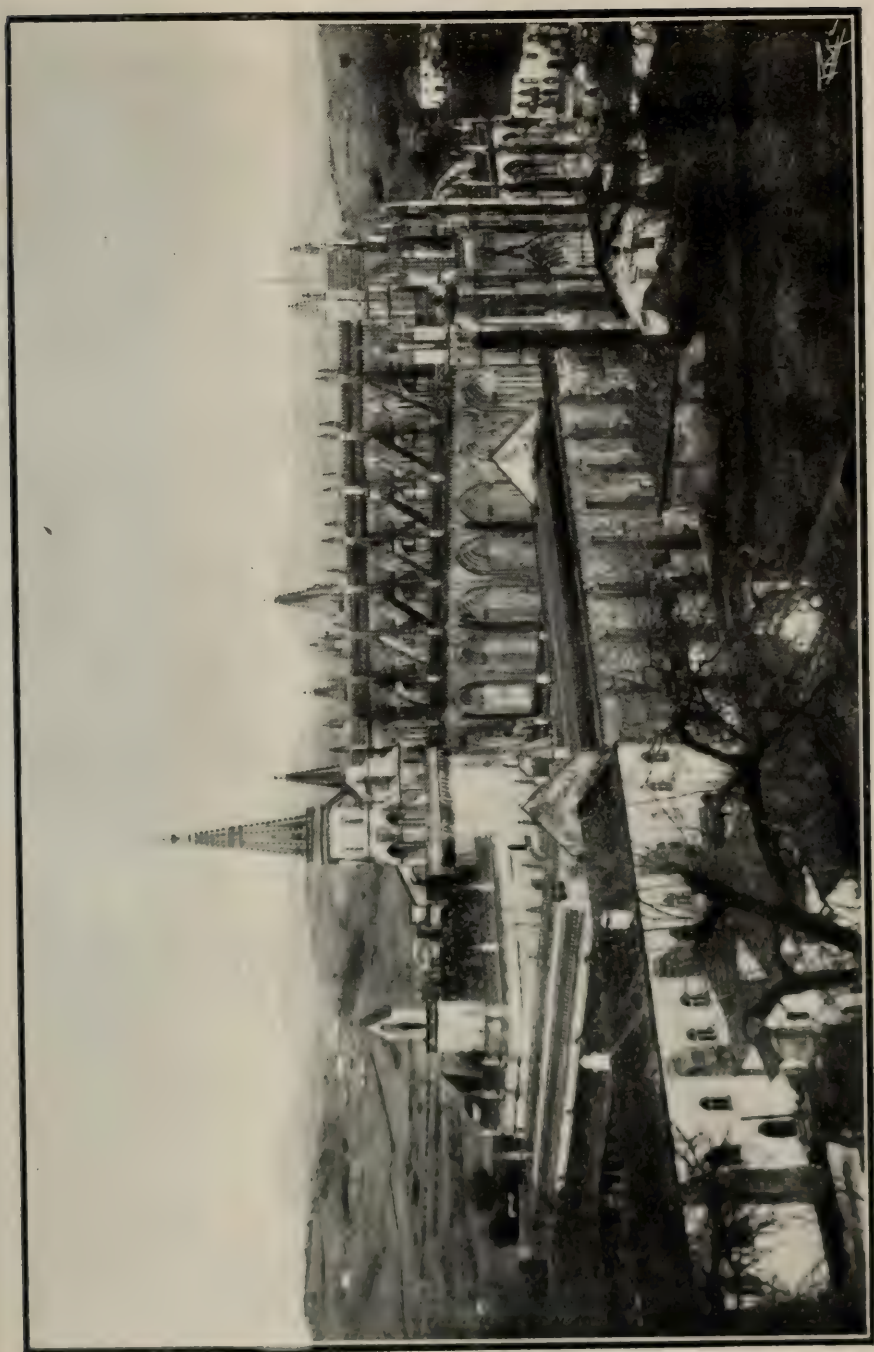
cito português, estava em posição elevada, permittindo-lhe, assim espiar os movimentos do exercito contrario, e tinha a vantagem de ser defendido nos flancos por dois barrancos de difficil accesso. E bem necessaria era esta vantagem para luctar com cerca de oito mil combatentes contra o enorme exercito castelhano, quasi quatro vezes superior em numero, abundantemente fornecido de alimentos e munições.

O sol meridional já illuminava o horizonte. Ambos os exercitos se preparavam para o combate. D. Nuno dispunha as suas hostes. Elle proprio commandava a vanguarda; El-Rei a retaguarda, que era ao mesmo tempo a reserva que havia de acudir ao logar de maior perigo. Um dos flancos estava confiado á celebre ala dos namorados; no outro estavam todos os estrangeiros, na mór parte ingleses. Pouco vistoso era esse exercito improvisado; mas tinha unidade de commando, coesão, e um general, novo sim, mas genial, D. Nuno Alvarez, a quem todos, inclusivamente o Rei, obedeciam. As hostes castelhanas, numerosas, vistosas, moveram-se do seu acampamento em busca do inimigo. Em vez de o atacar de frente, «pollo poo e vento que lhes dava nos rostos» foi ladeando a posição occupada pelos portugueses. Era uma serpente medonha, uma giboia monstruosa que parecia querer enroscar, nas suas curvas mortife-

ras, o pequeno nucleo que occupava o logar da actual aldea de S. Jorge. D. Nuno, por sua parte, tambem inverteu as posições dos seus. Foi occupar o logar onde estava a règuarda e ordenou que trocassem posições as outras alas. Era meio dia, e ainda o combate não começara. Vieram parlamentarios propor uma rendição; D. Nuno recebeu-os com cortesia, mas negou-se a tratar do assumpto; e, como elles insistissem, comminou-os que os mandaria assetear, se se não retirassem immediatamente. Uns peões portugueses da carriagem, tomados de medo, intentaram a fuga; mas foram cruelmente mortos pelos contrarios. Ao ver tal fim os do exercito exclamaram «que antes queriam morrer como homens que morrerem como porcos, como aquelles que fugiram morrerom». D. Nuno percorria as fileiras, animando, instruindo os seus. O seu unico receio era de que os castelhanos não dessem batalha; era a peior das hipoteses para os seus punhados de valentes, que estavam em jejum, por ser vespera da Virgem Santissima; para se manterem em cêrco, faltava-lhes o necessario. Impacientavam-se todos por verem as hesitações do inimigo, hesitações inevitaveis, porque lhes faltavam caudilhos. Os melhores haviam morrido no cêrco de Lisboa; o rei estava doente, era conduzido em liteira; os conselheiros actuaes peccavam por

inexperientes ou por medrosos. Apesar dessas hesitações, ás tres da tarde ouviu-se um estampido formidavel; dois escudeiros portugueses caiam mortos; eram os *trons* ou bombardas, que appareciam pela primeira vez na Peninsula. Imperfeitas, como eram, não tiveram resultado apreciavel. Pouco depois soavam as trombetas castelhanas; grandes massas de cavalleiros precipitavam-se em desordem sobre a vanguarda portuguesa. D. Nuno animava os seus, clamando: «Ah portugueses! pelejar... filhos e senhores... por vosso rei, e por vossa terra...» Que estivessem firmes, e recebessem assim a investida dos cavalleiros.

Eram perto das seis da tarde. A enorme e pesada massa veio esbater-se contra o muro formado pelas lanças lusitanas: vinha desordenada. A estreita garganta, onde estavam os portugueses, a obrigara a diminuir a frente de ataque. Comtudo, a pressão foi tal, que o centro da vanguarda recuou em arco, ia ceder. Mas, eis que, automaticamente, as duas alas vieram reforçá-la, e pouco depois vinha El-rei com as reservas da rètaguarda. Fortalecido assim o nucleo combatente, a lucta tomou um aspecto feroz. Abandonando as lanças, ou quebrando-lhes os contos, os cavalleiros hespanhoes combatiam denodadamente, para derribar essa parede de homens, formada pelos portugueses. Esforço

baldado, porque elles proprios caiam feridos pelas lanças dos peões, ou derribados pelos tiros dos bèsteiros e archeiros. Os cavallos mortos eram outro obstaculo contra o qual esbarravam na sua marcha. Os cadaveres, os corpos dos feridos, já se amontoavam defronte da posição expugnada, formando novo e horrivel obstaculo. A flor da nobreza hespanhola estava dizimada. Nisso vem um refôrço enviado pelo rei, o qual já encontrou os combatentes em franca retirada, acossados violentamente pelos valentes soldados de D. Nuno. O embate dos dois corpos augmenta a confusão, a fuga agora é desordenada. D. Nuno corre a acudir a um ataque dirigido pelo Mestre de Alcantara contra a rètaguarda portuguesa e repelle-o facilmente. Depois todos gritando: «Já fogem, já fogem», perseguem o inimigo, completamente desorientado. Tomam-lhe a bandeira, matam desapiedadamente, prendem, saqueam tudo. O pobre rei doente, monta num cavallo e foge para Santarem. Privados do chefe, os da infantaria, que nem se quer chegaram a tomar parte na lucta, fogem, largando armas e bagagens. Foi uma debandada confusa, lugubre, augmentada pela escuridão que começava a entristecer os tojaes dos campos de Aljubarrota. Em menos de uma hora havia-se ganhado uma victoria verdadeiramente decisiva. A coroa real fora baptizada no

VISTA GERAL DO MOSTEIRO DA BATALHA

sangue castelhano, firmara-se inabalavelmente a nova dinastia (1).

O jovem Condestavel (contava apenas vinte e cinco annos!) alcançara as palmas do maior general da Peninsula, dora avante o seu nome só bastará para refrear os mais audazes adversarios. A fuga do rei fôra precipitada. Entendeu-o D. Nuno, pois via bem que com o exercito que ainda restava podiam os castelhanos bater o inimigo. Não permittiu, portanto, que se desfizesse a ordem de guerra dos seus durante a noite. Alta noite, foi á tenda real congratular-se com El-rei D. João. Fallaram longamente os dois amigos. D. Nuno contou-lhe como vira uma setta vinda do ar derribar o seu irmão

---

(1) Alguns dos nossos historiadores mencionam as mulheres portuguesas que de algum modo concorreram para o exito da batalha. Maria de Sousa ajudava e animava os soldados levando-lhes alimentos e refrescos; só ella havia derrubado 20 castelhanos. Joana de Gouvêa, parenta do cavalleiro Castro de Souza, arremessava contra o inimigo pedras e paus. Mas de todas a mais celebre é a lendaria padeira de Aljubarrota Brites de Almeida, por alcunha a *Pisqueira* que matou sete castelhanos, escondidos no seu forno com a famosa pá, que ainda hoje se conserva no municipio da villa. Tambem se conserva no Convento de Alcobaça a enorme caldeira que foi tomada ao inimigo e na qual, segundo referem os chronistas, se preparava a comida do sequito do Rei de Castella. Tem 1,30 de diametro maximo.

Pedr'Alvarez, feito Mestre de Calatrava pelo rei castelhano; fallaram dos mortos, dos bons portugueses e dos *chamorros* que «então chamavam aos máos portugueses». «Bastos como os feixes no restolho de bom trigo e bem basto, diz a Chronica, jaziam os cadaveres dos inimigos. Cearam juntos, elles que durante todo esse dia nada haviam provado «e a tal ceia, acrescenta a Chronica, se poderia bem chamar saborosa». El-rei ficou tres dias no campo, como era costume, para affirmar a sua victoria; depois foi a Alcobaça juntar-se ao Condestavel que regressava de Ourem, onde fôra agradecer á Virgem a victoria que alcançara e tomar posse do condado, agora confirmado e ampliado com largas doações. Daí marcharam para Santarem.

XIV

VALVERDE

Em Santarem souberam os dois amigos que o rei de Castella fugira em direcção de Lisboa; aí embarcara secretamente, disfarçado, numa das naus que bloqueavam a cidade, e partira para Sevilha. Estava assim consummada a derrota. Sem guia, sem commando, dispersava-se o exercito invasor. Mas nem El-rei nem o Condestavel quiseram descansar á sombra dos louros alcançados. Era necessario tirar todo o partido possivel da victoria; era necessario subjugar todas as cidades que ainda se mantinham por D. Beatriz e, principalmente, urgia inutilizar o resto do exercito castelhano, a fim de tornar impossivel qualquer tentativa de nova invasão. D. João I dirigiu-se para o Minho; aqui, depois de agradecer a Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, as graças recebidas, foi tratar no Porto da columna que havia de render as cidades que em Traz-os-Montes ainda eram por Castella. O Condestavel dirigiu-se para o Alemtejo, onde, como fronteiro-mór, lhe competia a defesa do reino. Acompanhá-lo-hemos nessa viagem,

certamente a mais gloriosa de quantas teve na sua vida. A esquadra castelhana abandonava o Tejo. D. Nuno entendeu que devia proseguir as operações e ir buscar o inimigo no seu proprio territorio. Tomava assim a offensiva, cujo effeito moral forçosamente havia de deprimir o animo dos castelhanos, já profundamente abalado com a derrota de Aljubarrota.

Reuniu, pois, um exercito, apetrechou-o de tudo o que necessitava para uma invasão e mandou aviso ao inimigo que em breve seria em terra sua. Passou a fronteira em Badajoz, e foi tomando successivamente Almendroal, Parra, Zafra, Fuente del Maestre, Usagre e Villa Garcia. Desde Parra seguia-o o Mestre de Alcantara, Barbuda, porêm sem lhe dar combate. Esperava melhor occasião, que em breve se lhe ia apresentar. Com effeito, em Villa Garcia appareceu um arauto, com recado dos inimigos. Trazia na mão um mólho de varas. A *Chronica do Condestabre* (1) descreve pormenorizadamente a encantadora scena de que não queremos privar o leitor.

Bem recebido pelo Condestabre que estava sentado, o trombeta, de joelhos, fallou desta guisa: «Senhor Condestabre, o Mestre de Santiago, D. Pedro Moniz, meu senhor, ouvindo

(1) Cap. LIV.

dizer que vós sois em sua terra e lhe fazeis muito mal e estrago nella, vos manda desafiar e vos envia esta vara». — E o conde respondeu: «que fosse bem vindo com taes novas»; e tomando a vara na mão, passou-a para outra «ca bem entendeu que todas lhas havia de dar». Com egual ceremonial o arauto foi entregando as outras varas, até esgotar o feixe: e bem numerosas ellas eram. O Mestre de Calatrava, o Conde de Medina Cœli, o Mestre de Alcantara, mais de doze fidalgos da Andaluzia e Estremadura hespanhola, e os vinte e quatro de Sevilha, todos haviam enviado a sua vara. Acabando de as receber, D. Nuno disse: «Amigo meu, vós sejaes mui bemvindo com taes novas como estas, que me não podieis ora trazer outras com que me tanto prouvesse; salvo se me trouxereis recado que el-rei de Castella me mandava desafiar. E vós dizei ao Mestre, meu senhor e amigo, que me praz muito com sua desafiação.» Interrompendo então o discurso e dirigindo-se aos seus exclamou: «Vedes, amigos, como é certo o que eu dizia estes dias? que o Mestre, meu senhor e amigo, não nos havia de leixar

A caldeira de Alcobaça, tomada aos castelhanos em 1385

passar por esta terra, que não nos puzesse batalha? Ora é mister que nos façamos prestes para ella, e quem nos tão boas novas trouxe razão é que haja boas alviçaras.» Mandou então dar ao trombeta cem dobras e concluiu: «Dizei ao Mestre meu senhor e amigo, e aos senhores que com elle são, que eu lhes agradeço muito suas desafiações e que muito mais lhes agradeço as varas que me mandaram, com que os entendo todos de ir castigar.» E então se partiu o trombeta e levou este recado áquelles senhores que o enviaram, que de tal resposta foram mui maravilhados, conclue o citado documento.

Marchou, pois, com o seu exercito, já disposto em ordem de batalha, a Villa Nueva e, passando por Medelim, veio a Valverde, perto de Merida, onde achou o inimigo.

Occupava este posições altas, extremamente vantajosas, emquanto Nuno devia passar a vau o rio, para o ir buscar, perseguido na rètaguarda pelo Barbuda, que já lhe mordia a cauda do exercito. Encontrava-se entre dois fogos. E comtudo não hesitou. Em ordem de batalha atravessou com a vanguarda o rio; depois veiu elle mesmo acompanhar as bagagens e a rètaguarda, pelejando sempre, mas sempre firme. Formaram então um quadrado cerrado e investiram contra o inimigo.

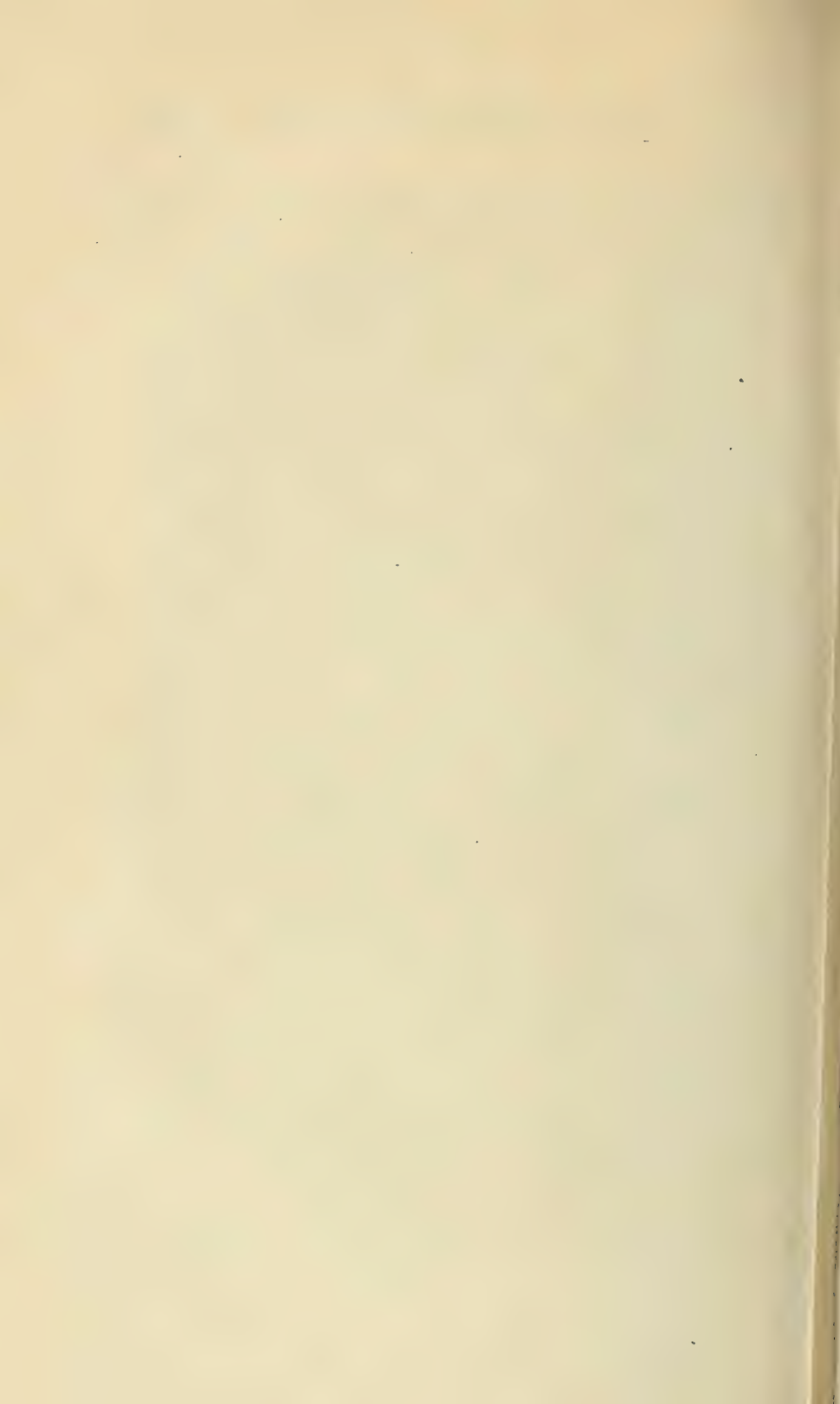
Como um bloco immenso de granito que,

desprendendo-se da encosta dum monte, não obstante a tempestade e os raios, vence todos os obstaculos com a força adquirida, e se arremessa nos campos, destruindo, com a sua massa gigantesca, arvores, casas, tudo o que se lhe atravessa na marcha fulminante, assim, impellido pela coragem de Nuno, cae sobre o inimigo, cinco vezes superior em numero, a pequena hoste portuguesa, pequena em numero, mas heroica na coragem. Toma de assalto, uma a uma, as posições ou outeiros occupados pelos hespanhoes. Quando chegaram ao terceiro, a lucta é homerica. Atacados por todos os lados, os portugueses defendem-se como leões. Sustenta-os a coragem do seu jovem Condestavel. Nisso um dardo vem ferir o calcanhar de Nuno. Não importa; elle continúa impavido na refrega. Vendo que a rètaguarda do seu exercito começa a fraquejar, acorre a ella, e levanta os espiritos dos combatentes. Uma chuva de lanças, dardos, settas, virotões cae sobre as hostes lusitanas; ouvem-se gritos ferozes, misturados com os lamentos dos feridos; o retinir das espadas lembra o fusilar dos relampagos. A vanguarda começa a ceder. Procuram Nuno... não o encontram. Um temor gelido invade os espiritos. Teria morrido o capitão? e então o que seria delles, aí... entregues a tão numerosos inimigos e assaltados como feras!?

Mas eis que Ruy Gonçalves dá com o Condestavel. De joelhos, com os braços levantados, entre umas penhas, enlevado em sublime oração, Nuno fitava os ceus. Chamam-no, expõem o perigo em que se encontram. D. Nuno, placidamente, responde: «Amigos, ainda não é tempo, esperae que termine de orar», e continúa enlevado, como um santo em extase, na sua fervente oração. Acodem outros guerreiros e se quedam maravilhados deante do estranho espectaculo, deante da serenidade desse rosto no meio do alarido da guerra. Pouco depois ei-lo de pé, manda aproximar o escudeiro que sustentava o seu cavallo, monta, e apontando para o estandarte do chefe hespanhol, do Mestre de Santiago, convida os seus a acompanharem-no. Caem sobre os hespanhoes com impeto irresistivel, tomam-lhe a bandeira, ferem mortalmente o chefe: põem em debandada o inimigo. A victoria estava ganha. Agora só se perseguiam no terreno accidentado da peleja os fugitivos. Apoderara-se delles um verdadeiro pavor. Durara esta lucta dois dias, de sol a sol.

Depois de estar um día no campo de batalha, Nuno empreendeu a marcha para Portugal; passando por Merida e Badajoz, veiu descansar em Elvas.

Quisemos descrever mais desenvolvidamente esta batalha, porque a iniciativa da invasão, a

ordem, o apetrechamento dos soldados, tudo foi exclusivamente dirigido por Nuno. Elle, sem consultar o Rei, havia tomado todas as resoluções. Nella, pois, apparece o homem tal qual é: recebendo da sua Fé, haurindo na oração aquelle heroismo que tornou o seu nome temido em toda a Hespanha. Com esta victoria, alcançada em terras hespanholas, com a guerra levada ao coração de Castella, acabava de abater completamente o moral dessa Nação. E' certo que para ella contribuiu a inferioridade dos soldados que formavam as hostes castelhanas. As melhores haviam succumbido em Atoleiros, Trancoso e Aljubarrota. As de Valverde, embora numerosas *como herva do campo,* que fazia parecer o exercito português *uma eira cercada de campos*, eram formadas de camponeses, pouco destros no manejo das armas e nas manobras da guerra. Faltava-lhes mais uma vez a unidade de commando. Os varios fidalgos que as dirigiam estavam separados por invejas, rivalidades, que faziam perder a homogeneidade de vistas, necessaria para as batalhas. As proprias chronicas castelhanas inserem, como dia funesto para a sua Patria, a data desta peleja: ferida a 15 e 16 de outubro de 1385, apenas tres meses depois do desastre de Aljubarrota.

XV

GUERRA OFFENSIVA

D. João I, como dissemos, fôra reduzir as praças do norte que ainda se mantinham por Castella. Apenas recebeu noticia da victoria de Valverde, ordenou ao Condestavel que viesse ajudá-lo em Traz-os-Montes, onde Chaves resistia valorosamente ao cêrco. Quando chegou ao Porto um popular apresenta-se ao Condestavel, a pedir-lhe justiça contra um dos seus cavalleiros, um certo Antão Vaz. Esse cavalleiro lhe «depenara a barba e lhe tomara vinho de sua adega non lhe pagando delle nenhũa coisa». Mandou immediatamente D. Nuno indemnizar o queixoso com bens que pertenciam ao dito Antão, nada se importando com as «palavras soltas» deste. O Vaz adeantou-se na marcha e foi queixar-se a El-Rei: que o Condestavel era demasiado severo, que lhe roubara a terra, etc. Mas o Monarca, depois de ouvir D. Nuno, deu por bem feito tudo o que elle ordenara. Mais ainda: a pedido do seu Condestavel, ordenou

que se lançassem fóra todas as mulheres que acompanhavam os soldados, medida severa, mas absolutamente necessaria para a moralidade que deve reinar nas tropas disciplinadas. Chaves por fim capitulou; logo depois Bragança. Podia-se agora iniciar a invasão de Castella.

Com effeito, em maio de 1386, depois da revista ou alardo passado em Vallariça, as hostes portuguesas penetravam por Ciudad Rodrigo, que se entregara sem combate, na Castella, e iam cercar Coria. Algumas villas só se rendiam ao Condestavel, coisa que não pequena inveja fazia nascer no animo de alguns fidalgos que continuavam a conspirar, «a fazerem entre si falla para errar ao Condestabre se pudessem.» Inuteis conjuras! O espirito de D. Nuno era superior a todas estas mesquinharias. Tratava-os como se ignorasse os seus conluios. Durante o cêrco vieram lhe dizer que um escudeiro, por nome Gonçalo Gil, roubara um calix de uma egreja. Não poude Nuno soffrear a sua indignação deante do sacrilegio. Inquiriu, viu confirmado o crime. Ordenou que levantassem uma fogueira para queimar o criminoso. Só depois de muito rogado perdoou a vida ao desgraçado Gonçalo, mas expulsou-o do exercito. «Nunca mais apparecesse entre os seus soldados... Entretanto a cidade cercada resistia. Os sitiantes não possuiam engenhos para acometter

a praça forte. O calor e a falta de agua faziam adoecer grande numero de soldados «de guisa que tantos eram os doentes como os sãos». Decidiu-se, pois, levantar o assédio e regressar a Portugal, pela Beira. Nuno Alvarez, algo desgostado, seguiu para Ourem, passando antes a Santa Maria do Meio (Certan), para visitar o Santuario da Virgem. Daí voltou para o Alemtejo.

Estava D. João em Lamego, quando lhe chegaram novas de que os ingleses, commandados pelo Duque de Lencastre, haviam desembarcado em Corunha e seguiam triunfantes pela Galliza abaixo. Vinha o Duque, como se sabe, pretender a coroa de Castella, pretensão favorecida por D. João, como meio de enfraquecer o inimigo. Pouco auxilio material recebeu a nossa nação com a vinda do Duque. Em compensação, porêm, foram grandes os resultados moraes. O Rei de Castella procurou entabolar negociações para o casamento da filha primogenita do Duque, D. Catarina, com o herdeiro da sua coroa. Antes que ellas surtissem effeito, o nosso Rei casa com a segunda filha, D. Fillipa, rainha das mais benemeritas que ainda se sentaram em trono português. Logo depois desse casamento, effectuado no Porto, o exercito português e mais o corpo expedicionario do Duque, entravam pela Hespanha; iam cercar Benavente,

que se rendia, seguindo pelo país dentro. Mas os nossos alliados bem depressa fraquejavam; não podiam soffrer os calores de maio, nem a falta de alimentos. Não eram elles frugaes, como os nossos. Cansaram-se, pois, bem depressa; o Duque proseguiu as negociações do casamento de D. Catarina com o infante D. Henrique. Com este matrimonio terminaram as pretensões do Duque de Lencastre, que regressou, com o que lhe restava do exercito, através de Castella, por Bayona, para Inglaterra. As duas familias reinantes, de Portugal e Castella, approximavam-se por um parentesco que muito havia de contribuir para a paz difinitiva. D. João I voltava para Portugal e fixava a côrte em Coimbra. O Condestavel retirou-se para o Alemtejo.

Em agosto de 1367 adoecia El-rei gravemente. Chegaram a julgá-lo perdido. Sabida a noticia, D. Nuno correu a Coimbra. Felizmente a crise passara. Amorosamente o Condestavel não quis apartar-se do seu amigo antes de o vêr completamente curado.

No mês de dezembro El-rei convocava as côrtes para Braga. Não obstante a sua repugnancia D. Nuno viu-se obrigado a apparecer nellas, como procurador dos fidalgos do reino. Fallou na assembleia com o desassombro costumado. «E desto non prouve a El-rei, segundo

palavras que ao conde respondeo», e, o que é peor, nenhum dos fidalgos se levantou para o apoiar. «Quem serve ao commum, não serve a nenhum», dizia D. Nuno vendo o pouco resultado da sua acção parlamentar, e nunca mais quis acceitar tal procuração.

Nisso lhe veiu recado de que a condessa, sua mulher, estava doente no Porto. Quando lá chegou, tinha morrido. Enterrou-a com as maiores honras no Convento das Dominicanas de Villa Nova de Gaia, casa de que os paes de D. Leonor de Alvim haviam sido generosos bemfeitores. A unica filha, D. Beatriz, fructo deste matrimonio, mandou-a para Lisboa, ao cuidado da sua mãe Iria Gonçalves. Elle voltou depois ás côrtes de Braga.

Como é sabido, a rainha D. Fillipa tem na nossa historia fama de casamenteira. Quis dar ao viuvo nova esposa na pessoa de D. Beatriz de Castro, filha de Alvaro Pires de Castro, primeiro condestavel que foi de Portugal, «donzella bem filhadalgo e fermosa», diz a chronica. Recusou-se D. Nuno, dizendo: «Para offerecer a D. Beatriz os braços, era preciso que estivessem desarmados, e não convem ainda largar a espada» (1). Não se dava porêm a rainha por vencida, tanto que D. Nuno pediu licença a El-

---

(1) Chronica de Sant'Anna — L. III, pag. 938.

rei e fugiu de Braga, dizendo no caminho aos que o acompanhavam: «que emquanto estivera em Braga que sempre encima della andara uma nuvem negra, e que depois que dahi partira lhe parecia que aquella nuvem negra ficara sobre Braga, e que elle vinha já desabafado sem ella» (1).

Quando chegou ao Alemtejo, em Evora houve recado que o Mestre de Santiago se preparava para invadir o nosso reino, com tenção de queimar Extremoz e Vimieiro. Reuniu logo os seus e marchou a defender Extremoz. Esta invasão, porêm, não chegou a effectuar-se. O Castelhano apenas soube da vinda do Condestavel, desistiu da empresa. Não assim o Conde de Nebra, que entrara em Portugal por Campo de Ourique, talando e saqueando as povoações que encontrara. Particular damno soffrera Vidigueira, donde o inimigo levara presos homens, mulheres e creanças e «todollos gados e bestas». No regresso triunfal chegara a Villa Nueva del Fresno, a quatro leguas de Monsaraz, onde se encontrava D. Nuno. Com os escassos homens que o acompanhavam, a marchas forçadas, foi no encalço do inimigo, mesmo de noite; surpreendeu-o emquanto estava em grande folgança, e, obrando prodigios de valor, desbara-

(1) *Chronica do Cond.* — Cap. LVIII.

tou-o por completo. Libertou os prisioneiros, distribuiu por elles o saque da Villa; para si só ficou com a ferida, que uma pedra lançada da torre da cidade, lhe fizera na coxa.

Alegrou-se o Rei, que se encontrava em Lisboa, com a noticia e apesar do nojo dos maldizentes, que continuavam a perseguir o Condestavel na côrte, veiu a Extremoz, para ir com D. Nuno tomar Campo Maior, que estava pelo rei de Castella. Defendia-a Gil Vaz de Barundo, que resistiu durante algum tempo ao sitio. Por fim a villa foi tomada e Barundo entregou o castello, recebendo elle e os seus, salvo-conducto para Castella «como era conteúdo no tracto».

Em outubro deste anno de 1388 assignavam-se as primeiras treguas. Durariam apenas seis meses, mas com ellas já se ia preparando o caminho para a paz definitiva. El-rei D. João e o Condestavel foram a Aljubarrota assistir ao lançamento da primeira pedra dos monumentos a Santa Maria e S. Jorge, que ambos haviam feito voto de erguer no sitio da famosa batalha. Tudo presagiava o fim da guerra.

XVI

O FIM DA GUERRA — PAZ DEFINITIVA

Vamos resumir neste capitulo tudo o que se refere ás hostilidades entre Portugal e Castella, já que nellas sempre teve parte activa o nosso biografado. Os outros successos parallelos serão, para maior clareza, tratados no capitulo que segue. Assim poderemos terminar esta materia, já algo monotona, das invasões e tomadas de cidades.

Terminados os seis meses de treguas D. João I rompeu a guerra, tomando Tuy em agosto de 1389. Convencido o rei de Castella da sua inferioridade e aconselhado pelo Duque de Lencastre, que em França assignara treguas de tres annos com a Inglaterra, na celebre conferencia de Amiens, resolveu-se a entabolar negociações com Portugal e assignou tambem umas treguas que deveriam durar seis annos. Mas o seu espirito não se conformava com semelhante acto. Assim reunidas as côrtes em Guadalajara, manifestou-lhes a tenção que tinha de romper essas

treguas. Não encontrou, porêm, nem nos fidalgos, nem no povo, o apoio que procurava. Estavam todos cansados da guerra. Pouco tempo depois, dava em Alcalá de Henares, uma queda de um cavallo tão desastrosa,que lhe custou a vida. Succedeu-lhe o filho D. Henrique, concunhado d'El-Rei de Portugal. As duas rainhas, como o leitor sabe, eram irmãs, e ambas desejosas de vêr o termo da guerra. Assim chegaram a assignar-se novas treguas por quinze annos, facto que determinou a resolução de D. Nuno, em 1393, de que adeante fallaremos. Julgava elle que era a paz definitiva, e decidira distribuir os seus bens.

Tres condições continha o tratado: Suspensão de hostilidades, restituição mútua de prisioneiros, nomeação de juizes que dirimissem quaesquer contendas que porventura surgissem nos quinze annos que deveria durar a tregua. Nomearam-se dezaseis dominicos, oito castelhanos e oito portugueses, para recolher os presos em Castella. Em Portugal tomaram esta missão oito franciscanos, metade portugueses, metade castelhanos.

Da nossa parte cumpriu-se á risca o que dizia respeito á restituição de prisioneiros; não foi egual a lealdade do procedimento dos contrarios. D. João I quis exercer represalias. Mandou chamar Martim Affonso de Mello e encommendou-lhe a conquista de alguma cidade castelhana

para obrigar o rei de Castella a cumprir o convencionado. Este fidalgo, diz Pinheiro Chagas (1), partiu para o Alemtejo e esteve muito tempo espiando Badajoz e Albuquerque, e informando-se do modo como essas duas praças eram guarda-

O Convento do Carmo, visto da parte oriental
(Da *Chronica de Sant'Anna* — P. IV. C. I — pag. 571)

das. Lançou afinal as suas vistas sobre Badajoz. Combinou com um homisiado português, Gonçalo Annes, um modo de entrar por surpresa na cidade, cousa que só pôde ser levada a cabo na

(1) *(Hist. de Portugal* — Vol. II, cap. III, pag. 56).

noite de Ascensão de 1396. El-Rei, apenas teve noticia do feito, encarregou o Condestavel de assegurar a posse da cidade, e enviou recado a D. Henrique de Castella que restituiria Badajoz, logo que se lhe pagasse o que devia, mais de 250 mil dobras.

Irritou-se o monarca hespanhol, e, sem mais, declarou rôtas as hostilidades. Passaram, nessa occasião, para o lado de Castella, alguns fidalgos portugueses despeitados e invejosos de Nuno Alvarez. Juntaram-se ao exercito invasor e vieram sobre Viseu, que foi tomada, saqueada e incendiada; D. João I quis reunir os seus, mas já não encontrava nelles o entusiasmo de antes. O proprio Condestavel, irritado com as medidas que o Rei tomara quando foi da distribuição dos seus bens, mandou dizer a El-Rei «que havia mais fidalgos no reino, que não era preciso chamá-lo em tudo e por tudo». Anojou-se o Rei com a resposta; mas tudo foi esquecido quando dias depois lhe apparecia D. Nuno á testa de duas mil lanças.

Mais uma vez triunfara o coração nobre de D. Nuno sobre os seus justos resentimentos. El-Rei, abraçando-o, exclamou: «Ora posso eu dizer que é este o primeiro homem darmas que eu em esta terra vi.» (1)

---

(1) Chron. — Cap. LXV).

Os castelhanos, ouvindo a noticia da chegada do Condestavel, retiraram-se da Beira, mas enviaram outro corpo de exercito para invadir o reino pelo Alemtejo. Partiram immediatamente para a região invadida; mas o Mestre de Santiago, apenas sentiu os portugueses, houve por bem voltar a suas terras com os despojos colhidos na comarca de Beja e do Campo de Ourique. Quiseram os portugueses vingar a affronta e invadiram Castella por Valencia até Caceres. Aqui os castelhanos se refugiaram adentro dos muros da cidade, resistindo com valor e zombando do Condestavel com estas palavras, bem celebres nos fastos da nossa historia: «Non vos valeo vosso madrugar, Nuno madruga.» Mas o Condestavel, a quem davam essa alcunha pelo costume que tinha de se levantar muito cedo, assentou seu arraial junto da villa, e no dia seguinte, apenas recebidos novos reforços, atacou-a e reduziu-a.

No regresso para Portugal, estando em Soveral, appareceram dez escudeiros castelhanos, «que pareciam homens de bem», no arraial de D. Nuno. Levados á presença do Condestavel, perguntou-lhes este o motivo da sua vinda, e como haviam tomado tal ousadia sem salvo-conducto nem seguro. Elles responderam que a fama da sua grande bondade lhes dera tal atrevimento, e que outra coisa não desejavam senão

vê-lo, como já tinham visto. Mandou que se lhes désse de cear, e que os deixassem ir em paz. Nessa mesma occasião alguns soldados roubaram uma egreja, apesar de tal coisa estar defesa pelo Chefe, e tomaram uma caldeira. De noite ataram á caldeira uma das mulas e descansaram. Alta noite espantou-se o animal e levou a caldeira após si; as outras bestas, atemorizadas com o estranho ruído da caldeira, tresmalharam-se, fugindo em todas as direcções. D. Nuno ria-se, dizendo que era castigo merecido, que devia servir de exemplo para «nunca fazerem nojo em nenhuma egreja».

Por Valença voltou a expedição, e D. Nuno, depois de descansar uns dias, foi visitar a sua filhinha, mais a sua mãe, que estavam em Villa Viçosa.

Já ia doente o guerreiro, da enfermidade de que fallaremos no capitulo seguinte.

Em maio deste anno de 1397, uma esquadra castelhana vinha bloquear o Tejo, fazendo alguns destroços em naus portuguesas. Por terra faziam-se varias invasões, mas a principal era dirigida pelo infante D. Dinis, que penetrara em Portugal pela Beira, proclamando que a raínha de Castella lhe cedera todos os direitos. Intitulava-se rei de Portugal! O Condestavel veiu logo a defender o logar invadido. Em Castello Branco soube que o Infante estava na Covilhã.

Enviou-lhe logo um mensageiro com uma carta energica, em que lhe exprobava uma coisa «tão fea e vergonhosa», como era luctar contra a Patria, usurpando o titulo de Rei. D. Dinis pensou ainda em travar batalha, mas os companheiros, escarmentados em Valverde, Aljubarrota e Atoleiros, não concordaram e immediatamente tomaram o caminho de Castella. Mais uma vez o prestigio do Condestavel triunfara.

Todas estas coisas, e mais o revés de Jerez de Caballeros infligido por D. Nuno numa correria que fez por Castella dentro, obrigaram o monarca hespanhol a tratar sériamente da paz. Por intervenção dum genovês, um certo Ambrosio, assignaram-se treguas de tres meses. Depois, em Fevereiro de 1399, reuniam-se os encarregados de parte a parte para tratarem da paz, em Olivença; Nuno Alvarez era o representante principal de Portugal. Prorogaram a tregua nove meses, passados todos em discussões. Eram demasiado exigentes para um vencido as condições que impunha o rei de Castella. D. João I rompeu bruscamente as negociações, e em maio de 1400 invadiu Castella, indo cercar Alcantara. A praça era forte. Resistiu, apesar do auxilio de D. Nuno. Simultaneamente os castelhanos vinham tomar Miranda do Douro e Penamacor. Tiveram os portugueses de voltar para defender o solo patrio. Em Alcantara apenas

houve algumas escaramuças, que serviram para salvar o nome português. Felizmente recomeçaram as negociações da paz, assignando-se em Segovia uma tregua de dez annos. Virtualmente era o fim da guerra. A paz definitiva só foi assignada depois da morte do rei de Castella, por sua mulher a raínha D. Catharina, regente durante a menoridade do filho, aos 31 de outubro de 1411. Mas o tratado formal da paz perpétua só foi ratificado definitivamente por D. João II de Castella, em Medina del Campo, no anno de 1431. El-rei assignou-o em Almeirim aos 17 de janeiro de 1432.

XVII

CONTRARIEDADES

Alludimos nas paginas que levamos escritas a dois factos dolorosos, que juntamos a um outro analogo neste capitulo. Mostram elles muito bem a tempera do caracter de Nuno.

Em 1393, julgando já feita a paz, D. Nuno Alvarez entendeu que devia «dar galardão aos cavalleiros e escudeiros que em sua companhia na guerra andaram». Repartiu, pois, generosamente por elles as terras e rendas que recebera de El-rei em recompensa dos seus serviços. Era uma especie de participações dos lucros da empresa em que juntos haviam trabalhado. Juntos haviam refeito Portugal. D. Nuno julgava que o premio que lhe fôra outorgado devia ser distribuido pelos seus collaboradores na grande obra.

E assim, diz a Chronica (1) «começando antre Tejo e Odiana, deu Alter do Chão com

(1) Cap. LXI.

seu castello e todas suas rendas a Gonçalo Añs d'Abreu. E deu Evora Monte com suas rendas a Martim Gonçalves do Carvalhal, seu tio. E as rendas da alcaidaria de Estremoz (porque o Castello nom era seu) com outras rendas do dito lugar a Lopo Gonçalves. E as rendas de Borba a Johã Gonçalvez da Ramada. E Monsaraz a Rodrigo Alvarez Pimintel. E parte das rendas de Portel, com as rendas todas de Villa de Frades a Fernão Doĩjz, seu thesoureiro. E a parte das rendas da Vidigueira a hum bom e estramado escudeiro, que chamavam Affonso Estẽz Perdigão. E Villa Alva. E Villa Ruyva a Rodrigo Affonso de Coimbra. E as rendas de Montemor o Novo a hum bom escudeiro de hy que chamam Rodrigo Ans Azeiteiro. E as rendas d'Almada a Pedro Ans Lobato. E o barco de Sacavem a Johã Affonso, contador seu, que depois foi vedor da fazenda d'El-rei. E o reguengo de Dalvella a Esteve Ans Berbereta de Lixboa. E as rendas de Porto de Moos e de Rio Mayor a Pedro Affonso do Casal. E Alvaiazer a Alvaro Pereira. E o Rabaçal a Mem Rodriguez de Vasconcellos e terra de Baltar, que he antre Doiro e Minho. E a Martim Gonçalvez Alcoforado o Arco de Baulhe, com tres ou quatro quintãs que o Condestabre naquella comarca havia a João Gonçalvez, seu meirinho moor, e certas rendas que havia em Terra de

Basto e depña a Afonso Pĩjz, que foi seu vedor. E certas rendas de Barcellos a hum bom escudeiro de seu corpo e que bem serviu, que chamavam Gil Vãz Freã. E Montalegre com terra de Barroso a Diego Gil d'Ayrco, seu alferez. E Chaves com todas suas rendas a Vasco Machado, seu criado que no começo das guerras foi seu pagem».

Todas estas rendas e terras dera o Condestavel em préstamo, ou seja com a condição de cada um dos beneficiados contribuir com um certo numero de guerreiros em seu serviço e de El-rei, como vassallo seu. Fora generosa a distribuição, a tal ponto que ficara escassamente com o sufficiente para a sua propria manutenção, de modo que «vivia estreitamente». Porêm em si, acrescenta a Chronica, era sempre muito ledo porque lhe parecia que era desencarregado daquelles que o serviram.

Este acto de generosidade causou espanto nos inimigos do Condestavel. Fallaram a El-rei, o qual, movido principalmente pelos argumentos do Dr. João da Regras, não aprovou a repartição. O jurista via nella uma renovação do feudalismo, e elle, que era convictamente pela concentração de todo o poder nas mãos do Rei, entendia que os seus planos seriam destruidos, se se permittissse semelhante liberdade. D. João, amicissimo do Condestavel, cujos conselhos se-

guia em tudo o que se referia á guerra, e ao mesmo tempo attentissimo aos sabios ensinamentos do seu Chanceller, sentia no coração uma terrivel lucta. Mas a razão de Estado prevaleceu. Resolveu oppor-se á distribuição.

Já se vê, semelhante medida magoou profundamente D. Nuno. O guerreiro franco e leal não entendia como não lhe fosse permittido dispor do que era seu e havia ganho pelo seu valor e trabalho. Profundamente desgostado saíu da côrte e marchou para o Alemtejo. Em Estremoz reuniu os seus parentes, amigos e creados. Expôs-lhes a ordem de monarca e o seu pesar. Resolvera saír fóra do reino buscar sua vida: «todavia servidor d'El-rei», e respeitando sempre o seu nome onde quer que estivesse; convidava-os a serem seus companheiros. Todos annuíram. Quantos aí estavam declararam que iriam de boa vontade morrer e viver com elle. Distribuiu então o dinheiro que trazia e cada qual se foi preparar para a saída do reino. O Condestavel foi a Portel. Apenas o rei soube da resolução do seu fiel amigo, enviou-lhe recado pelo licenciado Ruy Lourenço, deão de Coimbra, «pollo torvar da sua ida».

Logo depois vinha com egual missão o Mestre de Aviz e em seguida o Bispo de Evora. E o Conde enviava «por elles suas respostas com grande humildade, como a rei e senhor, mos-

trando-lhe que sua partida non se podia escusar». Veiu finalmente da parte do rei o tio, Martim Gonçalvez do Carvalhal. Conseguiu dissuadir o Condestavel, entrando-se num accordo que salvaguardava as prerogativas da coroa. Foram revogadas todas as doações. El-rei pôs a todos suas contijas e assim ficou tudo serenado, «não se tocando nas suas terras de juro e herdade mas todavia lhe foram tiradas as que tinham de prestamo.»

Outra contrariedade não menos dolorosa para o coração de Nuno foi a doença que o afligiu em 1398. Pelos simptomas que veem largamente descritos na Chronica, vê-se que se tratava de uma neurastenia, aggravada por colicas hepaticas. Humor meneconico, lhe chamam os antigos. Não podia, irrritava-se com o tratar com gente, «especialmente os homens que lhe traziam cartas» ou fallavam de negocios. Vinha a febre, perdia vontade de comer. Seu desejo era mandar açoitar os importunos visitantes.

Abandonou todos os negocios e empregos. Os fisicos de Lisboa não davam com a doença. A mãe e a filha tratavam-no desveladamente. Finalmente appareceu um medico que pôde diagnosticar o mal e prescrever o tratamento: repouso absoluto no campo. Pouco a pouco melhorava em Alfarrara, numa quinta formosa, onde esteve cerca de tres meses. Quando se

sentiu bem foi por Evora a Setubal e daí em barco para Alcacer. Na viagem as aguas encapellaram-se, foi forçoso arribar, emquanto durava a tormenta. Em terra D. Nuno apartou-se um pouco dos companheiros e quis experimentar as suas fôrças. Toma uma faca e começa a cortar pelo mato. Viu que já recuperava a saude. Podia com o trabalho, poderia tambem com as armas. Voltou pois á sua vida normal.

A unica filha de Nuno Alvarez, fructo do seu matrimonio com D. Leonor de Alvim, casara em 1401, com D. Affonso, filho legitimado de El-rei D. João I, feito Conde de Barcellos, por occasião do casamento e ricamente dotado pelo pae e pelo sogro. Estava o Condestavel em Villa Viçosa quando lhe chegou a noticia de essa filha ter enfermado gravemente em Chaves. Morrera repentinamente, logo após o parto. Imagine-se a affliccção de Nuno. Correu opprimido pela dôr a Chaves, assistiu ás exequias e acompanhou o cadaver a Villa do Conde, onde foi depositado no côro baixo da Egreja das Religiosas de Santa Clara.

«Quando o caixão da filha desceu á sepultura, fechando-se sobre elle a campa, diz Oliveira Martins (1), o Condestavel sentiu par-

---

(1) O. c., cap. X.

tir-se o ultimo elo que o prendia á vida... Quando a sepultura se encerrou abriu-se-lhe na alma a resolução de ir para o Carmo.» Ficavam-lha ainda tres netos, seu enlêvo e objecto dos seus maiores carinhos até á morte... Ao mais velho coube o condado de Ourem, depois da renuncia de D. Nuno; ao segundo deu o condado de Arrayolos; e á sua querida neta Isabel, a quem nas cartas dá o tratamento tão terno de *minha linda*, dotou-a com bastas terras. Todos estes actos, porêm, foram feitos depois da sua entrada no Carmo, de que nos vamos a occupar no capitulo que segue.

XVIII

O ADEUS AO MUNDO

Duas obras levou a termo D. Nuno Alvarez, antes de se despedir do mundo: a reorganização do exercito português e a erecção de varios templos que votara á Virgem Mãe de Deus. Fallar-se-ha dellas e da empresa de Ceuta, antes de se tratar a materia apontada no titulo.

Effectivamente a D. Nuno Alvarez se deve a creação do exercito permanente no nosso país. O Rei começou a ter desde então «tres mil e duzentas lanças, doze ou quinze mil homens effectivos; quinhentos a cargo dos capitães, duas mil e quatrocentas dos escudeiros, trezentas das ordens militares: Christo e Santiago a cem, Aviz oitenta, Hospital vinte. Por outro lado haveria sempre armamento em arsenaes dispersos por todo o reino, mil e quinhentos arneses, distribuidos desta forma: quinhentos ao rei, cincoenta ao condestavel, etc.... Desta forma o reino ficava permanentemente armado para a defeza e

o rei deixava de estar á mercê dos contingentes dos vassallos (1).»

Já dissemos que a noticia da morte da filha o foi surprender quando assistia á construcção da egreja que mandou levantar em Extremoz á

A capella de S. Jorge, mandada edificar pelo Condestavel
no sitio onde esteve hasteado o seu pendão, durante a batalha de Aljubarrota
(Do livro *Aljubarrota* por C. Ximenes de Sandoval, pag. 268)

honra da Virgem Santissima, sob o titulo de Nossa Senhora dos Martires. Em Villa Viçosa havia dedicado uma capella á Immaculada Conceição, a mais antiga de Portugal com semehant e invocação. Souzel, Portel, Monsaraz,

(1) Oliv. Martins.—O. c., pag. 353.

Mourão, Evora, Camarate, possuiam egrejas, todas dedicadas a Maria Santissima e mandadas construir pelo Condestavel, e em Aljubarrota, onde esteve o pendão de D. Nuno, erguia-se uma modesta capellinha em honra de Santa Maria e S. Jorge, que, embora deteriorada, ainda existe. Na fachada, á direita da porta de entrada, conserva-se a inscripção seguinte que o auctor destas linhas copiou numa das visitas feitas a essa localidade. Diz ella assim:

ERA DE MIL QUATROCENTOS
E TRINTA E DOIS D-NUNO AL-
VARES PEIRA CÔDDA ESTAB
MADOU FAZER ESTA CAP-
PEELA A ONRA DA VIRGEM MARIA POR
ONDE ÃDO DIA QUE SE POZ A BA-
TALHA QUE ELREY DE PORTUGAL HOUVE DE ELREY
DA CASTELLA-ESTAVA EN ESTE LOGAR A BANDEI-
RA DO DITO CONDESTABRE

Muito para desejar seria a restauração desse monumento, tão insigne na nossa historia nacional.

A mais bella, porêm, das egrejas mandadas levantar pelo Condestavel, é, sem duvida, a de Nossa Senhora do Vencimento, construida numa das mais formosas collinas de Lisboa, e entregue logo depois da sua conclusão aos Padres

Carmelitas. O Convento do Carmo, de Lisboa, foi uma obra digna do espirito alentado do seu piedoso fundador. Elle ha de ser o retiro sagrado onde D. Nuno, trocando as armas pela pobre samarra de carmelita, irá viver os ultimos dez annos da sua existencia, e encontrar um repouso para os seus restos mortaes. Mas não antecipemos os factos.

Sobre a fundação desse templo divergem as opiniões. O Chronista da Ordem, Frei Joseph Pereira de Sant'Anna, expõe e discute largamente as diversas opiniões. Uns queriam que ella tivesse sido votada durante a batalha de Aljubarrota, coisa pouco provavel. Outros attribuem a um voto feito no heroico combate de Valverde (1). Outros, finalmente, disem que foi um acto de devoção á Virgem, que lh'o pedira numa visão. Seja como fôr, a nós basta-nos saber que foi começado em 16 de julho de 1389. A situação e má qualidade do terreno obrigaram a refazer tres vezes os alicerces; só nelles

(1) Só por approximações de datas é que se pode affirmar com probabilidade que a Egreja do Carmo foi levantada para commemorar a victoria de Valverde. Com effeito, esta batalha feriu-se no dia 15 ou 16 de outubro de 1385, portanto tres meses depois da grande victoria de Aljubarrota. Para commemorar esta decidira-se a construcção do Mosteiro da Batalha com a Egreja de Santa Maria da Victoria. Como Valverde era o segundo

se gastaram oito annos, dos trinta e tres que levou a obra. «Havemos de fazer os alicerces de aço», dizia o Condestavel quando via caírem os muros successivamente duas vezes. E, com tenacidade incrivel, a obra foi crescendo até ser inaugurada em 1422. Mas já desde 1392 habitavam os frades no Convento do Carmo. Frei Joseph Pereira de Sant'Anna, descreve prolixamente a historia da fundação, e dá uma lista documentada dos bens com que o Condestavel a enriqueceu, sendo uma parte principal os dum judeu chamado David Negro que se bandeara para os castelhanos. Conta como o fundador ordenara que se fizesse um mirante donde observava os trabalhadores, animando-os a proseguir na obra.

Durante esta edificação é que se realizou a gloriosa empresa de Ceuta. El-rei D. João I ia inaugurar a epopeia que deu a Portugal um imperio colonial. Os filhos de D. João I, constructores desse imperio, iam entrar em scena e

---

passo decisivo da derrota dos castelhanos, e como por outro lado se sabe que o Condestavel fizera voto de erguer um templo em honra da Virgem Santissima, nada mais natural que ser esse templo a Egreja do Carmo.

Quanto seria para desejar que a Nação Portuguesa, de collaboração com o governo, pusesse mãos á obra e restaurasse esse majestoso templo para depois se transferirem para elle as Reliquias do nosso Grande Heroe!...

iniciar os planos grandiosos a que consagraram a sua vida. Assentada em conselho a expedição, aprestaram-se as naus e o Condestavel mais uma vez vestiu a cota de armas. Era a ultima vez, mas a sua estrella triunfante não era já um presagio de victoria? A rainha morria da peste que assolava Lisboa; no seu leito de morte animava os filhos a proseguirem na execução do plano a que não era alheia. Verdadeiro coração de heroina! Em 1415 largavam as amarras e vogavam essas naus para Ceuta, primeiro reducto do islamismo na Africa. Na expedição ia o rei, ia o infante D. Duarte, o futuro rei, o infante D. Pedro, o desafortunado, ia o fundador da escola de Sagres D. Henrique, e o conde de Barcellos, filho bastardo do rei. Os dois infantes D. João e D. Fernando ficavam: «erã tam pequenos que nõ foram lá...» «E o condestabre foi com elrey e cõ seus filhos.» (1)

Chegados a Ceuta foram assaltados por uma violenta tempestade. Todas as naus caçavam, cortavam-se as amarras, rompia-se o velame (2). El-rei determinou refugiar-se com uma parte da frota no ancoradoiro de Gibraltar. «E

(1) *Chron.* — Cap. LXXVIII.

(2) E hy se rrecreceo hua tãn forte tormenta q̃ todollas naus caçavam: e as amaras e cabres se cortavam das pedras. *Chron.* — Cap. LXXVIII.

o conde ficou alli naquella tormenta e prijgo com a sua frota».

Tres dias durou a tormenta. Os capitães pediram debalde ao Conde que ou tomasse terra ou ordenasse que as naus fossem ter com o rei. Nenhuma das coisas quis fazer Desembarcar era tirar ao rei a gloria de ser o primeiro a pôr pé em terra inimiga ; retirar-se era cobardia, que nem para salvar a vida praticaria. Quando serenou a tempestade, recebeu recado que fosse a Gibraltar. Obedeceu á ordem regia Nesse ancoradoiro houve novo conselho, onde resolveram proseguir a empresa. Empresa facil, pois a cidade foi tomada sem grande resistencia, o castello entregou-se ao Condestavel. Passados tres dias veiu uma algarada de inimigos investir a porta de Fez. Saíram lhe ao encontro os infantes. A peleja era rija. Foi necessario que o Condestavel corresse em seu auxilio para o inimigo debandar. Desde então assentou a sua pousada perto dessa porta, que era a mais ameaçada. A conquista de Ceuta era um facto. O salvador da independencia nacional collaborava na fundação dum imperio cuja grandeza, mal chegava a suspeitar. Com grande pena de D. Nuno, el-rei ordenou o regresso da expedição, deixando governador da praça o conde D. Pedro. Bem quisera Nuno Alvarez trocar os seus titulos pela gloria de governar essa fortaleza. Mas el-rei

não queria separar-se do seu amigo, do seu conselheiro, do exemplo que apontava constantemente aos seus filhos, summamente affeiçoados ao vencedor de Valverde. A carreira militar terminara para D. Nuno Alvarez, circundada com o mesmo nimbo de prestígio e gloria com que a iniciara.

Voltou, pois, para Lisboa onde continuou a velar pelas obras do Convento do Carmo. Aqui estabeleceu residencia, desde o mês de julho de 1422. Ainda não vestira o habito, ainda não entrara a fazer vida de communidade, mas essa idea ia ganhando terreno no seu espirito. Administrava os bens que doara ao Convento dos seus queridos padres Carmelitas, dispunha a distribuição dos que dera aos seus netos e netas, e consagrava todo o tempo disponivel ao exercicio da oração e das virtudes christãs.

XIX

NA SOMBRA DO CLAUSTRO

E' preciso não confundir o retiro do Condestavel no Convento do Carmo, com a sua entrada na Ordem Carmelita. Entre um e a outra houve um intervallo de quasi um anno. Em 17 de agosto de 1422 já D. Nuno estava instalado no Convento. Deixara o mundo, mas ainda não vestira o habito, nem revelara a pessoa alguma a sua intenção de o fazer. Tempo de recolhimento e de piedade. Como procurador e perpetuo administrador do Convento, cargos que reservara para si quando doara a fundação aos frades, superentendia nas obras lá do alto do miradoiro, situado ao lado da capella-mór, da banda do sul. Nesse tempo o cruzeiro já estava terminado. Entretanto ia liquidando as contas dos seus devedores e almoxarifes. Ia dispondo tudo para o adeus completo ao mundo.

Nelle, como dissemos, ficavam tres netos, dois varões e uma menina, a sua querida neta Isabel, a quem nas cartas dá o tratamento de

minha linda (1). Sois pedaços da minha alma, escrevia elle a esses netinhos, porque tendes em vós a imagem de vossa querida madre. Nem deixava de repreender paternalmente o seu neto Fernando, por ser muito travesso. Ao genro tambem escrevia frequentes vezes. Notavel é a carta em que o admoesta severamente a renunciar á pretenção de tirar aos seus frades carmelitas algumas das propriedades por elle doadas.

---

(1) Damos aqui uma carta, registada por Sant'Anna.

«A Senhora D. Zavel minha netinha faga Deos Santa. Ninguna reson tenedes pera renhirme, porque hei gram prazer de letras vosas leer. Os dis atras ube huma bossa, que me foy tragida por bentura e se nom bos foi respondida non foi menga de bontade mas de mui poca saude, que para ello tube escrever a Fernando, mas abendo bos non faga ternerdes bos em o logo de que mas a el, que a bos hei de feison, e se bem lo veredes, acharedes que quantas minutas minhas ha, tantas son só a renhilo que cá bem certo são travesso ha; mas bos minha linda como no abedes que bos possa emendar avido a lo que mengua ha dello, e nõ leixo de bos querer como a vida. Agora minha linda lo fago a bos só por darbos contento em que los otros o sentam no leixedes de me fager o que ata aqui, porque sendo los huns e los otros pedaços da alma em bos o semelho sondes la bossa madre en lo que como ella fagedes, e no digo al, se non embiarbos la minha bençom e la de Deos vos cubra minha linda.»

Carmo XI daVril de 1429

Nuno de Santa Maria.

Existia o original no Arquivo do Carmo.

«Olhae bem senhor o que fazedes que é um grande desserviço a Deos, e quem na terra não cumpre, não entra no ceo.» E tão efficazes foram as linhas do velho Condestavel que o conde de Barcellos desistiu logo do injusto intento.

O tempo que lhe sobrava das mencionadas occupações, empregava-o todo na oração e trato com Deus, e no exercicio das mais virtudes christãs. Terminados os trabalhos, e obtida a creação da nova Provincia do Carmo em Portugal (até então os frades eram dependentes do convento de Moura, donde os pedira), reuniu-se em Lisboa o Capitulo Provincial da

Altar-mór da Egreja do Carmo, antes do terremoto. Desenho do manuscrito de Frei Manuel de Sá. — Obsequiosamente cedido pelo Sr. Affonso d'Ornellas

Ordem para assentar as coisas referentes á nova Provincia. Assistia o Condestavel. No dia 23 de julho fazia elle a solemne e formal doação, e dias depois assignava-se a escriptura, referida pelo Chronista da Ordem, Frei Joseph Pereira de Sant'Anna. Era magnifica a egreja, do mais puro gotico, que do alto da collina dominava a cidade. Durara 33 annos a sua construcção.

Mas dar a egreja era pouco para o seu animo generoso. Faltava ainda a realização do ideal que mais caro lhe era, acariciado no intimo do coração durante perto de um anno. Apresenta-se ao Provincial da Ordem e, com não pouco assombro do mesmo, pede que o admitta na Religião Carmelitana, no humilde grau de Donato. O P. Affonso da Alfama, que era o superior da nova Provincia, acolheu com o maior respeito semelhante pedido. A vocação era de Deus, embora viesse aos 63 annos de edade. Em uma só coisa não concordava, precisamente aquella em que mais empenho tinha o postulante. Que entrasse, sim, mas no grau de corista, ou ao menos no de irmão leigo. Baldados foram os esforços! «Viera á Religião, respondia o Condestavel, para se empregar nos humildes ministerios dos que professam a vida activa, não queria, pois, outro habito senão o dos serventes.» Era esse habito uma túnica talar, com

escapulario comprido e capa curta que parecia murça, tudo de um panno escuro, chamado naquelle tempo *grizi* e hoje estamenha.

Frei Simão Coelho, na sua Chronica, diz: «Encerrou-se neste mosteyro de N. Senhora... e não querendo ser sacerdote, foi semifrater (conforme as constituições da Ordem) que sam meios frades & os que exercitam os officios de maior humildade, & nam trazem habitos mas huns tabardos cõpridos, e barbas» (1).

Não vestiu, pois, o hábito ordinario dos Carmelitas o noviço sexagenario, mas sim um hábito especial, inferior ao dos proprios irmãos leigos, proprio dos que occupavam o grau mais infimo entre os moradores do convento.

No dia 15 de agosto de 1423 celebrou-se a commovente cerimonia. Era o 38.º anniversario da batalha de Aljubarrota, e se naquella mostrara o heroismo do seu valor, agora manifestava-se o heroismo da sua virtude.

D. Nuno Alvarez Pereira, Condestavel do reino, conde de Ourem, Arrayollos e Barcellos, mordomo-mór do Rei D. João I, senhor donatario das cidades e villas de Valença, Basto, Bouças, Baltar, Penafiel, Castello de Piconha, Portello, Chaves, Barroso, Monte Alegre, Ri-

---

(1) O. c.—Cap. 21.

beira da Pena, Lousada, Paiva, Almada, Alvayazere, Rabaçal, Charneca, Porto de Moz, Rio Maior, Villa Viçosa, Borba, Extremoz, Evoramonte, Portel, Montemór-o-Novo, Souzel, Alter do Chão, Monsaraz, Villa dos Frades, Vidigueira, Villa Ruiva, Landroal, Monforte, Loulé, Villa do Conde, Arco de Boulhe, Tendaes, Silves, Guimarães, Villalva, etc., nomes que recordam proezas bellicas praticadas pelo Condestavel na lucta de mais de 40 annos pela independencia da Patria — esse homem extraordinario, o mais prestigioso do Reino, chamava-se doravante Nuno de Santa Maria. «Não consentia, diz Simão Coelho, que lhe chamassem senam Nuno.» (1) Não queria que lhe apusessem ao nome o costumado *Frei*.

Depusera, antes da vestição, o testamento nas mãos do Superior do Convento. Agora não queria pensar mais no mundo que deixara. Habitava uma cella escura e pobre, onde o principal e unico adorno era um crucifixo e uma estampa da Virgem Mãe de Deus. Nuas as paredes. O leito: simples tábuas com uma grosseira manta; numa pobre mesinha, ao lado da imagem da Virgem, estavam os instrumentos de penitencia, disciplinas e cilicios.

Quando na côrte se soube da noticia do

---

(1) O. c.—Cap. 21.

proposito de D. Nuno, alvoroçou-se toda a casa real. El-Rei, os principes, sobretudo D. Duarte, que amava ternamente o velho companheiro de armas do pae, os próceres do paço vinham admirar e edificar-se com os exemplos de virtude que dava o donato carmelita. Suggeriam-lhe que ao menos conservasse algumas prerogativas, ao menos reservasse uma tença para a sua sustentação, para as esmolas que a sua dignidade pedia que désse. «Senhor, respondia o sexagenario, o condestavel está morto e amortalhado.» E, completamente esquecido de si, diminuia-se dia a dia, para copiar, retratar a humildade de Christo. Foi necessaria a intervenção expressa do Infante para o impedir de andar mendigando pelas ruas e casas.

Mais ainda. Vendo o concurso da gente que ía visitá-lo, e querendo entregar-se mais á solidão, pensou em se retirar de Lisboa, e mesmo de Portugal para viver em algum ermo, onde ninguem fosse perturbar a sua conversação com Deus. Tambem desta vez a intervenção de El-Rei obstou a esse desejo. Ficou no Convento do Carmo, mas obteve do superior que mandasse construir uma capellinha na cêrca do convento, onde fugia ao commercio mundano. Aí passava horas esquecidas, entregue á oração e trato com Deus, todo o tempo que lhe sobejava dos exercicios costumados da vida de communidade.

Unir-se cada vez mais a Deus e, vêr a Santissima Virgem, eram os seus anceios, as aspirações da sua alma entregue toda á pratica do mais alto misticismo.

Lisboa inteira admirava os exemplos do *seu*, por tantos titulos *seu*, Condestavel. O povo venerava o santo velhinho, quando o via pelas ruas apoiado ao seu bastão, rude e nodoso. Quisera beijar a fimbria desse hábito, quisera dar-lhe uma prova da veneração que inspirava. Mas fazê-lo seria ferir a modestia do humilde donato. Olhava-o, pois, em silencio, saudando-o com aquelle respeito com que se saudam os santos. «E' um santo», diziam os pobrezinhos, quando distribuia o caldo e as esmolas, á portaria do convento, occupação que mais o deleitava. Juntamente com o alimento do corpo, alliviava os soffrimentos dêsses infelizes, com bons conselhos e palavras que íam até o fundo da alma. Escolhera e praticava a unica fórma de apostolado consentanea com o humilde grau de donato na Religião.

XX

NUNO DE SANTA MARIA

Poucas, infelizmente bem poucas, são as noticias que os chronistas antigos (o auctor da Chronica do Condestabre e Frei Simão Coelho) nos deixaram sobre a vida de Nuno Alvarez no claustro. Mais abundante e cheia de pormenores interessantes é a Chronica de Sant'Anna, mas o historiador consciencioso não poderá deixar de vêr nella já os adornos com que a lenda vem dourar a vida dos heroes. Feita pois esta reserva, resumiremos neste capitulo o que diz este ultimo auctor, que, como todos sabem, escreveu tres seculos depois da morte do Santo Condestavel.

Começa Sant'Anna por narrar o que já levamos dito sobre a sua singular pureza e castidade. Foi tão firme neste ponto, diz o referido auctor, que jámais, em prejuizo desta virtude, se lhe conheceu o mais leve defeito. Na modestia exterior mostrava a pureza angelica da sua consciencia. Em sua presença ninguem se

atrevia a dizer palavra mal soante. Vimos como se sujeitou ao matrimonio por imposição do pae, e como se recusou a contraír segundas nupcias depois da sua viuvez precoce. Ainda com a propria mulher, refere a Chronica do Condestabre (1) «depois que elle veeo ao trintairo d'el-rey D. Fernando viveu como se fôra irmão». Vimos tambem como profligou do seu exercito toda a sorte de licenciosidades. Costumava dizer, como refere o *Agiologo Lusitano*: «Que tanto teriam de victoriosos (os soldados) quanto de honestos, e que o capitão que não amava esta angelica virtude entrava na batalha meio vencido.»

Desde a juventude foi muito dado ao exercicio da oração. Nella procurava o melhor auxilio para as suas grandiosas empresas, levantando-se para isso muito cedo, o que lhe valeu o nome de *Nuno Madruga*. «Ouvia suas missas mui devotadamente, cada um dia duas missas e tres em todollos sabbados, e tres em todollos domingos, de que ficou em Portugal bom exemplo, especialmente aos do paaço, que dante que o elle asy usasse, poucos as ouviam», diz a Chronica.

Longas horas de oração passava na capellinha ou ermida, derramando copiosas lagrimas, deante duma imagem da Virgem da Assumpção,

---

(1) *Chronica do Condestabre* — Cap. LXXX.

feita de alabastro. Como refere Sant'Anna, era tradição entre os frades que a Virgem lhe fallára muitas vezes e que lhe annunciára o momento da morte.

Deante do Santissimo Sacramento do Altar sentia-se como arr ubado. Fazia lhe companhia constante quando era exposto na Egreja, acompanhava-o quando era levado aos enfermos. Quatro vezes no anno recebia a Sagrada Communhão, fazendo-a preceder sempre duma confissão geral. E embora, segundo refere Sant'Anna, se confessasse todos os dias (tal era a delicadeza da sua consciencia), a sua profunda humildade lhe fazia crer-se indigno de receber mais amiudadas vezes a S. Eucharistia.

Nuno de Santa Maria. Reproducção do manuscripto inedito de Frei Manuel de Sá. — Obsequiosamente cedido pelo Sr. Affonso d'Ornellas

Daqui nascia o grande respeito que tinha aos Sacerdotes, como dispensadores que são do

Corpo de N. Senhor Jesus Christo. Costumava dizer: «Que a auctoridade propria era superficial, e o caracter delles andava impresso n'alma: e se as creaturas do Rei, pelo valimento, que com elle adquiriam eram mais do que os estranhos attendidas; quanta honra se não devia aos Sacerdotes, que eram Ministros, e os mais intimos familiares do seu mesmo Creador?» No Convento do Carmo vivia tambem um padre Carmelita que outrora fôra creado do Condestavel. Comtudo, Nuno beijava-lhe sempre o escapulario e punha-se de pé á sua passagem, emquanto da sua parte o humilde P. João Gonçalves pospunha sempre ao seu nome o epiteto de «*Criado do Condestabre*». Santa contenda de dois humildes frades!

Egual reverencia mostrava pelos outros Sacramentos. Acceitava de vontade o officio de padrinho dos neo baptisados, dizendo: «Que via huma creatura justificada, e na Egreja de Deus mais hum filho capaz de Lhe dar gloria.» Além disto provia abundantemente ao bem-estar e educação dos seus numerosos afilhados.

Deixou ordenado que no *seu* Convento do Carmo se administrasse nas festas principaes a Confirmação, obtendo para isso privilegio especial e perpetuo para o Superior.

Notavel é o respeito que mostrou, no furor da guerra, pelo sacramento do Matrimonio. To-

mada a villa de Caceres, aconteceu que entre os prisioneiros se encontravam dois desposados, surprendidos pelos portugueses na occasião mesmo em que se iam receber. Apenas D. Nuno soube do caso, mandou vir os noivos á sua presença, ordenou que os tratassem com a maior consideração, e depois foi elle proprio acompanhá-los á Egreja e servir-lhes de padrinho, dotando ricamente os dois esposos. Além disto deu ordem para que fossem immediatamente libertados todos os parentes e creados desses seus afilhados.

Grande foi o seu espirito de penitencia e mortificação. «Jejuava tres dias na somana sempre emquanto foy em hydade que podia suportar: a quarta feira, e sesta, e sabado, e todalas festas que a Egreja manda guardar, como fiel catolico» (1), ou seja o advento e a quaresma; além disso, nas vigilias das festas principaes do anno christão.

Até á morte trouxe continuamente um duro cilicio. Todos os dias se disciplinava, algumas vezes até derramar sangue. Seu desejo constante era poder um dia morrer martir da Fé. Foi este desejo que o levou a offerecer-se para ir em defesa de Ceuta, novamente ameaçada pelos moiros. «Sem largar as contas da mão, dizia, levaria na outra a espada, guardada para servir

(1) *Chronica do Condestabre* — Cap. LXXX.

nos desempenhos da Honra de Deus, sem que parecesse novidade cingil-a sobre o habito, porque o Grande Elias, de quem era filho, lhe deixara este exemplo.» Notavel frase que deveriam ponderar os que assacam falta de patriotismo aos religiosos. «Não podia escolher morte mais gloriosa, accrescentou, ou sepultura mais honrada, do que o acabar naquella empresa em beneficio da Fé e gloria da Patria.» Felizmente a expedição não chegou a realizar-se; o moiro desistira da empresa.

Este mesmo amor da Patria o levou a responder a um embaixador hespanhol que o viera sondar e lhe perguntara se haveria alguma coisa que o levasse a despir o hábito: «Que só huma o moveria, que vinha a ser, se Elrey de Castella outra vez movesse guerra contra Portugal; e que nesse caso, emquanto não estivesse sepultado, havia de servir juntamente á Religião que professava, e á Patria, que lhe dera o ser.» Accrescentam outros, diz Sant'Anna, que dera esta resposta apartando do peito o escapulario e mostrando-se já armado por baixo do hábito.

Noutra occasião, a alguem que parecia duvidar das suas forças, respondeu tomando uma lança e dizendo: «Em Africa a poderey meter, se for ainda necessario que eu exponha a vida em perigos em honra da Patria ou em defensa da Religião.» Daqui, diz Sant'Anna, veiu o nosso

proverbio portuguez; «Metter uma lança em Africa», para significar feitos valorosos.

Taes espiritos em nada diminuiam a sua profunda humildade na vida do claustro. Abraçava de preferencia os serviços mais baixos da communidade. Já no seculo, fazia por si tudo o que respeitava á sua pessoa, permittindo unicamente que os creados o servissem quando o decoro assim o exigia. Na Religião esta profunda humildade subiu de ponto. «Na casa de Deus, dizia, tudo era tão illustre, que o menos vinha a ser o mais: e que á Religião não viera descansar, mas só a trabalhar como os outros.» E quando lhe observavam que ao menos evitasse fazer os trabalhos mais custosos, respondia: «Que o serviço nada teria de agradavel a Deus se não fôsse custoso.»

Caridosissimo para com os pobres, nunca perdia occasião de exercer esta virtude. A maior parte das suas rendas eram empregadas em alliviar miserias. Nem os proprios inimigos eram excluidos dêsse beneficio, como aconteceu, quando mandou alimentar á sua custa mais de quatrocentos castelhanos, por occasião duma grande carestia.

Depois de recolhido no Convento, a sua occupação predilecta era distribuir esmolas aos necessitados. Mandou que uma grande caldeira, que antes servia para preparar o rancho aos

soldados, fôsse destinada a fazer todos os dias sopa, que elle mesmo distribuia á porta do Convento.

A comida, procurava fazê-la acompanhar de boas palavras e conselhos salutares. E o povo de Lisboa, cheio de gratidão, cantava as trovas seguintes, conservadas por Sant'Anna na sua obra:

O gram Condestabre
Em o seu mosteiro
Dá-nos sua sopa,
mai-la sua ropa,
mai lo seu dinheiro.

A bençom de Deos
Cahio na Caldeira
De Nunoalves Pereira,
Que abondo cresceo,
E todo-lo deo.

Se comer queredes
Nom bades alem:
Don menga non tem,
Ahi lo comeredes,
Como lo bedes.

Esta caldeira, diz Sant'Anna, conservou-se muitos annos, servindo no ministerio do comer dos pobres... e embora passado muito tempo se gastasse, não acabou o costume da sopa á portaria.

Outro costume introduzido pelo humilde do-

nato era o de irem todos os habitadores do Convento, na Sexta-feira Santa, levar ao Tronco da Cidade uma grande esmola aos presos, procurando libertar os que aí estavam por dividas.

Mas, com quem mais caridoso se mostrava o nosso biografado, era com os doentes, fossem do Convento, fossem de fóra. Visitava-os, prestava-lhes os serviços mais humildes, e, sobretudo, procurava consolar as suas almas atribuladas. Tinha particular devoção em assistir aos moribundos e ajudá-los a luctar com valor nesse momento supremo de que depende a nosse sorte eterna.

XXI

MORTE DE PREDESTINADO

Oito annos, dois meses e quinze dias haviam passado desde que D. Nuno Alvarez vestira a samarra de donato carmelita, oito annos de exercicio continuo das mais acrisoladas virtudes, que o faziam chegar a um grau de santidade elevada. As penitencias e jejuns tinham tornado macilento seu corpo, mas o espirito pairava nas mais altas regiões do misticismo. Orava continuamente, e, rezam as Chronicas, era favorecido de visões e graças extraordinarias do Céu. Numa dellas, como dissemos, a Virgem lhe annunciara o dia da morte. Estava doente; os fisicos da côrte confirmaram o presagio celeste. Nuno recebeu a noticia com a placida alegria de quem outra coisa não anciava que vêr a Deus face a face. Fez, mais uma vez, confissão geral de toda a sua vida, e recebeu a Sagrada Eucaristia, em forma de Viatico, com a maior humildade, devoção e confiança. Quando o Prior lhe administrou a ultima Communhão, entre as lagrimas dos assistentes,

segundo refere Sant'Anna, renovou os votos religiosos e fez profissão solemne. O Chronista anterior nada diz a este respeito, nem nos parece autentica a formula de votos que traz Sant'Anna (1). Depois agradeceu ao Superior a graça de o ter admittido no Convento, e, num supremo acto de humildade, para saír do mundo tão pobre como nelle entrara, declarou que renunciava a qualquer coisa que porventura ainda possuisse e pediu ao superior, que lhe désse como esmola: «huma mortalha e uma cova para o corpo», advertindo que essa sepultura não deveria ser diversa da que se costumava destinar aos leigos da Ordem. Desfeito em pranto, o Prior prometeu.

Sabida a noticia na côrte, El-rei D. João I veiu pessoalmente despedir-se do seu amigo, a quem costumava chamar um dos seus olhos. Ao vêr aquella figura, quasi transparente, envolta num hábito pobrissimo, com o rosto irradiando uma alegria serena, de quem já começa a fruir a bemaventurança, ao vêr o seu querido Condestavel, o homem a quem devia a coroa e o reino, jazendo num leito duro e pobre, não pôde retêr as lagrimas. Abraçaram-se os dois companheiros de armas. E' impossivel descrever o

(1) Tambem o Decreto do Reconhecimento do culto só falla da «profissão de fé ortodoxa» feita nessa hora.

affecto, a dôr, que traduzia esse abraço derradeiro; dum lado a serenidade calma de um santo, doutro a afflicção de quem vai perder o mais caro dos amigos, exprimida pelos soluços mal comprimidos do monarca. O Infante D. Duarte, que amava a Nuno com ternura filial, não cessava de o visitar em quanto durou a doença. Esta progredia de tal modo que se julgou proximo o triste desenlace. Conheceu-o Nuno, pediu que no dia 1 de novembro de 1431 (1) lhe administrassem a Extrema-Unção e que o não abandonassem durante aquelle dia, que bem sabia ser o ultimo da sua vida. Depois tomou o crucifixo nas mãos e, com a voz já exausta, continuou a repetir piedosas jaculatorias, que lhe suggeriam os circunstantes, banhados em pranto. Na portaria, na praça, na egreja, milhares de pessoas aguardavam o momento tão receado; sobretudo os pobrezinhos rezavam e choravam a perda do seu amado bemfeitor.

Entretanto a communidade, reunida em volta do leito do moribundo, respondia, com soluços entrecortados, ao officio dos agonizantes. Pediu Nuno que lhe lessem a Paixão de Nosso Senhor, segundo o Evangelho de S. João, ouvindo-a com a mais devota compuncção. A res-

(1) O *Agiologio Lusitano* segue a versão de D. Nuno ter morrido no dia 12 de maio de 1432.

piração tornava-se cada vez mais fraca, todos os olhos estavam fixos nesse ancião tão estremosamente amado. Quando o leitor chegou ás palavras: *Ecce Filius Tuus*..., Nuno inclinou suavemente a cabeça; seu coração cessara de pulsar.

Os sinos do convento annunciaram, com o seu dobre plangente, a triste noticia, que, embora fôsse esperada, commoveu a cidade inteira. Toda a gente acorreu em devota romaria junto do esquife do pobre donato carmelita. El-rei determinou que o funeral fôsse feito a suas expensas, querendo dar-lhe o maior esplendor possivel. Principes, fidalgos, frades e sobretudo os pobrezinhos vinham contemplar, pela derradeira vez, o seu amigo.

Num pobre catre, vestido do escuro tabardo de donato carmelita, jazia o cadaver de Nuno. Sobre a longa barba, que lhe descia até o peito, collocara-se o crucifixo, que elle se esforçara por copiar em si durante toda a sua vida no claustro. O rosto bem assombrado, conservava a serena expressão da paz que lhe era habitual; só se apagara a luz dos seus olhos de aguia.

«Era um Santo... era um Santo... Morreu o nosso Santo, a nossa Providencia na terra», exclamavam os visitantes, que tocavam nos despojos mortaes do Monge-Guerreiro, as contas e outros objectos de devoção.

Foram esplendidos os funeraes, verdadeira-

mente dignos de quem os custeara e da grandeza moral do defunto. O caixão, conduzido pelos mais altos dignitarios da côrte, foi depositado numa sepultura pobre, rasa, no meio da Capella-mór, «mais chegada ás cadeiras que ficam da parte da Epistola». Na campa lia-se a seguinte inscripção:

ILLE COMESTABILIS BRAGANTI NOMINIS AUTHOR
NUNUS ADEST, DUX MAXIMUS, HIC MONACHUSQUE [BEATUS,
QUI REGNUM ASCIVIT VIVENS SORTITUS IN AEVUM
CŒLUM CUM SUPERIS : NAM POST NUMEROSA TROPHÆA
CONSUMPSIT POMPAS, HUMILISQUE EX PRINCIPE FACTUS
HOC TEMPLUM POSUIT, COLUIT, CENSUMQUE DICAVIT. (1)

Aqui ficaram quasi durante noventa annos os restos mortaes de Nuno de S. Maria. Em 1522 foram elles transportados para um mausoléu riquissimo de alabastro, offerecido pela Rainha de Castella, D. Joanna, esposa de Filippe o Formoso e filha dos Reis Catholicos, que primeiro foi collocado num vão da capella-

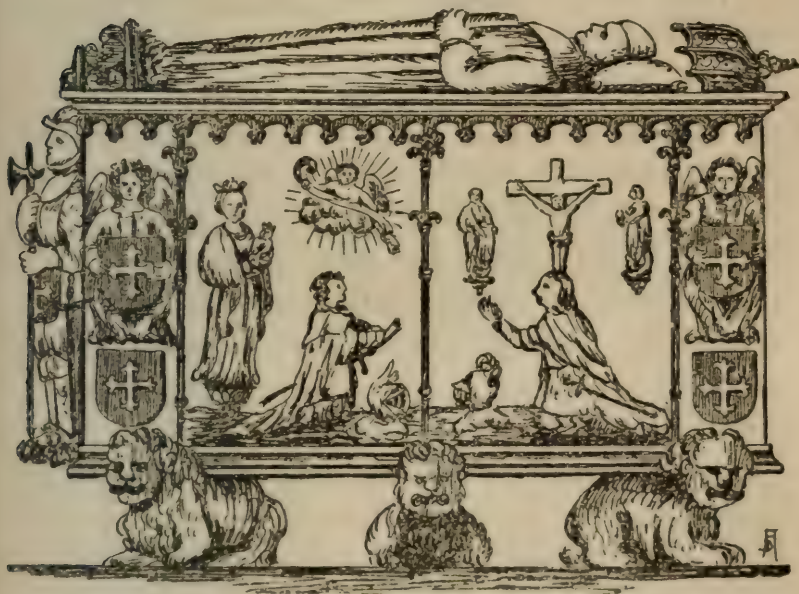
(1) Aqui repousa aquelle Nuno, condestavel, fundador da casa de Bragança, general eximio, depois monge bemaventurado; o qual sendo vivo desejou tanto o Reino do Ceu que mereceu, depois da morte, viver eternamente na companhia dos Santos; pois, após numerosos troféus, desprezou as pompas, e, fazendo-se humilde, de principe que era, fundou, ornou e dotou este templo.

mór e depois em 1545, no presbiterio, onde esteve até o terremoto que destruiu Lisboa e o templo do Carmo, e foi como o prenuncio da decadencia de Portugal.

Era este tumulo, como refere Sant'Anna, e o leitor pode verificar pela gravura da Chronica do P. Manuel de Sá que apresentamos (1),

---

(1) Num erudito artigo, publicado pelo Sr. Affonso d'Ornellas no *Diario de Noticias* de 1 de novembro de 1916, vem largamente historiada a serie de trasladações que soffreram as reliquias do B. Nuno Alvarez. Como este grande admirador e propagador do culto do nosso santo heroe se propõe publicar em breve as suas curiosas investigações, apesar de S. Ex.ª me ter auctorizado a utilizar os seus manuscritos, não me atrevo a fazê-lo. Não quero, porêm, deixar de manifestar aqui publicamente, o meu agradecimento pela amabilidade com que me cedeu alguns dos *clichés* reproduzidos e pelas interessantes informações com que me foi elucidando na consulta que tive com S. Ex.ª sobre o Estandarte do Condestavel. Nesta consulta é que se assentou a disposição das figuras que adornam a bandeira, disposição perfeitamente analoga á do sarcofago antigo, mas trocada em todas as reconstrucções até hoje publicadas por se ter collocado a haste do lado esquerdo do observador. Ora, de facto, em todas as gravuras antigas a haste é do lado direito, o que faz coincidir a descripção da Chronica de Fernão Lopes (citada á pag. 86) com a gravura de Frei Manuel de Sá e com o fac-simile do sarcofago que ainda hoje se conserva. Neste ultimo faltam os bacinetes deante de S. Jorge e S. Tiago.

«obra magestosa e rara que assentava sobre tres leões, tambem de pedra». Tinha de comprimento doze palmos, e de altura sete e meio. Na face principal em todo o quadro, diz o citado auctor, que o viu com seus proprios olhos,

Sarcofago primitivo de alabastro, destruido pelo terremoto de 1755. Desenho do manuscrito inedito de Frei Manuel de Sá (1721). — Obsequiosamente cedido pelo Sr. Affonso d'Ornellas

«estão com primor abertas de relevo no mesmo alabastro as Imagens, que trazia pintadas na sua bandeira: Nos remates deste quadro entre columnas relevadas, se mostram mais dois anjos do mesmo artificio, que as outras imagens,

tendo cada um nas mãos seu escudo com as armas dos Pereiras». Sôbre o tumulo estava uma estatua jacente do Condestavel, vestido com o hábito de donato carmelita, tendo na mão direita o baculo e na esquerda o livro de meditações, que sempre comsigo trazia. Outra estatua do Condestavel, vestido de guerreiro, se encontrava no corpo da Egreja, «com sete palmos de alto, que representa o soldado de pouca edade, na forma que costumava sair a pelejar nas campanhas, vestido de armas brancas, com cota de malha, guarnecida em roda com muitas cruzes de suas armas... Mas, ainda que a estatua se mostra inteiramente vestida com peito, manoplas, grevas e espaldar, falta-lhe só o morrião na cabeça, que a tem descoberta... Tem, de mais, espada ácinta e huma grande maça de ferro nas mãos». Até aqui o P. Frei Sant'Anna.

Como dissemos, depois do terremoto de 1755, ficou destruido o mausoléu de alabastro. Fez-se então uma reproducção em madeira, onde se collocaram os restos sagrados do nosso Heroe Nacional. Este segundo mausoléu continuou a ficar nas ruinas do Carmo (1). Em 1836,

---

(1) Tanto o fac-simile do sarcofago, como o da estatua de madeira, se conservam ainda hoje no Museu Archeologico do Carmo. Nelle estão as inscripções se-

depois das convulsões politicas que occasionaram a extincção das ordens religiosas em Portugal, pareceu conveniente transportar as reliquias do Condestavel para logar mais seguro, e com effeito foram levadas solemnemente para S. Vicente de Fóra, onde ficaram na capella lateral do cruzeiro da Egreja. Em 1906 fez-se o reconhecimento canonico das reliquias, servindo de

---

guintes, curiosas por arquivarem uma trasladação que não chegou a realizar-se :

AQUI REPOUSAM OS RESTOS GLORIOSOS DO SANTO CONDESTABRE
D. NUNO ALVARES PEREIRA
QUE NASCEU EM 24 DE JUNHO DE 1360 E MORREU
EM 1 DE NOVEMBRO DE 1431

NESTE TUMULO FOI O COFRE DAS SUAS RELIQUIAS
PELA PRIMEIRA VEZ ENCERRADO EM 21 DE MARÇO
DE 1768 NA EGREJA PROVISORIA DO CONVENTO DO CARMO
DE LISBOA ONDE ESTEVE ATÉ 14 DE MARÇO DE 1836 EM QUE FOI
TRANSPORTADO PARA A EGREJA DE S. VICENTE DE FORA
ONDE CONTINUOU DENTRO DO MESMO TUMULO ATÉ 9 DE MARÇO
DE 1895 DIA EM QUE O DITO COFRE FOI TRASLADADO PARA
A CAPELA DOMESTICA DOS CARDEAES PATRIARCAS
PARA AGUARDAR A SUA DEFINITIVA TRASLADAÇÃO PARA
A EGREJA DE SANTA MARIA DA BATALHA O COFRE COM AS
RELIQUIAS DE NUN'ALVARES EM 2 DE MARÇO DE 1918
TRASLADADO DA EGREJA DE S. VICENTE DE FORA PARA A EGREJA
DOS JERONYMOS ONDE NOVAMENTE FOI ENCERRADO
NESTE TUMULO
PARA ESSE EFFEITO CEDIDO PELA ASSOCIAÇÃO
DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUESES

peritos medicos os Drs. Antonio Mendes Lages e Manuel Ferreira Cardoso. Já então estavam ellas na capella particular do Sr. Patriarca, para onde tinham sido transferidas em 1873. Depois foram para o Pantheon da Familia Real de Bragança; daqui para a capella da Ordem Terceira do Carmo, esperando o dia em que

---

Do outro lado do tumulo está a seguinte inscripção:

ESTE TUMULO DE MADEIRA
É FAC-SIMILE DO DE
ALABASTRO FEITO EM FLORENÇA NO ANNO DE 1531
QUE FOI
DESTRUIDO PELO TERREMOTO DE 1755
POR MANDADO E EXPENSAS
DA
SR.ª D. JOANNA DUQUEZA DE BORGONHA
QUE FOI DEPOIS RAINHA DE ARAGÃO
4.ª NETA
DE D. NUNO ALVARES PEREIRA
2.º CONDESTAVEL DE PORTUGAL
MULHER DE FILIPPE (O DAS MÃOS BRANCAS)
DUQUE DAQUELLES ESTADOS
ONDE JAZIA O REFERIDO CONDESTAVEL NO REAL
MOSTEIRO DE S. VICENTE DE FORA
ATÉ A PORTARIA DO
MINISTERIO DO REINO 29 DE JULHO DE 1865
EM QUE O MANDOU ENTREGAR
Á ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES
PARA
O MUSEU DE ARCHEOLOGIA NO
EDIFICIO GOTHICO DO LARGO DO CARMO

tornem a ser veneradas no seu, por tantos titulos seu, Convento do Carmo, restaurado pelo amor e devoção dos Portugueses (1).

---

(1) Apesar do respeito e consideração que nos merecem os promotores da trasladação das reliquias do B. Nuno Alvarez para o grandioso mosteiro da Batalha, não concordamos com tal idea. A figura do Santo Condestavel é daquellas que deve estar sempre deante dos olhos dos portugueses como exemplo digno de imitar se. É pois da maior conveniencia que tudo o que a elle se refere esteja na capital da Nação, onde elle viveu e morreu, onde a cada momento se imponha á consideração dos que trabalham por fazer grande a Patria, onde por assim dizer está o coração da nacionalidade. Relegá-lo para a solidão da Batalha, de accesso tão difficultoso, é contribuir para augmentar o esquecimento em que jaz o Condestavel em milhares de portugueses. O que urge é popularizar cada vez mais a vida de D. Nuno Alvarez, avivar a sua memoria com celebrações e festas religiosas e patrioticas, ensinar as creanças a amar essa figura tão profundamente nacional. Romarias piedosas e litterarias aos monumentos que se ligam á vida de D. Nuno, opusculos de propaganda distribuidos profusamente pelo povo, e alguma publicação periodica onde se fosse arquivando toda a documentação que se refere ao salvador da nossa independencia, parecem-nos meios praticos de fazer crescer o culto popular pelo heroe de Aljubarrota e Valverde.

XXII

CULTO NACIONAL

O povo de Lisboa que, logo depois da morte, acclamara Santo ao humilde donato carmelita, não tardou em mostrar esse conceito de santidade por manifestações religiosas, proprias de quem é honrado nos altares. Por outro lado, Deus Nosso Senhor dignava-se, por assim dizer, approvar esse culto, concedendo graças e favores, e como premiando a fé dos devotos lisboetas. Conta-se, no Agiologio Lusitano, que o povo abrira um buraco junto do tumulo, donde extraía terra «que era a pedra bazar daquella dourada edade.» E o padre Simão Coelho affirma que já se não chegava ao fundo dessa cavidade senão «com uma cana de cinco ou seis palmos». O Infante D. Duarte mandara collocar uma lampada accesa deante dos veneraveis restos. Egual devoção teve El-rei D. Affonso V.

Depressa se consagrou um altar ao Santo Condestabre (era esse o nome que teve na lin-

guagem corrente), altar cujos principaes adornos, diz Sant'Anna, eram o ex-votos dos miraculados. Nelle se dizia missa em honra do Santo, primeiro com tacito consentimento da auctoridade ecclesiastica, depois com sua approvação clara.

Estatua do Condestavel, que se conserva ainda nas ruinas da Egreja do Carmo

Logo se começaram a lavrar imagens do Condestavel, que appareceram expostas em algumas egrejas, não sómente em Lisboa, mas em outros pontos de Portugal. Nos arredores de Lisboa, nas comarcas de Aviz, Sernache de Bomjardim, no Alemtejo, havia altares consagrados ao Santo Condestavel. Eram notaveis as da villa da Certã e de Moura. Esta ultima conservou-se até 1745; mas desde a dominação castelhana, havia-se mudado o seu nome em Santo Amaro!

E' sabido o costume português de fazer romarias e festas aos santos mais populares, fes

tas que não deixam de ter alguns resaibos de paganismo. Tanto o Agiologio, como Sant'Anna, referem pormenorizadamente estas romarias e as coplas que nellas se cantavam. Enumeremos algumas:

A principal era no dia 1 de novembro, dia do seu transito bemaventurado. Parece que Deus Nosso Senhor, levando o Condestavel nesse dia consagrado a todos os Santos, quis que elle tivesse a sua festa logo desde o dia da morte.

Na oitava da Paschoa, era a peregrinação «das mulheres dos Cidadãos de Lisboa... que se ajuntavam na Capella-mór do Mosteiro do Carmo... com seus pandeiros, e adufes, e outras tangendo as palmas e com muito prazer e folgança cantavam e dançavam á roda donde soterrado estava, começando huma das mulheres, que melhor voz tinha, e as outras respondiam o que ella cantava, e diziam desta guiza»:

GUIA, SÓ, E, DEPOIS TODOS

No' me lo digades none
Que Santo he o Conde.

GUIA, SÓ

O grande Condestabre
Nunalves Pereira
Defendeo Portugale
Com sua bandeira
E com seu pendone.

RESPONDIAM TODOS

No' me lo digades none, etc

GUIA, SÓ

Na Aljubarrota
Levou a vanguarda,
Com braçal, e cota
Os Castelhãos mata,
E toma o pendone.

TODOS

No' me lo digades, etc.

GUIA, SÓ

Com sua cheganção
Filhou Badalhouce
Sem usar davença
Entrou sua torre,
E poz seu pendone.

TODOS

No' me lo digades, etc.

GUIA, SÓ

Dentro no Valverde
Venceo os Castelhãos
Matou bons e maos
Só co' a sua hoste,
E seo esquadrone.

TODOS

No' me lo digades, etc.

Na oitava de Pentecostes vinham os habitantes de Restello e Belem, trazendo como offerta um «velão, que era do pezo d'huma arroba». O cortejo que vinha em batéis bem adornados, desde o sitio, onde actualmente está o Mosteiro dos Jeronymos, desembarcava em Santos, e se dirigia com alegres cantares e folias ao Convento, onde fazia «sua oraçam bem espaçada». Depois dançavam em tôrno do sepulcro cantando as seguintes trovas:

DIZIA UMA VOZ

Santo Condestabre
Bone Português,
Conde darrayoles,
De Barcellos, dorem.

TODOS

Santo Condestabre
Bone Português.

UMA VOZ

Na campanha somdes
Alem duma bez,
E mais otra bez
E mais otra bez.

TODOS

Santo Condestabre
Bone português.

UMA VOZ

Por faison da Patria
Todo esto lo fez,
Mata os Castelhãos,
Salva a nossa grei,

TODOS

E mais otra bez
E mais otra bez.

UMA VOZ

No me lo digades
Quabondo lo sey
Librou as obelhinhas
Do Leo de Castel.

TODOS

E mais otra bez
E mais otra bez.

Outras seguidilhas, tambem cantadas deante do tumulo de Nuno Alvarez, arquivadas por Sant'Anna, são as que seguem:

UMA VOZ

Do Restello a Sacavem
Nem ningola nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre
Que le pruge, e que le praze
Ha fagernos tanto bem.

TODOS

E bem, e bem.

UMA VOZ

O rapaz das coberturas,
Que morre, e cahe para traz,
Ja non vai á sepultura,
Que otra vez vive o rapaz:
E o Conde le fizo o bem.

TODOS

F bem, e bem.

UMA VOZ

A' filha de Joanna Estés,
Que finou por non mamar,
Ao do moinho do cubo
Que finou por se afogar,
Viventa o Conde tambem.

TODOS

E bem, e bem.

UMA VOZ

O mal daquella alfayata,
A gran dor de Lopo Affons,
Non les chega aos corações,
Que o Conde Santo los guarda:
Y todo por fazer bem.

TODOS

E bem, e bem.

UMA VOZ

E bem, Condestabre Santo,
Cobri-nos com vosso manto
Com vosso manto de gales,
Defendendimento dos males,
E faganos muto bem.

TODOS

E bem, e bem.

Os habitantes de Sacavem, vinham no dia de S. João Baptista, com uma boa offerta de azeite; no dia da Assumpção de Nossa Senhora os de Almada, com muitas candeias e velas.

Como vimos nas seguidilhas referidas em ultimo logar, o povo celebrava tambem os milagres e graças recebidas. Muitos delles são descritos na Chronica de Sant'Anna, que diz ter colhido a narração numa Chronica manuscrita de Gomes Annes de Azurara. Basta-nos indicar apenas o numero e a qualidade delles:

Resurreições de mortos	12
Apparições e graças singularissimas	6
Enfermos dos olhos	21
Paraliticos, tolhidos e males de cabeça	24
Surdos, mudos, doentes de garganta	21
Molestias do peito, estomago e coração	14
Hidropicos, tumores	11
Enfermidades de pernas e pés	21
Roturas, sciaticas, pedra	1[illegible]

Doenças semelhantes	16
Febres e fluxos de sangue........................	10
Perigos do parto	19

Tudo isto refere Sant'Anna, cuja Chronica foi publicada em 1745. Já dissemos que a destruição do templo pelo terremoto concorreu para diminuir bastante o culto prestado ao Santo Condestavel. Vieram logo depois as perturbações causadas pelas invasões francesas, epoca de grandes e continuos sobresaltos para a nossa nacionalidade, o que não pouco contribuiu para arrefecer o entusiasmo popular. Seguiu-se lhes a revolução liberal com decretos que extinguiam as ordens religiosas e encetavam a total ruina dos preciosos escrinios de arte, tradição nacional e piedade, que eram os conventos. Tudo isto consumou a obra que, durante o jugo castelhano, visara a fazer esquecer o culto prestado ao Heroe Nacional, que salvara a Independencia do País. Entende-se bem que os castelhanos assim o fizessem; mas o que não pode deixar de merecer profunda condemnação de todo o português é o descuido imperdoavel dos nossos antigos governos. A elles cabe a principal responsabilidade do eclipse sofrido pelo culto de Nuno Alvarez, eclipse que em breve vae terminar.

GLORIA DO BEATO NUNO ALVAREZ

Por Gonella

(Reproducção auctorizada pelo R. P. Wessels, O. C.)

XXIII

CULTO OFFICIAL

Vamos agora neste capitulo resumir brevemente o Processo do reconhecimento do culto pela Egreja, acto que equivale a uma beatificação, e portanto dá direito á anteposição da palavra Bemaventurado ou Beato ao nome do nosso Santo Condestavel. Não quero, porêm, deixar de exarar aqui mais uma vez o meu profundo agradecimento ao meu venerando amigo Rev. Padre Gabriel Wessels, da preclara Ordem dos Carmelitas Calçados, zelosissimo Postulador da Causa e devotissimo do Beato Nuno Alvarez, pela singular amabilidade com que me communicou uma copia desse processo com o fim exclusivo de servir para este meu trabalho. E' pois com sua plena auctorização que passo a resumir o processo.

Como todos sabem, desde o celebre decreto de Urbano VIII (1623-1644), foi abolido o costume de prestar culto aos Servos de Deus, ape-

nas com licença da auctoridade diocesana. Exceptuavam-se, é certo, os casos em que tal culto fôsse rendido desde cem annos antes da publicação do decreto, como acontecia com o Santo Condestavel, mas exigiam-se certas formalidades para o dito culto ser reconhecido officialmente pela Egreja.

Taes formalidades não foram, como facilmente se compreende, observadas pelos hespanhoes dominadores: antes pelo contrario, procurou-se que de Portugal ninguem as lembrasse durante a epoca do seu jugo. Mas, logo em 1641, D. João IV pediu ao Pontifice que reconhecesse a beatificação e procedesse á canonização. Acompanhava o pedido uma supplica do Episcopado Português. Outra supplica do mesmo teor era dirigida ao Papa por El-rei D. Pedro II, assignada por dez prelados lusitanos. O texto completo dessa mensagem vem na obra de José Soares da Silva — *Memorias para a Historia de Portugal* —. Mas desde essa data, embora o culto continuasse, como mostram os documentos que traz o processo — trechos de historiadores portugueses e nacionaes, epigrafes appostas aos retratos e imagens, missas e festividades, tanto na Ordem Carmelitana, como em varios outros pontos de Portugal e estrangeiro — contudo nenhum passo se deu, ao que consta, para o reconhecimento official da Egre-

ja. Nem quando se transferiram as reliquias para o sarcofago de madeira, nem quando se transportaram para S. Vicente de Fóra, houve semelhante pedido. Em Lisboa este culto continuou, diz o Sr. Dr. Pereira dos Reis, no seu interessante opusculo «O Santo Condestabre», na capella dos Terceiros do Carmo, onde estava exposto sobre o altar á veneração dos fieis o painel do Santo Condestabre (1).

Foi sòmente em 1894 que o Rev. Padre Anastasio Ronci, então Postulador das Causas das beatificações e canonizações da Ordem Carmelitana, encetou o processo do reconhecimento do culto do insigne português que morrera com o habito religioso do seu instituto. Delegou a sua missão de Postulador junto da Curia diocesana de Lisboa, onde se havia de iniciar o Processo, no fallecido Mgr. Francisco Alçada de Paiva, ao tempo prior de S. Nicolau. O Sr. Cardeal Patriarca, D. José, nomeou juiz da causa o seu Vigario Geral, D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo de Mitylene; Promotor, o Conego Ruas de Abreu, e notario, o Rev. Dr. Simões de Almeida. Constituido

---

(1) Em appendice vae uma nota sobre as relações da Ven. Ordem Terceira do Carmo e o B. Nuno Alvarez, gentilmente communicada pelo Rev. Sr. Dr. Pereira dos Reis, a quem testemunho aqui o devido agradecimento.

o tribunal, inquiriram-se as testemunhas seguintes:

Rev. Padre Joaquim José de Abreu Campo-Santo, Provincial da Companhia de Jesus em Portugal.

Rev. Padre Pedro Daniel Hickey, da Ordem dos Prègadores.

Rev. Padre José Antonio da Assumpção Brugeiros, da Ordem de S. Francisco.

Rev. Padre Bernardino Barros Gomes, da Congregação da Missão.

Rev. Padre Luis José Grappe, da Congregação do Espirito Santo.

Rev. Padre Diogo Singleton.

Rev. Padre Carlos da Costa Carvalho, Egresso Carmelita.

Maximiano Paes de Andrade Baeta, da Ordem Terceira do Carmo.

Conselheiro Henrique de Barros Gomes.

José Joaquim Ribeiro.

Alvaro Alfredo da Silva Zuzarte de Mendonça.

Seria longo referir os depoimentos. Todos elles foram unanimes em testemunhar a santidade de Nuno e a antiguidade do seu culto.

Alêm disso procedeu-se ao exame dos documentos apresentados. Finalmente o Juiz De-

legado deu a sentença sobre a existencia do culto immortal e continuo prestado ao Santo Condestavel. Assigna-a o successor no cargo de Arcebispo de Mitylene, o fallecido D. José Alves de Mattos, e é datada de 7 de Março de 1914.

Como explicar semelhante intervallo?... E' que, depois da 13.ª sessão, ou seja em 5 de março de 1896, adoecia o notario do processo, doença de que pouco depois morria. Tambem os juizes mudavam: O Sr. D. Manuel Baptista da Cunha era promovido para a Sé de Braga, e o seu successor immediato o Sr. D. Manuel Vieira de Mattos para a diocese da Guarda. Em 1903 fallecia o promotor da causa, coisa que não pouco atrasou o andamento do processo. Finalmente, em 1906 resignava o proprio Cardeal Netto, Patriarca de Lisboa, vindo occupar o seu posto o actual Cardeal Patriarca, o Em.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Antonio Mendes Bello, que Deus guarde por longos annos. Foi elle quem, a instancias do Rev. Padre Wessels, retomou o processo e lhe deu o andamento necessario, para se chegar ao feliz termo a que chegou.

Entretanto promulgavam-se em Roma, sob o pontificado de Pio X, de chorada memoria, dois decretos novos, augmentando as formalidades canonicas requeridas para o reconhecimento do culto: exame dos escritos, etc., etc.

A seguir estas novas prescripções, certamente o processo demoraria muitissimo tempo. Em Lisboa terminara o processo diocesano, sendo juiz, como atrás dissemos, o fallecido arcebispo de Mitylene, D. José Alves de Mattos, promotor o Dr. Dinís de Carvalho e notario o Dr. Pereira dos Reis. Mas os decretos, retromencionados de Pio X, obstavam a que o processo diocesano fôsse, sem mais, confirmado pela Sagrada Congregação dos Ritos. Tambem esta difficuldade desapareceu, desde o momento em que foi deferida uma supplica do Episcopado Português, em que se pedia ao Santo Padre, que attendendo a ter sido o processo iniciado e quasi concluido, antes dos referidos decretos, os dispensasse no nosso caso. A resposta não se fez esperar. O actual Pontifice reinante dignou-se benignamente acceder ao pedido, e a dispensa referendada pelo Em.^mo^ Cardeal Vico, foi concedida aos 14 de fevereiro de 1917. Faltava, apenas a sentença definitiva da Sagrada Congregação dos Ritos.

Antes porêm de a referir, seja-nos licito deixar aqui exarados alguns nomes de pessoas que altamente contribuiram para o feliz e rapido despacho duma causa, que tão cara é para todo o coração português.

Em primeiro logar o do talentoso diplomata, encarregado hoje dos negocios da Santa Sé, o

Ex.mo e Rev.mo Mgr Benedicto Aloisi Masella e do seu irmão o advogado do processo em Roma, o Sr. Conde Dr. Adriano, estrenuos promotores do reconhecimento do culto, e do illustre exilado o Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Beja D. Sebastião Leite de Vasconcellos, que com o maior interesse acompanhou, seguiu e estimulou o andamento da causa. A estes tres benemeritos as nossas homenagens reconhecidas, bem como ao infatigavel Postulador, o Rev.mo Padre Wessels.

Com effeito, aos 7 de junho de 1917 era apresentado á Congregação o final do processo. Pouco mais de um mês depois propunha o Promotor da Fé Mgr. Angelo Mariani as suas duvidas e difficuldades, a que responderam o mais satisfatoria e triunfantemente possivel os advogados Sr. Conde Adriano Masella e Sr. Dr. João Romagnoli, em 1 de dezembro.

Finalmente, aos 15 de janeiro do anno de 1918, na sessão plenaria dos membros da S. Congregação dos Ritos, depois dum relatorio admiravel e eloquentissimo, feito pelo Cardeal Ponente, o grande amigo de Portugal e Protector da nossa Nação, o Em.mo Sr. Cardeal Vicente Vanutelli, antigo Nuncio em Lisboa e benemerito do Collegio Português de Roma, foi approvado sem votação, por aclamação unanime, (coisa rarissima nos annaes de semelhantes cau-

sas) o reconhecimento do Culto do Beato Nuno Alvarez.

A 23 do mesmo mez, Sua Santidade Bento XV ratificava a sentença da Congregação que era communicada ao mundo inteiro pelo Decreto *Clementissimus Deus,* cuja traducção damos em appendice, no fim deste livro.

Sabemos que em breve se approvará a missa e o officio do Beato (1). Fazemos votos por que elle seja admittido como obrigatorio, não sòmente em todas as dioceses de Portugal e seus Dominios, mas tambem em todas as Familias

---

(1) Esperavamos dar em appendice o texto completo da Missa e Officio do Beato. Como porêm não nos foi possivel obtê-lo, limitamo-nos a arquivar aqui a oração, approvada por Sua Eminencia o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, em 5 de Novembro de 1915:

ORAÇÃO

Senhor, que sois admiravel nos vossos Santos e que neles, como em monumento da vossa omnipotencia e compendio vivo de virtudes, nos revelaes eloquentemente a providencia indefectivel que exerceis sobre as vossas creaturas, fazei que, admirando as virtudes excelsas que em grau heroico resplandeceram no vosso Servo Nuno Alvares, possamos, á sua imitação, alliar ao amor da Patria que nos foi berço, a caridade ardente e o desprezo das glorias e bens terrenos, de que nos legou tão sublimes exemplos. Por Jesus Christo Senhor Nosso. Amen.

Religiosas que estiveram ou estão no nosso país. Nisto não nos podemos deixar vencer pelo patriotismo e piedade dos francezes para com a sua Heroina Nacional, a B. Joanna d'Arc, que tantos pontos de contacto e semelhança tem com o nosso B. Nuno Alvarez.

XXIV

RELIQUIAS E RETRATOS

Dez annos antes do terremoto de 1755, deixava Sant'Anna, na sua Chronica, uma longa descripção das reliquias e memorias de Nuno Alvarez, que nessa época ainda se veneravam no Convento do Carmo de Lisboa. Já então havia desaparecido o pucaro de madeira em que bebia o Donato, o qual servira «aos religiosos que tomavam Ordens, de se adestrarem nas ceremonias da Missa». Era um copo modesto, feito de hera. Um titular da côrte, que o pediu emprestado, nunca mais o quis restituir. Tambem se haviam desencaminhado o barrete de «faces» e o baculo, com que o Condestavel saía á rua. Da parte superior era torcido e «fazia volta». Apenas se conservavam: um cabo da muleta de que o santo varão se servia quando «as molestias lhe embargavam o passo»; as contas pelas quaes rezava; uns retalhos do seu hábito; uma carta autografa sua para o Mestre de Aviz, e espada do Condestavel. «A folha tem de

largura pouco mais ou menos de tres dedos, e está com diminuição no comprimento; pois para se usar della no ministerio, em que de presente serve, foi preciso que cortassem uma grande porção, e que pelo meio a vazassem». Era tradição que essa espada era a mesma que fôra corregida pelo alfageme de Santarem «o que, com effeito, se conhece pela marca propria do referido alfageme, a qual ainda se distingue, e vem a ser uma cruz, com uma estrella na extremidade da haste maior. Da parte desta marca estão umas letras, que estão de presente apagadas, mas no tempo daquelle religioso (Fr. Jeronimo da Encarnação que a descreveu) ainda se liam e diziam: *Excelsus super omnes gentes Dominus.* Da outra parte tambem se divisa o sinal da contramarca, que é uma cruz floreteada, sobre um circulo acompanhado de outras letras, que mal se distinguem, mas sabemos que diziam: Dom Nuno Alves. Vêem-se mais uns caracteres embaraçados entre si, que claramente dão a perceber, que formam o ineffavel nome de MARIA.» O ministerio em que era empregada era o de ser collocada na mão da estatua do Profeta Elias, considerado pelos Carmelitas, como seu fundador. A ultima informação que tive sobre o paradeiro desta espada é que esteve no Museu Numismatico do Palacio da Ajuda, onde fôra encerrada num estojo, por

ordem de El-Rei D. Luiz I. Fôra retirada do Convento do Carmo em 1834 pelo Duque de Bragança. Tinha 1^{m},07 de comprimento. Está actualmente no Museu de Artilharia (1).

Quanto ás reliquias propriamente ditas, temos informações contemporaneas da maior respeitabilidade historica. E' o juizo ou informação jurada dos medicos que serviram de peritos na invenção ou reconhecimento dos despojos mor-

---

(1) Encontra-se na Sala Camões, conservada num rico estojo, com a lamina em bom estado.—Eis a descripção d da pelo Catalogo do referido museu (pag. 116):

6. Espada do seculo XIV, que pertenceu a D. Nuno Alvares Pereira. A folha é direita, de dois gumes e perfurada, tendo de ambos os lados como marca, o lobo e cruzes. A largura junto ao punho é 0,06. Os quartões são de secção eliptica, curvados nos extremos para o lado da folha tendo ao meio um escudo terminando em ponta. Num dos lados ha um arco, que tem os extremos ligados aos quartões servindo de guarda e cujo plano é quasi perpendicular á folha.

O pômo tem a forma ovoide encimado por um botão que o prende á espiga por meio de rosca.

O punho é revestido de uma placa de cobre onde se enrola em helice um fio de cobre. O comprimento total da espada é de 1,10. Esta espada tinha sido posta na mão duma imagem de Santo Elias pelos frades do Convento do Carmo de Lisboa, onde faleceu D. Nuno. Daí foi tirada no dia 28 de maio de 1834 por ordem de D. Pedro IV. Veiu do Paço das Necessidades para este museu em 19 de dezembro de 1913.

taes do Beato Nuno, feita em 1906. Numa caixa com 0,80 de comprimento, 0,33 de altura e 0,34 de largura estavam os ossos. Sobre esta caixa, forrada de veludo carmezim, estava uma lamina de prata, com uns dizeres que attestam a natureza do seu conteúdo (1). Dentro estavam dois saccos de linho, diligentemente cosidos e no fundo alguns ossos dispersos. A relação dos ossos correspondia perfeitamente á que existia, da trasladação que se fez em 1768. O estudo desse documento e o confronto dos ossos deu-lhes a plena convicção de que eram autenticos. Eram elles um craneo a que faltava na parte superior

---

(1) Eis os dizeres que se encontram gravados em duas laminas collocadas sobre a caixa:

Na tampa: Restos de D. Nuno Alvares Pereira recolhidos de acordo com o parecer da comissão official de identificação nomeada por portaria do Ministerio da Justiça de 29 de janeiro de 1918. Foram encerrados nesta urna no dia 19 de fevereiro de 1918.

Na parte da frente: Aqui estão os ossos do Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira que estiveram na antiga e já derrocada Egreja do Carmo e vieram para a de S. Vicente de Fora, sendo accompanhados até esta Capella de Sua Eminencia Reverendissima o Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa pelo Prior Monsenhor Joaquim Antonio de Sant'Anna e nella collocados em 9 de março de 1895.

A caixa está fechada com um cordão preso com o sello de lacre onde se lê: *Sig. Comit. pro recognit. exuv.*

e anterior, o frontal e pequenas porções dos parietaes; dois fémures, o direito sem a respectiva cabeça, o esquerdo completo, ambos de dimensões identicas; duas tibias, incompletas na sua parte inferior; dois peroneus, tambem incompletos; um cubito e um radio direito, e ainda outro radio incompleto a que faltava o terço inferior. Encontraram mais alguns ossinhos envolvidos em linho, com nomes de Santos, reliquias que provavelmente foram depositadas no tumulo por disposição testamentaria de D. Nuño. Por fim acharam outros ossos, cujas dimensões mostravam pertencerem a pessoa diversa, de alta estatura. Que o primeiro

---

Nonii Avs. Pereira MCMXVIII. Está ella, como já levamos dito, sobre o altar lateral da direita da graciosa capella da Ordem Terceira do Carmo em Lisboa. Numa das dependencias desse edificio está tambem a urna com os restos mortaes da mãe de D. Nuno, com a seguinte inscripção, pintada em madeira, ladeando um escudo com a cruz dos Pereiras: «Aqui jaz a muito honrada e virtuoza D. Eiria Gonçalvez Madre do Santo Conde que mandou fazer este mosteiro.»

Numa lamina de prata está gravado: Restos de Iria Gonçalves, mãe do Condestavel, recolhidos de accordo com o parecer da Commissão Official, etc. Foram trazidos para aqui juntamente com os do filho.

Tambem se encontra no tesouro da Ordem um relicario que D. Nuno trazia ao peito, conforme me informou um empregado da casa, mas que não pude ver.

grupo de ossos pertença realmente a Nuno Alvarez, deduz-se de as suas dimensões se harmonizarem com o que as chronicas rezam sobre a sua pessoa. Tal o veridicto medico (1).

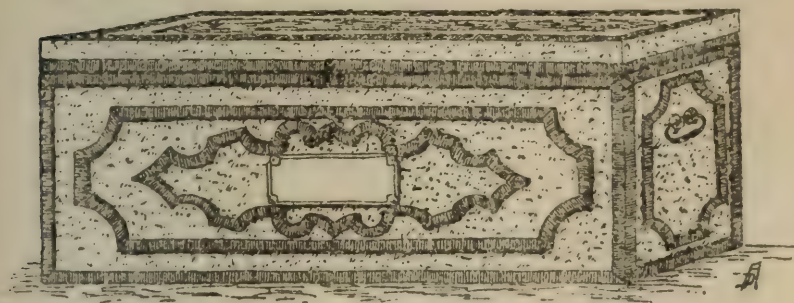
Sôbre a pessoa de D. Nuno Alvarez, diz o seguinte o P. Frei Simão Coelho: «Foi o Condestabre, segundo se mostra por seu retrato, homem envolto em carnes, de estatura que mais hia a grãde que a pequena: tinha o aspecto baronil; o rosto comprido e fermoso; era alto e louro, tinha os olhos pequenos, mas mui resplandecentes, pouca barba e cahida para baixo. Foi muito esforçado e constante, sofredor de trabalhos e muy amador de castidade e limpeza». (2) O Agiologio copia estas palavras, taes quaes.

Sant'Anna refere outra versão, que diz ter copiado de Frei Jeronimo da Encarnação, o qual a teria recebido de contemporaneos do Condestavel. E' a seguinte: «Foy o virtuoso Condestavel de meam estatura, teve o rosto comprido, cor branca, o nariz afilado e agudento, os olhos pequenos, mas muy viventos, as sobrancelhas arcadas e ruivas, assim era o seu cabello, não só da cabeça mas tambem da barba, com algumas ruguizas na testa e nos cabos

---

(1) Damos em apendice o auto completo do reconhecimento feito em 1918.

(2) O. c., pag. 91.

dos lagrimaes, a bocca pequena com o seu sembrante muy amezurado». Falla o mesmo auctor dos varios retratos do Santo que possuia o Convento. O mais fiel teria sido o que mandou fazer o Conde de Barcellos, seu genro. Estava collocado entre os paineis «que ornam o espaldar do caixão mayor da nossa sacristia.» Havia outro na sala do capitulo, etc.

Cofre de veludo vermelho agaloado, onde actualmente se conservam as reliquias do B. Nunes Alvarez. — Desenho obsequiosamente cedido pelo Sr. Affonso d'Ornellas

Um folheto recente, com o titulo de *Iconografia Portuguêsa* (1), publica as melhores imagens do Santo Condestavel, que ainda existem. Destaca-se entre ellas a pintura que foi descoberta ha pouco em Oeiras, no palacio dos Srs. Marqueses de Pombal. O artigo erudito do Sr. Dr. José de Figueiredo, que traz o citado folheto, mostra

(1) Fasc. I. *Nun'Alvares* organisaram e editaram Alberto Sousa e Mario Salgueiro.

que este quadro deve ser considerado como o mais autentico de todos os que existem. Tal affirmação é brilhantemente confirmada pelo achado precioso do Sr. Affonso d'Ornellas. Trata-se dum desenho á penna inserido no manuscrito de Fr. Manuel de Sá e publicado no *Diario de Noticias* de 25 de junho de 1917. O manuscrito é inedito. Nelle á pagina 58 (como me communicou amavelmente o Sr. d'Ornellas), vem o seguinte: «A estas copias ou Imagens do animo e religiozo afecto deste raro Heroe Sto (refere-se ás cartas aos netos de que fallamos na pag. 164) se deve seguir tambem darmos huma da forma em q era pla ide e Habito, com que asestia entre os Religiozos deste seu real Convto como se fora professo. He fielmente copiado de huma estampa antiquissima, q se iquivoca sendo copia, com o original de colorido, q̃ nelle se conserva por verdadro.»

Este testemunho valioso vem destruir a conjectura do Sr. Dr. Figueiredo sobre a posição da bocca no quadro da casa dos Srs. Marqueses de Pombal, o qual por especial deferencia dos illustres fidalgos, vem intercalado neste livro. Tambem reproduzimos o desenho do manuscrito de Frei Manuel de Sá.

Confrontando estes dois retratos com a xilografia da 2.ª edição da *Chronica do Condestabre,* vê-se que estas tres reproducções, tão

parecidas entre si, fixaram fielmente a fisionomia de D. Nuno. A bocca, porêm, que no quadro da casa Pombal apparece desviada para a esquerda, nos outros dois apresenta o desvio para a direita. O Sr. Figueiredo, que atribue o quadro ao pintor de D. João I, mestre Antonio Florentim, quer explicar o desvio, já que exclue erro do pintor, a algum ataque apopletico que o Condestavel tivesse padecido. Mas a representação de Frei Manuel de Sá, pondo o desvio do lado opposto, vem desfazer tal hipotese. Além disto, como ella era copia fiel duma «estampa antiquissima que se iquivoca com o original» temos de pôr de parte a idéa de esse original ser o quadro da casa Pombal, onde a figura do Condestavel se acha um tanto remoçada.

Os mais quadros antigos, como os dois da Bibliotheca Nacional de Lisboa e os do Museu das Janellas Verdes, não teem valor como representações da fisionomia do Santo Condestavel. Os melhores veem reproduzidos no supracitado opusculo.

Das producções recentes nada quero dizer, senão que nenhumas dellas satisfaz ao ideal que formamos sobre a figura do Santo Condestavel. São, sem duvida, obras de valor artistico, mas, no meu fraco parecer, estão longe de ser obras primas.

Assim, por exemplo, na sala Europa do Mu-

seu de Artilharia está uma tela de Luciano Freire representando D. Nuno. A expressão do rosto do Condestavel é dum nevrotico desvairado. O modelo da estatua feito pela Ex.ma Sr.a D. Maria do Carmo Vasconcellos, e reproduzida, ao que me informam, na Italia, tem o inconveniente de apresentar uma cabeça demasiado feminil. Nos dois quadros de Gonella, distincto pintor italiano, não está bem caracterizada a fisionomia de D. Nuno. Ambos vão publicados neste livro. O da vestição é lindissimo. Admiravel o equilibrio das figuras; a expressão do rosto de cada um dos personagens, sobretudo do velho e venerando Prior do Mosteiro, está muito bem representada. No outro, o da gloria do Beato Nuno, é felicissimo o contraste das grandezas terrenas que deixou e do habito que vestiu, para merecer o ceu. Notamos porem nelle uma particularidade que não corresponde á verdade historica, particularidade que tambem apresenta a estatua do Beato, que se venera no altar onde estão collocadas as reliquias; referimo-nos ao habito carmelita com que está vestido D. Nuno, á capa branca que nunca elle trouxe, como o leitor terá já fixado pelo que atrás dissemos (vide pag. 167).

Fazemos votos ardentes para que surja argum artista português e fixe na tela ou no mar

more as principaes scenas da vida de D. Nuno Alyarez, e muito em particular a da oração de Valverde. e da sua edificante morte no Carmo de Lisboa.

*

* *

Algumas linhas sobre a familia do Condestavel. Sobre a sua mãe, limito-me ao que traz Fr. Simão Coelho: «A mãe de Dõ Nunalvres se chamou Eirea Gonçalvez do Carvalhal, dona de muita prudencia, que despois viveo muy recolheitamente e morreu com muytas mostras de sanctidade, que foi natural d'Elvas. Está enterrada na capella dos fieis de Deus no moesteyro de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa, que he a capella que está junto com a sacristia, em hua sepultura alta posta na parede da banda do Evangelho, mandada fazer por seu filho que ali lhe aprouve de a enterrar. E agora são tresladados seus ossos á capella mór e estam em hua sepultura metida na parede e costas do côro, junto á do Conde seu filho.» (1)

Noto aqui que aquelle *aprouve de a enterrar* não quer dizer que Iria Gonçalvez morresse antes do filho, mas, simplesmente, que o Condestavel destinou em vida a sepultura em que

(1) O. c., pag. 77. Veja-se a nota da pag. 217.

devia ficar o corpo da sua mãe· Na realidade ella morreu dez annos depois de D. Nuno.

Como deixamos dito, o corpo da mulher, D. Leonor de Alvim, tinha sido depositado na egreja das Dominicanas de Villa Nova de Gaia. Mas essa egreja primitiva foi destruida, e na nova não encontrei sinal algum da sepultura da nobre dama. Do tempo de Nuno Alvarez ha apenas uma memoria, que damos em nota (1). A filha, D. Beatriz ou Brites, fôra enterrada no côro baixo da egreja das Clarissas, da Villa do Conde.

Falta-nos, apenas, para concluir, dizer algumas palavras sobre o Convento do Carmo. Está, como todos sabem, em ruinas, e serve actualmente de Museu Arqueologico a parte das rui-

---

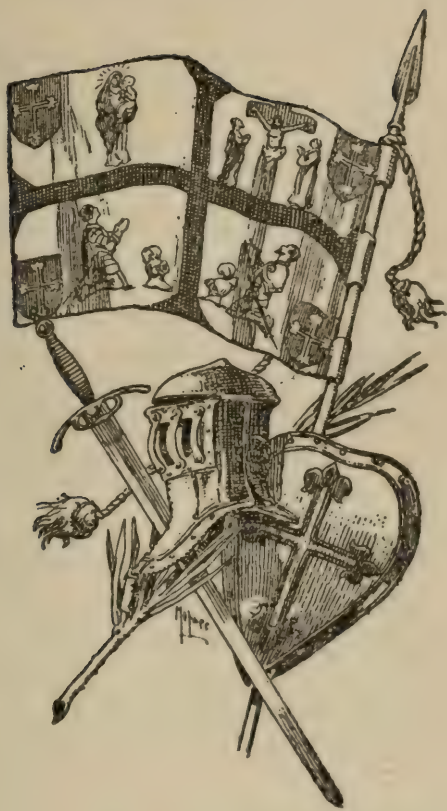
(1) E' a seguinte inscripção:

«Aqui jaz Alvarianes Cernache Cavaleiro Armado por el rey D. João cuja alma Deus haja. Anadel mor dos besteiros de cavallo e alferes q foi na ala dos namorados na batalha real e em todas as outras guerras o coal se finou na era de 1462.—Em o anno de 1706 se mudou este tumulo da igreja velha p. esta nova, e se reformou da forma antiga. Pertense com a capela colateral de Santiago e as tres sepulturas junto ao altar a Antonio de Tavora e Noronha Leme Cernache moço fidalgo da caza de S. Magestade, nono neto do mesmo Alvarianes Cernache, senhor do morgado dos Cernaches que ele instituiu e padroeiro in solidum das egrejas a elle unidas. De tudo é cabeça a capela de Santiago.»

nas que corresponde á egreja. O resto, claustro, corredores, officinas, emfim, o convento, foi militarizado e serve hoje de quartel. Sobre a cella do Santo, ouçamos o eminente escritor Visconde de Castilho: (1)

«A cella onde habitou o *senhor Santo Conde*, avô dos nossos Soberanos, amigo do Mestre de Aviz, pelejador em nome da Religião e da Patria, progenitor de todas as Casas Reaes da Europa, a sua cella de Monge, onde elle fugiu ás grandezas humanas, onde elle meditou, onde elle orou, essa habitação quasi sagrada... oh! antes mil vezes a esquecessem as tradições! Insultaram-na de modo que o insulto nem sequer se pode narrar em publico. A' letra redonda repugna-o.»

---

(1) *Lisboa Antiga* — Vol. I, pag. 380, 2.ª ed.

A bandeira e espada de D. Nuno
Nova reconstituição sobre documentos originaes
(Vidè a nota da pag. 186)

DECRETO

DIOCESE DE LISBOA

CONFIRMAÇÃO DO CULTO PRESTADO DESDE TEMPOS IMMEMORIAES AO SERVO DE DEUS

NUNO ALVARES PEREIRA

LEIGO, PROFESSO, DA ORDEM DOS CARMELITAS CALÇADOS CHAMADO BEATO E SANTO

Deus clementissimo, que dispõe com próvido e sabio conselho, os tempos, os acontecimentos e todas as mais coisas, e as dirige para sua gloria e salvação dos homens, guardou, para as circumstancias em que actualmente se encontram as condições das coisas publicas e da Europa, a discussão desta prestantissima causa perante a S. C. dos Ritos, acêrca da confirma ão do culto immemorial, prestado ao preclarissimo varão, Condestavel do Reino de Portugal, Nuno Alvares Pereira, humilde leigo professo da Ordem dos Carmelitas calçados, honra e ornamento da familia e da Patria, como da Egreja Catholica e da Ordem Carmelitana, o qual brilhou pela santidade da vida e esplendor de virtude, especialmente em Portugal.

Este Servo de Deus nasceu em Sernache do Bomjardim no dia 24 de junho de 1360; recebeu educação moral e instrucção conveniente e foi alistado entre os pagens reaes, e, aos 13 annos incompletos, admittido na milicia regia, sendo armado cavalleiro pela propria Rainha, tão grande era a graça que encontrou perante os monarchas.

Condescendendo com os conselhos dos paes e do

Rei, aos 17 annos contraíu matrimonio com a nobilissima D. Leonor de Alvim, de quem teve dois filhos, mortos prematuramente, e uma unica filha D. Brites, esposa que foi do Conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, mãe de numerosa prole espalhada pelo universo. Pois della derivam muitos principes e reis da Europa, o imperador Carlos V e, nos nossos dias, o proprio rei de Portugal, D. Manuel II.

Ainda que se podem narrar muitos exemplos do saber e valor militar do Servo de Deus, das suas luctas e victorias para conquistar e manter a independencia e libertação da Patria, contudo basta-nos indicar apenas alguns e instructivos.

Desde os 23 annos de edade, em que obteve o commando supremo do exercito, até aos 62 annos (ou seja até 1422) libertou a Patria da invasão e jugo inimigo, luctando com denodo e valor, razão porque foi proclamado heroe invencivel e defensor da liberdade, e elevado pelo proprio monarca ao fastigio das honras e dignidadades do reino.

Os historiadores são concordes em affirmar que a sua fôrça e valor nas pelejas derivava da sua fé em Deus e piedade; e o illustre auctor do Agiologio Lusitano, que tão bem descreve a sua devoção especial para com o Santissimo Sacramento da Eucaristia e a Bemaventurada Virgem Maria, refere-nos a resposta que o Servo de Deus costumava dar aos que notavam a sua frequencia á mesa Eucaristica. «Que se alguem o quisesse vêr vencido pretendesse afastá-lo daquella Sagrada mesa em que Deus se dá em manjar aos homens, porque della lhe resultava todo o esfôrço e fortaleza com que vencia e debellava os seus contrarios.»

Ha documentos e provas esplendidas acêrca da sua eximia devoção e amor para com a Santissima Virgem, como são: a imagem da mesma Virgem Maria que

mandou pintar no seu pendão de guerra, qual penhor seguro de victoria; seis templos (dos sete que mandou erigir) foram dedicados á Virgem Mãe de Deus; as missas solemnes que ordenou fossem celebradas perpetuamente nos altares desses templos e os jejuns rigorosos que D. Nuno observava fielmente em todos os sabbados do anno e nas vigilias das festas da Senhora, ainda que fôssem dias de peleja.

Não admira pois que o Servo de Deus, fôsse tão casto e piedoso, nos tres estados de solteiro, casado e viuvo, e que depois da morte prematura da esposa, apesar de ser ainda novo, se recusasse a contraír segundas nupcias. Mais ainda, exemplo de pureza e temperança, refreava os seus soldados de quaesquer desmandos, com palavras, premios e castigos severos, dizendo amiude: «Que tanto teriam de victoriosos quanto de honestos, e o capitão que não amava esta angelica virtude entrava na batalha meio vencido.»

Armado destas virtudes e auxilios accomettia as pelejas; e attribuia, com grande fé e devoção, as victorias alcançadas pelo exercito do seu commando ao favor de Deus, por intercessão da Beatissima Virgem Maria.

Este Varão tão cumulado de honras, troféus gloriosos e dignidades, depois de libertada a patria e a religião, pondo a mira na sua perfeição espiritual, movido pelos exemplos e palavras de Nosso Senhor: «Se queres ser perfeito... segue-me», e ajudado pela graça de Deus, um dia, suspendendo a espada nas aras da Virgem, desprezando as riquezas, prazeres e honrarias mundanas, recolheu-se ao Convento do Carmo que elle mesmo mandara edificar e dotar, e no mês de julho de 1422, vestiu o hábito de irmão donato, com pasmo e edificação de todos, tomando o nome de Nuno de Santa Maria.

Julgava-se indigno do beneficio divino da vocação

religiosa, a tal ponto que nunca se pôde conseguir que abraçasse o Sacerdocio ou fizesse profissão de irmão de côro. Contentou-se sempre com o humilde officio e trabalhos de irmão leigo; mais de uma vez se lhe ouviu dizer: «Que na casa de Deus tudo é grande e que não viera a ella para descansar, mas para trabalhar como os outros.» Só a vontade dos superiores e do proprio Rei, a que o irmão donato logo obtemperou, é que impediu a realização do seu desejo de ir para outro mosteiro, longe de Lisboa e mesmo de Portugal, para fugir ás visitas frequentissimas que lhe fazia o povo e os próceres da côrte e para se entregar melhor ao trato com Deus.

Prova-se historicamente que o Servo de Deus excedeu de longe as glorias obtidas nas armas, pelo exercicio das virtudes religiosas no mosteiro carmelitano, e dando aos grandes do mundo exemplos de santidade, deixou aos religiosos norma da mais austera observancia.

Ao completar dez annos de vida cenobitica, sentindo imminente a morte, preparou-se para ella com actos muito mais fervorosos até o supremo dia. Quando este chegou, recebeu o Santo Viatico devotissimamente, fazendo-o preceder da profissão de fé católica; depois foi-lhe administrada a Extrema-unção. Assim refeito e robustecido, tomando a vela na mão esquerda e na direita o crucifixo, que mirava e beijava com ternissima devoção, emquanto um religioso lhe lia a Paixão de Christo Senhor Nosso, do Evangelho de S. João, ao chegar as palavras: «Eis a tua mãe», entregou o seu espirito ao Creador, no dia 1 de novembro do anno de 1431.

Delineada assim a vida e feitos do Servo de Deus, tratando da sentença confirmativa do seu culto immemorial, deve dizer-se o seguinte:

O processo ordinario de Lisboa, com a sentença dada aos 7 de março de 1914, foi apresentado á S. C. dos Ritos, e mostra que o culto que pública e ecclesiasticamen-

te se prestou ao Servo de Deus logo depois da morte, cresceu com o andar dos tempos, perseverando até hoje, com auctorização dos Ordinarios. Os documentos da Curia Patriarcal, da Bibiioteca Nacional de Lisboa, dos annaes, arquivos e chronistas da Ordem do Carmo, e muitos outros argumentos, narram e provam que a festa do Servo de Deus era celebrada annualmente em um dos primeiros dias de Novembro, com missa *de Commum de Confessor;* que deante do seu tumulo ardiam lampadas e quadros votivos; que lhe foram dedicadas capellas e altares; que suas imagens e estatuas com signaes de Bemaventurado e coroadas de aureolas, eram expostas á veneração particular e publica, distribuidas pelos fieis, que as pediam. Acrescem os reconhecimentos e trasladações do seu corpo e reliquias, feitas canonicamente em 1522, 1548, 1768, 1836 e 1906, em que se affirma ter havido graças e prodigios, operados por Deus por intervenção sua em favor dos fieis que imploravam seu auxilio; finalmente as supplicas dirigidas á Santa Sé para a Beatificação e Canonização conforme as leis e normas seguidas, pelos reis D. João IV e D. Pedro II e pelo episcopado português.

Entretanto aos 14 de fevereiro de 1917, a pedidos instantes do Em.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. Cardeal D. Antonio Mendes Bello, Patriarca de Lisboa e dos Rev.^mos^ Arcebispos e Bispos de Portugal, e bem assim do Rev.^mo^ Padre Gabriel Wessels, postulador geral da Ordem dos Carmelitas Calçados, dignava-se o Santo Padre Bento XV, attendendo ás circumstancias particulares desta causa, dispensar, por decreto da S. C. dos Ritos, das prescripções mandadas pelo Papa Pio X, de Santa memoria, com a data de 11 de novembro de 1912 e 31 de janeiro de 1913.

Portanto, como tudo estava preparado, e nada se oppunha ao proseguimento da causa, em face das instancias ardentes ao Santo Padre, do postulador da referida

Ordem e da causa, do Prior e Superior Geral dos Carmelitas, e das supplicatorias de todo o Episcopado lusitano, o Em.mo e Rev.mo Sr. Cardeal Vicente Vanutelli, Bispo de Ostia e Palestrina, decano do Sacro Collegio e ponente ou relator da causa, na reunião effectuada no Vaticano, em consesso pleno da S. C. dos Ritos propôs á discussão o seguinte quesito:

Se se deve ou não confirmar, para os effeitos de que se trata, a sentença do juiz delegado pelo Em.mo e Rev.mo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, para julgar da veracidade do culto immemorial prestado ao servo de Deus Nuno; ou seja, se é applicavel ou não a excepção decretada por S. S. Urbano VIII de santa memoria.

Os Em.mos e Rev.mos Padres que presidem aos Ritos, ouvida a relação do Em.mo Cardeal Ponente, ouvido o parecer oral e escrito do Rev. Padre D. Angelo Mariani, promotor da Fé, e depois de ponderar tudo accuradamente, resolveram responder:

Affirmativamente, ou a sentença deve ser confirmada, se assim o aprouver a Sua Santidade. Aos 15 de janeiro de 1918.

Feito depois ao Santissimo Papa Bento XV, pelo infraescrito Cardeal Pro-Prefeito da S. C. dos Ritos, o devido relato, Sua Santidade houve por confirmado e ratificado o rescrito da mesma Congregação, no dia 23 de janeiro de 1918.

† ANTONIO CARDEAL VICO, *Bispo do Porto e Santa Rufina, Pro-Prefeito da S. C. dos Ritos.*

L ✠ S

ALEXANDRE VERDE.

Secretario da S. C. dos Ritos.

Auto da identificação das Reliquias feita em 1918

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e dezoito, quarto do Pontificado do Santissimo Padre Bento XV, Papa, aos sete dias do mês de Fevereiro, na Sacristia da Igreja parochial de S. Vicente de Fóra d'esta cidade de Lisbôa, pela uma hora da tarde, compareceu o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Dom João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo de Mytilene, Vigario Geral do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Antonio I, Cardeal Mendes Bello, Patriarcha de Lisbôa, e os Excellentissimos Senhores General Thomaz Antonio Garcia Rosado, Chefe do Estado-maior do Exercito Português, Doutor Carlos Augusto Vellez Caldeira, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça, Doutor Antonio Aurelio da Costa Ferreira e Doutor Manoel Ferreira Cardoso, medicos; Affonso de Dornellas Cysneiros, publicista, comigo, José Manoel Pereira dos Reis, Licenciado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Juiz da Relação Patriarchal e Secretario da Camara Ecclesiastica do Patriarchado de Lisbôa, nomeados por Decreto Patriarchal de vinte e nove de Janeiro ultimo, respectivamente Presidente, Vogais e vogal-secretario d'uma Commissão para o exame e identificação das Reliquias do Santo Condestavel, B. Nuno Alvares Pereira, Religioso Professo da Ordem dos Carmelitas Calçados, do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisbôa, como acto preparatorio da trasladação das mesmas Reliquias para a Igreja de Santa Maria de Belem.

Lido por mim, Secretario, o Decreto acima referido, foi apresentado á Commissão um cofre de madeira forrado de velludo vermelho, guarnecido com galões de ouro, em cuja face anterior se lia, gravada numa chapa de prata, a seguinte inscripção: «Aqui estão os Ossos do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira que estiveram na antiga e já derrocada Igreja do Carmo e vieram para esta de S. Vicente de Fóra, sendo acompanhados até esta Capella de Sua Eminencia Reverendissima o Senhor Cardeal Patriarcha pelo Prior Monsenhor Joaquim Antonio Sant'Anna, e n'ella collocados em nove de Março de 1895.»

Pelo simples exame se verificou que este cofre é aquelle mesmo em que, no dia 21 de Março de mil setecentos e sessenta e oito, foram encerrados os Ossos do Santo Condestavel, catalogados e descriptos pelos peritos medicos, como consta do auto de trasladação a que nesse dia se procedeu por Decreto do Cardeal Patriarcha de Lisbôa, Dom Francisco de Saldanha, e cuja identidade foi attestada com juramento solemne pelo Prior e Religiosos do Convento de Nossa Senhora do Carmo, de cuja Igreja em ruinas se trasladavam as Reliquias do Santo Condestavel para a Igreja provisoria do mesmo Convento; no qual cofre as mencionadas Reliquias foram transportadas para a Igreja de S. Vicente de Fóra, por Aviso Regio do Ministerio da Justiça ao Cardeal Patriarcha de Lisbôa, Dom Patricio, que ali as recebeu, e desta Igreja para a Capella Particular dos Eminentissimos Cardeaes Patriarchas no edificio de São Vicente de Fóra, encontrando-se desde a occupação, por parte do Estado, do mencionado edificio de São Vicente, em principios do mês de Agosto de mil novecentos e doze, no Pantheon dos Principes da Casa de Bragança, d'onde foi retirado, na manhã d'este dia e para os effeitos da presente identificação, achando-se na dita Sacristia da Igreja.

Aberto por efracção o mesmo cofre, cuja chave desappareceu, foram encontrados quatro envoltorios contendo ossos e ainda alguns ossos dispersos no fundo do cofre.

Examinados os envoltorios, verificou-se que no primeiro existiam ossos e fragmentos de ossos que deveriam ser Reliquias de Santos, como o indicavam as inscripções impressas ou manuscriptas que alguns d'elles conservavam colladas; no segundo ossos e fragmentos de ossos que, segundo o depoimento dos peritos anthropologistas da Commissão, não podem attribuir-se á ossada do Santo Condestavel, ou porque denunciam, uns, edade menos avançada no individuo a que pertenceram, ou porque apresentam, outros, as caracteristicas de fazerem parte d'um esqueleto feminino; no terceiro envoltorio ossos e fragmentos de ossos que, segundo o testemunho dos mesmos peritos, pela sua densidade, contextura, dimensões e aspecto, pertenceram a individuo do sexo masculino e de avançada edade e juntamente um quarto envoltorio em que havia ossos e fragmentos de ossos envolvidos cada um no seu sacco de panno de linho branco, cuidadosamente cosido segundo o contorno do osso ou fragmento que encerrava, presos todos a um envolucro geral, reconhecendo-se ainda a existencia de muitos d'estes saccos, ou pequenos envolucros, cortados e vasios do seu conteúdo.

Os ossos encontrados n'este ultimo envoltorio constituem uma parte d'aquelles que os peritos, no exame a que se procedeu por ordem do Eminentissimo Cardial Netto, ao tempo Patriarcha de Lisbôa, no dia trinta e um de Janeiro de mil novecentos e seis, reconheceram indubitavelmente como referidos no auto da trasladação de 1768. A Commissão, tendo em vista os relatorios dos peritos de 1906, agora confirmados pelo vogal Doutor Ferreira Cardoso, considera os ditos ossos como pertencen-

tes á ossada do Santo Condestavel; outro tanto julga a respeito de um fragmento de illiaco encontrado no terceiro envoltorio, fóra do seu envolucro vazio, a cujo contorno exactamente se ajusta.

Os ossos encontrados no terceiro envoltorio, pelas circumstancias de este conter o quarto e de n'elle se achar o fragmento de illiaco acima mencionado, julga a Commissão, com probabilidade pouco distante da certeza completa, que todos hajam sido extrahidos dos saccos ou pequenos envolucros ora vasios, devendo assim considerar-se, embora sob ligeira reserva, como pertencendo á ossada veneranda do Santo Condestavel.

O que tudo a Commissão affirmou ser conforme á verdade, sob juramento aos Santos Evangelhos, prestado nas mãos do Excellentissimo e Reverendissimo Arcebispo de Mytilene.

Assim, deliberou a Commissão que os ossos do quarto envoltorio, como identificados sem a menor duvida, fossem encerrados n'um cofre de ferro nikelado, em cujo interior se guardará um escripto contendo essa indicação. Em cofre igual resolveu encerrar os ossos do terceiro envoltorio, acompanhados de um escripto donde constará a identificação sob reserva.

O que se effectuou n'uma subsequente sessão, realisada aos onze dias do mez de Fevereiro de mil novecentos e dezoito, na mencionada Sacristia da Igreja de S. Vicente de Fóra, sendo presentes as mesmas pessoas referidas no começo d'este auto.

O restos do Santo Condestavel e os ossos que com toda a probabilidade Lhe são attribuidos, envoltos em estofo de seda branca, foram encerrados separadamente nos dois cofres de ferro, pela maneira acima descripta, fechando-se em seguida os ditos cofres, os quaes foram ligados com cordão de seda vermelho, e sellados com o sello proprio da Commissão, pendente em caixa de metal.

Os mesmos cofres foram fixados, com grampos de ferro parafuzados, no fundo da urna ou cofre antigo de madeira forrado de velludo vermelho, no interior do qual se deixará o presente auto, depois de assignado e sellado, em tubo de folha de Flandres, sellado.

A referida urna será fechada com chave e ligada com cordão de seda vermelho, sellado com o mesmo sello proprio, pendente em duas caixas de metal, nas faces anterĩor e posterior da mesma urna, que, assim fechada e sellada, aguardará a trasladação que d'ella se fará para a Igreja de Santa Maria de Belem, onde as Reliquias gloriosas do Santo Condestavel repousarão, até que definitivamente sejam trasladadas para a Igreja de Santa Maria da Batalha, se assim fôr ordenado.

Para constar se lavrou o presente auto, que vai ser assignado por todos os Excellentissimos Vogaes d'esta Commissão, depois do Excellentissimo e Reverendissimo Arcebispo de Mytilene, Delegado do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Antonio I, Cardeal Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa, aos onze de Fevereiro de mil novecentos e dezoito.

E eu, José Manoel Pereira dos Reis, secretario, o subscrevi e assigno.

† JOÃO, *Arcebispo de Mytilene*
Thomaz Antonio Garcia Rosado
Carlos Augusto Vellez Caldeira Castel-Branco
Manuel Ferreira Cardoso
Affonso de Dornellas Cysneiros
Antonio Aurelio da Costa Ferreira
José Manuel Pereira dos Reis.

(Da *Vida Catholica*, n.º 61, pag. 393,-6)

IMAGEM DO BEATO NUNO QUE SE VENERA NA CAPELLA
DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO (LISBÔA)

A Ven. Ordem Terceira do Carmo e o B. Nuno Alvarez

A Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo é em Lisboa e no paiz a mais lidima representante da tradição do Santo Condestavel, sendo, como é originariamente, fundação sua.

Os Terceiros Carmelitas de Lisboa são ainda hoje a familia espiritual de Nun'Alvares, orgulhando-se justamente da sua illustre e santa ascendencia.

A Veneravel Ordem Terceira foi, nos seus inicios, uma simples *Confraria do Escapulario,* transformada em *Ordem* por auctoridade do Papa Xisto IV, datando de 16 de Junho de 1665 o seu primeiro compromisso, approvado pelo Provincial e Geral da Ordem dos Carmelitas.

Das origens da Confraria dá testemunho um valioso manuscripto arrecadado no Archivo da V. O. T., copia do seculo XVIII do original que se perdeu e que era certamente anterior a 1665, data da transformação da Irmandade em Ordem III.

Transcrevemos o titulo do manuscripto e a noticia que nelle se encontra da fundação da Irmandade do Escapulario.

REFORMA — DO — COMPROMISSO — DA IRMANDADE DE N. S. — DO VENCIMENTO — DO MONTE DO CAR — MO, ESTABELECIDA — NO REAL CONVENTO DA — MESMA SENHORA — DESTA CIDADE — DE LISBOA. —

Legenda frontispicial dentro de um escudete ornamental setecentista, encimado por uma coroa de conde rudimentarmente desenhada.

(fl. 6) *Introducção.* Foi erecta esta Irmandade e confraria denominada do Bentinho, pello Servo de Deos o Conde D. Nuno Alvares Pereira, Magnanimo Fundador deste Convento, logo que despois que para elle vierão aquelles devotos Relligiosos, que mandou buscar do de Moura: sendo aprovada pelo Senhor Rey D. João o 1.º de gloriosa memoria; que a instancia do veneravel Fundador, a tomou debaixo de sua protecção: e confirmada por D. Frey Gomes, Bispo Titular Eborence (?) actual Prior do dito Convento e Vigario Geral de toda a Ordem com Authoridade Apostolica em Portugal... (fl. 6, v.). Foram os primeiros Irmãos desta Irmandade os criados do Veneravel Conde, a saber: O seu Mordomo, Estribeiro, Medico, Gentilhomens, dos quais descendem muitas familias Illustres destes Reynos; e he tradição constante que o Veneravel Conde os mandava servir em os dias festivos no Altar de Acolitos e Thuriferarios, por serem naquelle tempo poucos os Relligiosos que havia no Convento para satisfazer ás obrigações daquelles Ministerios,... e como o Veneravel Conde viveu muitos annos entre os mesmos Relligiosos: he sem duvida que aquelles Irmãos e criados seus o haviam de acompanhar nos mesmos actos, para os quais os conduzia o seu virtuoso exemplo.

(Nota communicada pelo Sr. Dr. Pereira dos Reis.)

ILLUSTRAÇÕES

NA CAPA

Vista das ruinas da Egreja do Carmo (interior).
Bandeira e espada do Condestavel. *Ambos estes desenhos são do Sr. Alfredo Moraes.*

FORA DO TEXTO

Quadro de D. Nuno Alvarez, *da casa Pombal.*
Vestição de D. Nuno, por *Gonella.*
Vista geral do Mosteiro da Batalha.
Gloria do Beato Nuno Alvarez, por *Gonella.*
Imagem do Beato Nuno que se venera na Capella da Ordem Terceira do Carmo.

NO CONTEXTO

INDICE

Nihil obstat
Ulisipone, die 2 januarii 1919

SAC. J. M. PEREIRA DOS REIS
Cens. dep.

Imprimi potest
Ulisipone, die 2 januarii 1919

† JOANNES,
Archiepiscopus Mytilenensis

Nihil obstat
Romae, die 21 januarii 1919

CAROLUS SALOTTI
S. Cons. Adv. S. R. Congreg. Adsessor